



Elizabeth Bastos Grandmasson Chaves

‘DESIGN NO EXTERIOR’

**O ensino do design em ambiente não convencional
Programa de viagens internacionais com propósito
acadêmico**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Design do
Departamento de Artes & Design da PUC-Rio

Orientação: Prof^a Rita Maria de Souza Couto
Co-orientador: Prof^a. Flavia Nizia da Fonseca Ribeiro

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2015



Elizabeth Bastos Grandmasson Chaves

‘DESIGN NO EXTERIOR’

O ensino do design em ambiente não convencional Programa de viagens internacionais com propósito acadêmico

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Rita Maria de Souza Couto

Orientadora
Departamento de Artes & Design -PUC-Rio

Profa. Flavia Nizia da Fonseca Ribeiro

Co-orientadora
Departamento de Artes & Design -PUC-Rio

Profa. Maria Aparecida Campos Mamede-Neves

Departamento de Educação PUC-Rio

Profa. Renata Vilanova

Universidade Federal Fluminense –UFF

Profa. Luiza Novaes

Departamento de Artes & Design PUC-Rio

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas –PUC-Rio

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Elizabeth Bastos Grandmasson Chaves

Graduou-se em Desenho Industrial, com habilitação em Comunicação Visual, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ em 1985. Desde 1987 é sócia da empresa Grandmasson Planejamento Visual Ltda, tendo exercido a prática do design para os mais diversos segmentos do mercado brasileiro, alcançando a marca de mais de 1.000 projetos realizados. É professora do quadro complementar do Departamento de Artes & Design da PUC- Rio desde 1996. Supervisão das disciplinas de Gráfica e posteriormente de Estágio Supervisionado. Em 1999 foi convidada pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, para dirigir o curso de graduação em Desenho Industrial daquela Instituição, nos campus, Barra da Tijuca e Rio Comprido. Em 2006, participou dos grupos de trabalho que projetou e implantou o novo currículo do curso de graduação em Design da PUC-Rio, vigente desde 2007. Desde 2006 assumiu a coordenação do Escritório Modelo de Design PUC-Rio até o presente, onde ensina a prática profissional a equipes de alunos estagiários.

Ficha Catalográfica

Chaves, Elizabeth Bastos Grandmasson

'Design no exterior' o ensino do design em ambiente não convencional programa de viagens internacionais com propósito acadêmico / Elizabeth Bastos Grandmasson Chaves ; orientador: Rita Maria de Souza Couto ; co-orientador: Flavia Nizia da Fonseca Ribeiro. – 2015.

211 f. : il.(color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2015.

Inclui bibliografia

1. Artes e design – Teses. 2. Experiência acadêmica. 3. Educação inovadora. 4. Ensino de design. I. Couto, Rita Maria de Souza. II. Ribeiro, Flavia Nizia da Fonseca. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. IV. Título.

COD 700

Aos meus pais, que certamente
teriam adorado me ver concluindo
mais esta etapa, e aos meus filhos,
a quem espero sempre poder orgulhar.

Agradecimentos

Escolhi enumerar minha gratidão distribuída ao longo do tempo, não saberia fazê-la por ordem de importância, uma vez que tenho tanto a agradecer a tantas pessoas.

Entendendo que este resultado tenha surgido como consequência de um longo trabalho que fiz na PUC-Rio, não posso perder a oportunidade de agradecer a todos aqueles com os quais convivo desde que aqui cheguei e que tornam o meu dia a dia sempre mais fácil e agradável por toda a sua ajuda. Tive muita sorte, vocês, que são a PUC-Rio, sempre foram incríveis e me fizeram sentir parte da família.

A todos os professores do curso de design e da PUC-Rio, colegas que tanto me ensinaram e ainda ensinam. Agradeço a alguns pela afinidade, pela compreensão, pelo carinho, a outros a quem posso hoje chamar de amigos, a vários colegas espetaculares, a alguns pelas diferenças, a outros pela admiração que despertam, outros por suas contribuições para o curso e para meu crescimento, alguns que já se foram, e a alguns que já foram meus alunos e que me enchem de orgulho e inspiração.

À prof. Vera Damazio, que me descobriu professora e me confiou minha primeira turma.

Ao prof. Alfredo Jefferson, que acreditou e incentivou a experiência objeto deste estudo, desde o início.

À todos os diretores e coordenadores que já tive no Departamento. A cada gestão alguma coisa mudava, mas foi incrível ver de perto o quanto são diferentes entre si e ao mesmo tempo o quanto vocês todos se doam e tornam este nosso curso cada vez mais importante dentro e fora da PUC, dentro e fora do Brasil. Vocês todos trabalharam duro para isso e deu pra ver. Acho que demorei um pouco para encaixar o mestrado em minha rotina, mas aqui está ele. Sei que isso deixa cada um de vocês felizes!

Aos funcionários e laboratoristas do curso de Design, sempre tão solícitos, colaborativos e cuidadosos. Obrigada por toda a sua ajuda, ensinamento e disponibilidade sempre.

Em especial a Aylton Pessanha e Verônica Paiva que sempre me ajudam na divulgação das viagens e a Romario de Souza e Silva e Diego Silva pelo apoio paciente durante a pós graduação. A Rodrigo Medeiros, que pacientemente me apoiou na formatação deste documento.

Aos designers profissionais que conheço e com quem venho convivendo e seguindo de perto as trajetórias. Ter a chance de observar e acompanhar é aprender muito também.

A todos os alunos com quem já pude trocar e que me inspiram sempre. Gostaria de poder enumerá-los aqui pelos nomes, mas que, 36 semestres depois, já atingiram a marca dos milhares. Mesmo assim, vocês transformaram a minha vida. Obrigada.

À todos os alunos que me acompanharam de perto como monitores, que tanto me ajudaram e com quem pude compartilhar momentos importantes.

Aos alunos que pude conhecer melhor trabalhando juntos. Foi sempre um grande prazer trabalhar em design e na companhia de vocês! Vibro de verdade com suas conquistas e devo essa minha também a vocês!

Muito obrigada aos professores Luiza Novaes, Amador Perez e Irina Aragão por suas companhias, contribuições e parcerias durante nossas inesquecíveis viagens

Obrigada aos meu ex-alunos e designers queridos que estão estudando, trabalhando e morando no exterior e que, além de me abrirem muitas e muitas portas, enriqueceram os programas com suas participações e depoimentos

Obrigada a todos os amigos estrangeiros e quase brasileiros que fiz durante todas estas viagens. Vocês ajudam muito sempre e fizeram deste programa o sucesso em que se tornou. Um obrigada especial a Roberto de Vicq de Cumplich, sempre tão impressionante a cada encontro.

Meu obrigada a todos os alunos que já viajaram comigo e que tornaram esta experiência possível. Em especial, agradeço à família Massotti pela confiança em me prestigiar com a companhia de seus 3 filhos designers, Mariana, Fernanda e André, em todos os destinos oferecidos.

Também de forma especial, quero agradecer à Melissa Jordan, Vick Fetti, Isabella Massari e Mariana Santos por terem me emprestado seus preciosos cadernos de viagem por tanto tempo. Valeu meninas!

Super obrigada à minha querida ex-aluna e atual parceira Liana Nigri. Suas contribuições aos programas que fizemos juntas foram incríveis e conviver com você de perto, me fez admirá-la ainda mais. Você já é uma professora!

Obrigada ao querido Luiz Ludwig que, além das dicas preciosas, nos deu o prazer de sua companhia e cooperação durante algumas visitas em NY. Vê-lo agora professor e colega me faz muito feliz realmente.

À minha querida orientadora Rita Couto, antes de mais nada por ter me feito acreditar que conseguiria incluir este mestrado em minha rotina tão atribulada. Não é que deu certo? E passou tão rápido...

A Roberta Portas e Marcelo Pereira, que fizeram minhas cartas de recomendação para o mestrado. Valeu!

De novo à Rita Couto, por sua disponibilidade, generosidade e sensibilidade como orientadora, ao me guiar ao longo de todo o processo. Você não existe!

À minha também querida ex-estagiária de escritório, Flavia Nizia Ribeiro, que saiu-se muito bem no papel de co-orientadora deste projeto. Obrigada mesmo por todas as contribuições.

Agradeço aos meus professores e colegas de mestrado que sempre contribuíram tanto com suas críticas e sugestões sempre pertinentes. Em especial à Aparecida \ Mamede, que chegou recentemente à minha vida, mas que fez a diferença neste trabalho.

Agradeço ao meu colega Roberto Todor, por me apresentar a Rui Canário, um dos autores cujo pensamento tão bem me conduziu pela pesquisa.

À minha incrível secretária Patricia Lane, sempre tão eficiente e cuidadosa. Seu apoio é sempre fundamental.

Obrigada à colega Barbara Necyk, por sua compreensiva cobertura em Projeto 7-CV, em tempos tão atribulados para mim.

Agradeço sempre à Karla de Souza, por todo apoio que me dá na produção cuidadosa deos trabalhos do Escritório Modelo de Design PUC-Rio.

Aos meus atuais estagiários do Escritório Modelo. Anna Janot, Miguel Figueira de Mello e Camila Ferreira por suas coberturas, suas aulas cuidadosas de InDesign, encadernação e todo o apoio. Muito bom ter vocês por perto, obrigada!

Agradeço também à minha banca, pelo carinho e disponibilidade em aceitar meu convite. Aparecida Mamede, Renata Vilanova e Luiza Novaes, obrigada.

Resumo

Chaves, Elizabeth B. G; Couto, Rita Maria de Souza; **‘DESIGN NO EXTERIOR’ O ensino do design em ambiente não convencional Programa de viagens internacionais com propósito acadêmico** -Rio de Janeiro, 2015. 211p. Dissertação de Mestrado- Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação tem por tema uma experiência acadêmica que vem ocorrendo desde o ano de 2006 no curso de Design da PUC-Rio, intitulada ‘Design no Exterior’, que são viagens guiadas com fins acadêmicos, nas quais um grupo de alunos participa de inúmeras atividades programadas e disparadoras de crítica e reflexão sobre o campo do Design. Para a consecução dos objetivos propostos foram realizados estudos sobre questões de aprendizagem, experiências pedagógicas inovadoras e ensino do Design, tendo por fio condutor o pensamento de autores como Rui Canário, Julio Cesar Furtado dos Santos, Malcolm Parlett e David Hamilton, Aparecida Mamede-Neves, Gustavo Bonfim e Carlos Teixeira. A pesquisa empírica abrangeu a análise de vasto material recolhido durante nove edições do programa. Na presente pesquisa a edição de 2014 foi tomada como base de análise, não apenas para discutir a relação entre os agentes envolvidos com o programa, como também avaliar efeitos e eventuais benefícios desta experiência educacional inovadora junto ao público alvo.

Palavra-Chave

Experiência acadêmica; educação inovadora; ensino de design.

Abstract

Chaves, Elizabeth B. G; Couto, Rita Maria de Souza. (Advisor) **'DESIGN IN EXTERIOR' O design education in unconventional setting international travel program with academic purpose** -Rio de Janeiro, 2015. 211p. MSc. Dissertation- Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation is about an academic experience that has been going on since 2006 in the Design course at PUC-Rio, entitled 'Design Abroad', which are guided tours with academic purposes, where a group of students participates in numerous scheduled activities that triggers criticism and reflection on the field of Design. To achieve the goals, studies on learning issues, innovative teaching experiences and Design teaching, were made with the guiding thought of authors like Rui Canario, Julio Cesar Furtado dos Santos, Malcolm Parlett and David Hamilton, Aparecida Mamede-Neves, Gustavo Bonfim and Carlos Teixeira. The empirical research covered the analysis on the vast material collected for nine editions of the program. In the present study, the 2014 edition was taken as an analysis base, not only to discuss the relations between those involved with the program, as well as to evaluate the effects and possible benefits of this innovative educational experience with the target.

Keywords

Academic experience; innovative education; design education.

Sumário

Introdução	16
1.1 Como tudo começou - Entre 1985 e 1995	16
1.2 Entre 1996 e 2005	17
1.3 Inocência, empatia e coragem	18
1.4 Design e cidadania	28
15 Realidade e adesão	34
1.6 Estilo e oportunidade	36
1.7 Estrutura e abordagem	38
2- Experiência Pedagógicas Inovadoras	41
2.1 Um pouco de História	41
2.2 Em busca de um novo cenário	45
2.3 A oportunidade de inovação	46
2.4 Definindo melhor o conceito de inovação	49
2.5 Renovação: inovação de prazo	49
2.6 A inovação na prática educacional	53
2.7 Sobre aprendizagem	55
2.8 Aprender, um ato social	60
2.9 Ensinar, um ato significativo	62
2.10 Pedagogia Inovadora	71
2.11 A validação pela avaliação	76
2.12 A transformação	84
3- Um pouco sobre o design seu ensino	86
3.1 O nascimento do Design	89
3.2 O ensino de Design e a crise	92
3.3 Repensando o ensino de Design	96
3.4 Hora de mudanças	98

3.5 Ideias como centro das atenções	102
3.6 Cenário aberto	104
4. A Proposta da viagem	106
4.1 Viagens de formação e seu poder de transformação	106
4.2 Algumas propostas similares fora da PUC-Rio	107
4.3 Design no Exterior, uma proposta da PUC-Rio	109
4.4 De disciplina eletiva a atividade complementar	112
4.5 O recorte	114
4.6 A montagem da experiência piloto	115
4.6.1 Agosto de 2005	116
4.6.2 Mãos à obra. Planejando a viagem	116
4.6.3 Setembro de 2005	116
4.7 Chegou a hora: a viagem 1	123
4.8 De volta ao Rio de Janeiro. Programa bem sucedido	128
4.8.1 Alguns aprendizados nossos	129
4.8.2 A produção dos alunos	130
4.8.3 Refletindo sobre estes resultados	144
4.8.4 As viagens de 2 a 8	144
4.8.5 Mais um recorte: difícil, mas necessário	154
4.8.6 Diários gráficos	154
4.8.7 Comunicação visual e divulgação das viagens	158
5. As trocas	161
5.1 Com os professores	161
5.2 As parcerias	162
5.2.1 Professora Luiza Novaes	165
5.2.2 Diagrama Luiza Novaes	166
5.2.3 Professora Irina Aragão	167
5.2.4 Diagrama Irina Aragão	167
5.2.5 Professor Amador Perez	168
5.2.6 Diagrama discurso Amador Perez	171
5.3 Com os alunos	172

5.3.1 Grupo focal com alunos participantes	172
5.3.2 Selecionando o grupo	173
5.3.3 O que ficou	176
5.3.4 Diagrama do grupo focal	177
6. Uma investigação	179
6.1 Em busca de Síntese	179
6.2 Surge uma metodologia	182
6.2.1 Tabela em símbolos do programa DESIGN NO EXTERIOR 2014-NY	185
6.2.2 Respostas ilustradas	191
6.2.3 Visualizando a matemática	194
6.2.4 Desdobramento 1	195
6.2.5 Desdobramentos 2	198
6.2.6 Consolidação dos desdobramentos	200
6.2.7 Resultados gerais	201
7. Considerações finais	203
7.1 Integração e aprendizagem	203
7.2 Razão e emoção	204
7.3 Visualizando opiniões	205
7.4 Designer Professora ou Professora de Design?	206
7.5 Potencialidade	207
7.6 Design para o futuro	207
8 Referências Bibliográficas	208
9. Anexo	
Anexo 1: CD com caderno de viagens; tabela de geral; desdobramento instagram; encontros e eventos; entrevistas com Professores.	

Lista de Figuras

Figura 1: Assinatura visual das entidades atendidas	20
Figura 2: Carta de agradecimento de Hebert de Souza	24
Figura 3: Montagem de fotos	25
Figura 4: Reportagem de O Globo Bairros /Barra da Tijuca	26
Figura 5: Reportagem do jornal da PUC-Rio	26
Figura 6: Jornal Tribuna da Imprensa.	27
Figura 7: Carta de abertura de semestre do DAD	28
Figura 8: Carta de agradecimento da Sociedade Viva Cazuza.	33
Figura 9: Carta de agradecimento do Grupo Afro-Reggae	34
Figura 10: A Prática Educacional nos Últimos Tempos, Rui Canário.	44
Figura 11: Uma Alternativa ao Sistema Educacional Vigente, Rui Canário.	45
Figura 12: Inovação como Sistema de Modernização, L. E. W. Wanderley.	50
Figura 13: A Decisão no Processo de Inovação, E. Rogers.	52
Figura 14: A Inovação na Reforma da Educação Universitária no Brasil, Wanderley.	55
Figura 15: Modelo de Desenvolvimento da Didática, Mamede Neves	57
Figura 16: A Valorização do Processo na Aprendizagem, Kurt Levin	60
Figura 17: Teorias sobre Aprendizagem/Características Sociais, Mamede Neves.	62
Figura 18: O Futuro da Educação, J. C. Furtado	64
Figura 19: Passos consecutivos para a aprendizagem Significativa, J. C. Furtado	70
Figura 20: Nova Epistemologia do Conhecimento, Rui Canário.	72
Figura 21: Pedagogia Inovadora, Rui Canário.	75
Figura 22: Avaliação Iluminativa, Parlett e Hamilton.	81
Figura 23: A Mudança para a Avaliação Iluminativa, Parlett e Hamilton	84
Figura 24: Sistema de Solução de Problemas do Design	87
Figura 25: Diagrama e pensamentos meus	88
Figura 26: Breve História do Design, G. Bonfim (diagrama meu).	90
Figura 27: <i>Manifesto for Design Education</i> .	93
Figura 28: <i>Reflections on Manifesto for Design Education 2011</i> , G. Bonsiepe.	94
Figura 29: Rethinking Design Education for the 21 st Century: Theoretical Methodological and Ethical Discussion, A. Findelli (diagrama meu).	96

Figura 30: <i>Why Design Education must Change</i> , D. Norman	100
Figura 31: O ensino para os novos tempos C. Teixeira	103
Figura 32: Exemplos de programas, ingressos e mapa feito por ex-aluna	117
Figura 33: Jogo de tabuleiro do aluno Igor Benchimol, desenvolvido para a G1	132
Figura 34: História em Quadrinhos da aluna Beatriz Folly, desenvolvida para a G1	136
Figura 35: Maquete de Gustavo Italiani, desenvolvida para a G1	139
Figura 36: Alunos com alguns cadernos de viagens.	158
Figura 37: Alguns cartazes dos programas com todos os destinos oferecidos até 9ª edição do programa	159
Figura 38: Diagrama meu sobre a entrevista com a professora Luiza Novaes.	166
Figura 39: Diagrama meu sobre a entrevista da professora Irina Aragão.	167
Figura 40: Diagrama meu sobre a entrevista do professor Amador Perez.	171
Figura 41: Reunião de grupo focal.	175
Figura 42: Diagrama meu sobre o grupo focal.	178
Figura 43: Tabela sobre um dia de viagem.	181
Figura 44: Marcadores de Razão.	183
Figura 45: Marcadores de Emoção.	184
Figura 46: Tabela 1 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY	186
Figura 47: Tabela 2 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY	187
Figura 48: Tabela 3 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY	188
Figura 49: Tabela 4 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-bNY	189
Figura 50: Tabela 5 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY	190
Figura 51: Tabela em símbolos do programa	192
Figura 52: Gráfico da ocorrência dos números encontrados.	193
Figura 53: Estampas com o conjunto de marcadores	194
Figura 54: Símbolo da categoria “Piada Interna”.	195
Figura 55: Exemplo do desdobramento.	197
Figura 56: Reportagem no Jornal do Brasil.	198
Figura 57: Ampliação da capa, contra-capas e dois <i>spreads</i>	199
Figura 58: Tabela de consolidação dos desdobramentos.	201
Figura 59: Tabela de soma dos marcadores de cada categoria.	201
Figura 60: Consolidação geral das tabelas.	202

Introdução

Talvez eu devesse começar dizendo que, apesar de ter relutado em aceitar, este trabalho é auto biográfico. Antes de mais nada, a paixão pelo campo e muitos anos de prática profissional, acabaram me conduzindo à docência. O Design, este território novo, que ainda não se configurou completamente (se é que isso um dia vai acontecer), que chegou ao Brasil ao mesmo tempo em que cheguei ao mundo era, naquela época, ainda mais misterioso. Meu portfolio, vibrante e variado, depois de nove anos de prática, demonstrava o quanto eu já havia produzido para os mais diversos segmentos de mercado e me abriu as portas da universidade. Quando me tornei professora do curso de graduação da PUC-Rio, eu já tinha muito para ensinar e mais ainda para aprender. É da forma como enfrentei esse desafio que trata esta dissertação. O ensino do Design em ambiente não convencional surgiu como consequência de um pensamento meu e de características pessoais que acabaram por me conduzir a explorar os limites da docência além dos moldes tradicionais.

1.1 Como tudo começou - Entre 1985 e 1995

O Design pra mim tem sido mais do que uma opção profissional. Ele se tornou uma escolha de vida e tem me trazido muitas alegrias. Sempre adorei a vida de escritório e os desafios que a prática daquele ofício tão novo me apresentava desde que constituí minha própria empresa, em 1987. Não há um dia igual ao outro, os problemas apresentados e as soluções propostas são sempre únicas e, na mesma medida em que sofremos antes de ter certeza de que o

caminho que estamos explorando vai funcionar, sentimos a enorme recompensa que é o prazer de encontrar aquela solução adequada para cada caso. Isso sem contar o verdadeiro orgulho que se experimenta ao vermos em uso, um trabalho que concebemos. Apesar de todo entusiasmo na luta para encontrar o meu lugar no mercado, e da satisfação com cada nova conquista em minha carreira, achava um pouco solitário este exercício... O grupo de discussão de cada caso acabava restrito aos funcionários do escritório e, quando muito, de alguma visita pontual que estivesse ali naquele momento e pudesse se juntar a nós... Faltava alguma coisa...

1.2 **Entre 1996 e 2005**

Tudo mudou quando em agosto de 1996 fui convidada para lecionar no curso de Desenho Industrial da PUC Rio, na época, era assim que ele se chamava. Depois que me aproximei da universidade, um novo mundo se descortinou para mim. Passei a fazer parte de novos grupos, colegas professores com quem discutir e compartilhar angústias e conquistas da profissão, amigos a quem recorrer em tempos de dúvidas e questionamentos e, sobretudo muitos alunos... jovens interessados naquela minha profissão e que me colocavam sempre numa posição de quebra de paradigmas, de busca de novos pontos de vista e de ampliação de recursos. Me encontrei. Como professora, me passavam pela cabeça muitas novas formas de abordar os conteúdos que devia ministrar, sempre interessada em manter a turma o mais comprometida e entusiasmada possível. Como jovem mãe, havia escolhido para meus filhos pequenos, uma escola que usava o método construtivista, convicta de que haveria ressonância entre o que fosse vivido na vida e na escola. Intuitivamente, acreditava mesmo em vivenciar o aprendizado como melhor forma de mantê-lo vivo e significativo. Mas, olhando agora pelo que passei, com o distanciamento que o tempo trouxe, consigo definir o que ocorreu em 3 tempos:

1.3 Inocência, empatia e coragem

Começar pela inocência me faz lembrar de como me senti diante do desafio de ser professora. Nunca estudei didática ou sequer conhecia algo sobre lecionar.. Apesar de me sentir quase insequente, estava muito entusiasmada e sentindo grande curiosidade. Como seriam os alunos? Quantos seriam? Qual seria a sua expectativa? O que eu teria de enfrentar? O que devia falar, como devia proceder? Como eu me sairia? Embora tenha recebido das mãos da professora Vera Damazio, a quem eu deveria substituir naquela disciplina- por ter acabado de se tornar diretora do departamento-, a ementa da disciplina e alguns exemplos dos exercícios que ela usava, devo confessar que quase congelei. Nesse ponto, acho que a confiança dela ao me convidar para o posto me encorajou e permitiu que eu seguisse adiante. Mas, ainda assim, completamente inocente. Para este adjetivo, o dicionário¹ diz:

Inocência: s.f. Característica, estado do que é inocente; falta de culpa. Atributo da pessoa que não consegue cometer ato ilícito; condição de quem não culpado(crime). Desprovido de malícia; excesso de ingenuidade; pureza. Grande candura proveniente da ignorância.

O que salvava aqui era o fato de que esta disciplina era oferecida aos alunos calouros, tão ingênuos quanto eu. Estávamos chegando juntos a este novo mundo que é a universidade. Embora em papéis diferentes, nossa afinidade me confortava. Lembro que logo em meu primeiro semestre, 1996/2, ao receber para ministrara disciplina “Introdução ao Laboratório de Representação Gráfica” eu já me sentia bastante provocada em fazer diferente e fazer a diferença. Talvez por ter sofrido um pouco na transição entre a minha vida acadêmica e a profissional, entendi que este seria um bom caminho. Quando terminei meu curso, eu pouco ou nada sabia sobre as questões da prática profissional, e achei que poderia ter sido pelo menos um pouco diferente. Como será que eu poderia me tornar uma boa

professora? Lembro que me fiz essa pergunta, e achei que para respondê-la eu deveria me deixar contaminar por um dos aspectos que mais gosto no Design: o da empatia. Para isso, o dicionário² diz:

Empatia: s.f. Aptidão para se identificar com o outro, sentindo o que ele sente, desejando o que ele deseja, aprendendo da maneira como ele aprende etc. Psicologia. Identificação de um sujeito com outro; quando alguém, através de suas próprias especulações ou sensações, se coloca no lugar de outra pessoa, tentando entendê-la. Competência emocional para depreender o significado de um objeto, geralmente, um quadro, uma pintura etc. Faculdade para idealizar ou traçar a personalidade de alguém, projetando-a num dado objeto, de maneira que tal objeto pareça estar indissociável desta. Sociologia. Compreensão do Eu social a partir de três recursos: enxergar-se de acordo com a opinião de outra pessoa; enxergar os outros de acordo com a opinião de outra pessoa; enxergar os

Antes de mais nada como Designer, certamente estava mais uma vez buscando meus dados de projeto e me colocando no lugar do outro. Afinal, eu sabia que seria uma Designer-professora, e que podia contar com os recursos do Design para enfrentar aquele desafio. Vieram os questionamentos: Como teria sido um professor ideal pra mim enquanto estava na faculdade? Que características ele teria? O que teria sido bom aprender na graduação antes de me lançar a esse mercado tão hostil e competitivo? Como aprender com prazer? Como levar ao exercício acadêmico o mesmo prazer do fazer? Eu precisava encontrar sentido para ter sucesso nas etapas que se seguiriam.

Acredito mesmo que trabalhar fazendo aquilo de que se gosta é um dos grandes prazeres da vida. E uma das coisas mais positivas que senti ao me tornar uma professora de Design foi que, além de compartilhar com minhas turmas esse amor pelo campo, poderia ajudar a transformá-los em seus processos de amadurecimento profissional. Fiquei muito impressionada ao entender tão de perto o papel de um professor. A responsabilidade era enorme, mas confiaram em mim e me lancei ao desafio cheia de estímulos. Intuitivamente era capaz de entender que o que me separava daqueles alunos era apenas alguns anos de prática e com minha primeiras turmas construí também o laço da cumplicidade. Éramos todos tão inocentes... Eles em sua relação com o curso que haviam recém escolhido e eu em relação àquele novo papel de difusora de conhecimentos. Foi fácil perceber que quanto mais eu os convidava a participar ativamente na troca ensino-aprendizagem, mais satisfatória era a resposta.



Figura 1: Assinatura visual de algumas das entidades atendidas

O cenário agora era outro. Tudo era discutido, partilhado e conduzido em conjunto. Toda vez que chegávamos a uma bifurcação, eu novamente os chamava a opinar, a questionar e escolhíamos juntos pelo caminho apontado pela maioria. Um grande processo coletivo, onde não me importava demonstrar que não sabia algo, já que poderia me disponibilizar a buscar, para esclarecer em um momento seguinte. Ainda ingenuamente, conseguia perceber que a única forma de trabalhar em um projeto com aplicação real mantendo a turma altamente motivada por esta perspectiva.

Foi quando pensei que poderia ser bem proveitosa a oportunidade de direcionar o potencial criativo de 30 jovens para um alvo social, que sempre julguei da maior importância. Aproveitei a proximidade com uma amiga, Miriam Collares, à época assistente do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, no Ibase. Ao consultá-la sobre a possibilidade de desenvolvermos juntas esse trabalho, ela logo se prontificou. Nos reunimos para discutir as demandas do programa “Ação da Cidadania contra a fome, a miséria e pela vida”, e logo o primeiro briefing se

configurou: seria a criação de um cartaz que pudesse alertar para a discriminação social, contribuindo para aproximar a juventude do morro e a do asfalto.

Como tutora destas experiências, a exposição também era grande e não teríamos sucesso se, em conjunto, não estivéssemos todos muito envolvidos. Fora nossos compromissos acadêmicos, existia também o cliente, sempre ávido por ver representadas visualmente as suas demandas.

Assim, a cada novo semestre, eu e minhas turmas atendíamos a várias entidades como: Ação da Cidadania pela vida, contra a miséria e a fome, Afroreggae, FIA-Fundação pela Infância e Adolescência, Abrapia, Sociedade Viva Cazuza, Casa Ronald Mac Donald, dentre outras. Havia uma fila de espera, pois o nosso timing dependia da evolução dos períodos e, só conseguíamos atender a um cliente por semestre. Sempre havia demanda de material gráfico por parte destas entidades, fosse para expressar suas filosofias, para captar recursos ou para alcançar resultados específicos. Via crescer com isso também a nossa estima a partir da valorização de nossos papéis enquanto cidadãos e da importância do Design nestas ações.

Como bem reivindicou o Designer inglês Ken Garland, através do manifesto *First Things First*, que vim a conhecer durante os estudos do mestrado, o papel do Designer pode e deve ser ampliado através de contribuições significativas para a sociedade. O manifesto original contou com apenas 22 assinaturas entre estudantes, fotógrafos e Designers gráficos e, publicado em 1964, teve boa repercussão. Para eles, nossa missão no mundo se apresentava com um potencial para além do “embelezamento” superficial de conteúdo. Eles culpavam o aparato publicitário de desperdiçar seus talentos criando campanhas que em nada contribuía para o progresso da sociedade. Cansados de trabalhar apenas para fins lucrativos e vendendo produtos banais, reivindicavam maior participação em contextos sociais e culturais e que pudessem contribuir com a elevação da consciência do mundo.

Em 2000, o manifesto foi atualizado e alcançou a marca de 400 assinaturas, entre Designers gráficos, diretores de arte e comunicadores visuais contemporâneos. Publicado pela Emigre, Eye e outras importantes revistas do meio, desta vez nem

os professores escaparam da crítica, e foram acusados de encorajar os futuros profissionais a manter esta crença mercadológica equivocada, no lugar de prepará-los para uma atuação mais digna e comprometida da profissão. Neste ambiente saturado de mensagens e imagens desnecessárias, pleitearam participação de apoio a causas mais nobres, para além do consumismo, e favoráveis à sociedade, demandando desta vez urgência, em face do pequeno deslocamento que houve entre o manifesto original e sua revisão, mesmo que mais de 3 décadas depois. Ainda que não soubesse nada a respeito deste manifesto, nesta mesma época, esta preocupação também me afligia de certa forma, mesmo antes de começar a lecionar. Sempre quis encontrar uma forma de usar o Design para apoiar causas importantes e ajudar pessoas, só não sabia como fazê-lo, me faltava a oportunidade. Em meu primeiro semestre como professora, esta chance se configurou, o que me deixou muito feliz e me fez me envolver ainda mais.

Acho que a única entidade que procurei foi a primeira delas, o Ibase, pois com o passar do tempo, elas começaram a nos procurar. Inicialmente marcava uma reunião entre eu e seus representantes, suas necessidades de comunicação eram mapeadas e convertidas em briefing oficial para a produção criativa dos alunos durante o período letivo. Normalmente no início do semestre a turma se encontrava com o representante da entidade, que apresentava ao grupo as questões enfrentadas e a importância da colaboração dos alunos naquelas causas. O conteúdo acadêmico descrito no programa da disciplina era ajustado para um ritmo mais acelerado, de forma a cumpri-lo na íntegra e liberar um tempo um pouco mais folgado no final do semestre para o desenvolvimento das peças gráficas solicitadas no briefing. A turma era organizada em grupos e, sempre que necessário, fazíamos contatos com profissionais que se juntavam ao grupo para colaborar nos projetos. Por exemplo, a primeira turma recebeu o apoio da então estagiária de jornalismo Renata Ratton, que atualmente trabalha junto à Vice-Reitoria Acadêmica da PUC-Rio, para a elaboração de títulos e textos para os cartazes. Findo o semestre, quando a turma estivesse preparada para a apresentação, o cliente era chamado para escolher a peça que melhor atendesse às suas demandas. E, para aumentar a emoção do primeiro grupo, recebemos a notícia que o próprio Betinho (Herbert de Souza) viria à PUC com sua equipe conversar com os alunos e escolher o cartaz que seria usado na próxima campanha

do Ibase. Mas, à medida em que aquele dia 6 de dezembro de 1996 se aproximava, íamos acompanhando as notícias de que Betinho havia sido hospitalizado e que sua saúde estava cada vez mais frágil. Infelizmente ele não pode comparecer, mas tomou o cuidado de solicitar a mim o nome dos alunos da pauta e mandar uma carta endereçada a cada um deles. A carta dizia que, independente do resultado da votação e escolha daquele cartaz, cada um deles já era um vencedor em cidadania e compromisso social, um exemplo a ser seguido. Finalizava o texto dizendo que “solidariedade não se agradece, se comemora” e fechava cada cartinha com sua assinatura já bem tremida e fraca. Infelizmente, pouco depois ele veio a falecer.

Combinamos que alunos do grupo vencedor receberiam o apoio extra classe da professora para a produção e arte final das peças. Para a viabilização do material, foram acessadas as empresas que atendiam comercialmente ao meu escritório e ao mercado de Design, e recebemos integral apoio do professor de fotografia Rodrigo Lopes, que nos enviou a ajuda de seu assistente Marcelo e que fez o trabalho fotográfico do cartaz vencedor, do fotolito Studio Alfa e da gráfica Bella. Com, que imprimiram sem custo 1.000 unidades dos cartazes para o Ibase. No semestre seguinte, foi o próprio Ibase, através de Miriam Collares, que nos indicou ao AffroReggae, nosso segundo cliente atendido. Fechando o raciocínio inicial,



Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1996

À professora Bebeth

Cara Bebeth,

Fiquei encantado com sua iniciativa. É gratificante saber que existem pessoas mobilizadas no combate à erradicação da miséria e na luta pelos Direitos Humanos. Solidariedade é o único caminho para a conquista da Cidadania. A idéia de mobilizar jovens estudantes é fundamental para a Campanha, que visa tornar o Brasil um país melhor através da afirmação da Cidadania, partindo dos diversos segmentos da sociedade.

Gostaria, se possível, que essa ação se repetisse muitas vezes. Você conta com meu apoio e admiração.

Um abraço,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Betinho".

Betinho

Figura 2: Carta de agradecimento de Herbert de Souza

acredito que a inocência tenha me mantido interessada e destemida em relação ao grau de trabalho, dedicação e envolvimento que uma experiência como esta exige. A empatia tenha me provocado para novas experiências e finalmente, para lidar com a insegurança de transitar em um cenário desconhecido, sob muitos e diferentes olhares, tive que lançar mão de outro recurso que tem me acompanhado nesta jornada: a coragem. Coragem para lidar com o inesperado, coragem para flexibilizar, coragem para recuar quando necessário e também para intuir modos de avançar neste terreno de tanta aprendizagem que é o do ensino. Fechando a metodologia para o trinômio, a definição do dicionário³ para coragem é:

Coragem: s.f. Força ou energia moral que leva a afrontar os perigos; valor; destemor, ânimo, intrepidez, bravura, denodo: lutar com coragem.

Percebo que foi exatamente assim que me senti quando comecei a preparar esta dissertação. Inocente, precisei ler e conhecer melhor alguns pesquisadores e autores que falam apropriadamente sobre o processo ensino-aprendizagem, buscar empatia através de iniciativas semelhantes para poder analisa-las e aprender com elas; e finalmente coragem para mergulhar em todo o material que acumulei ao longo de todos esses anos e mais detidamente no que produzi a partir da última viagem. Tudo isso foi muito importante para complementar o empirismo e trazer maior clareza e entendimento a esta pesquisa.



Figura 3: montagem de foto. Sentido horário: Workshop para alunos PUC em Vigário Geral (Afro Reggae), visita à gráfica, produção do cartaz escolhido Ibase, ônibus para Vigário geral (aniversário de aluna) ³ Fonte: Dicio. <http://www.dicio.com.br/empatia/> Acessado em 26/4/2013

34 • BARRA

C.O. GLOBO

Quinta-feira, 18 de setembro de 1997

NOTAS

• **TEATRO**
O espetáculo "Os amarelos de Copacabana" fica em cartaz até o dia 29 de outubro no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana. O espetáculo acontece sempre de segunda a quarta-feira, às 21h, e com promoção para quem mora no bairro: R\$ 5, com apresentação de um comprovante de residência.

• **SHOW NO RIO SUL**
Pedro Camargo Mariano e João Bosco farão uma dobradinha no palco do Terraço do Rio Sul, em Botafogo. Dia 24, quarta-feira que vem, a partir de 22h, eles sobem ao palco do espaço que se tornou um *point* da cidade. Enquanto Pedro apresentará as canções de seu primeiro CD, entre as quais "Encontros", "Lua pra guardar" e "Friste", Bosco levará para o show os seus velhos sucessos. Os ingressos saem a R\$ 22, com consumação.

Traços de solidariedade e artes visuais

Professora de desenho industrial desenvolve trabalhos voluntários com a ajuda de alunos

O abismo encontrado pela programadora visual carioca Bebeth Grandmasson entre o mercado de trabalho e o que aprendeu na universidade foi a ponte que a levou a criar um serviço voluntário para entidades sociais com seus estudantes da Pontifícia Universidade Católica (PUC). Para mostrar aos alunos do 1º e 2º períodos de desenho industrial a prática da profissão, ela utiliza a mão-de-obra da própria turma, o patrocínio de clientes e a vontade de ajudar movimentos como a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida.

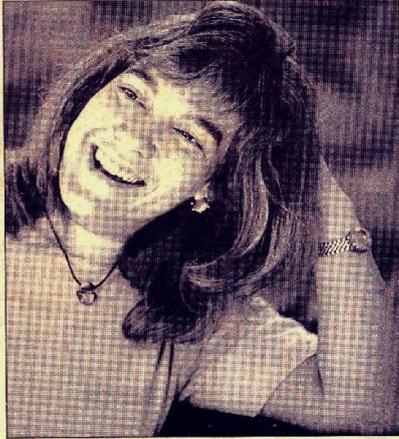
— Quando sai da faculdade, me senti totalmente despreparada. Por isso, quis que os meus alunos participassem logo de algum projeto. Com isso, o Ibase ganhou seis cartazes e eles vivenciaram um trabalho real — diz Bebeth, que trabalha e mora na Barra e atende a clientes como Ivo Pitanguy.

Outro movimento que ganhou os traços dos alunos de Bebeth foi a organização não-governamental Afro-Reggae, com sede em Vigário Geral, na Zona Norte. Levantando a bandeira dos resgates da cultura negra e da cidadania e lutando para que os jovens não entrem no tráfico, a ONG recebeu recentemente dois mil cartazes criados pelos alunos da programadora visual. Tudo inteiramente grátis.

Ainda para este ano (a cada período uma entidade é beneficiada), a Fundação Ronald McDonald's e a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) estão na mira das pranchetas da programadora visual.

— Com este trabalho, estou contribuindo para a construção de uma sociedade melhor. E estou aberta para a possibilidade de trabalhar com alguma associação ou entidade da Barra — conta Bebeth. ■

Gabriel de Paiva



A PROGRAMADORA VISUAL Bebeth Grandmasson: trabalho voluntário

Figura 4: Reportagem de O Globo Bairros Barra da Tijuca.

Nota dez para o boletim e para a vida

Alunos criam em sala de aula cartaz para divulgar núcleo da Ação da Cidadania Contra a Fome

Desconhecido pela maior parte dos brasileiros, o GerAção — o núcleo jovem da Ação da Cidadania Contra a Fome — vai ser alvo de uma grande campanha de divulgação. A principal peça desta é o cartaz criado por um grupo de seis estudantes do primeiro período de desenho industrial da PUC.

Com o seu trabalho coletivo, Ana Elisa Cohen Chaves, Helena Fragomeni, Iole Asti, Ivan Bursztyn, Maria Fernanda Dias Garcia e Rafaela Vasconcelos mataram dois coelhos com um golpe só: colaboraram com o movimento liderado por Betinho e garantiram nota máxima na cadeira de introdução ao laboratório de representação gráfica. A criação do cartaz para o GerAção foi a prova principal passada por Bebeth Grandmasson aos seus alunos na sua primeira experiência como professora.

— Aos estudantes desta disciplina sempre foi proposta a criação de algo, como a capa de um CD ou qualquer outro produto hipotético. Esta idéia não me agrada porque acho que é desperdiçar o potencial de 30 cabeças criativas. Assim, tive a idéia de procurar a sede da Ação da Cidadania contra a Fome e propor que fosse confiada à minha turma a produção de um cartaz de que ela necessitasse — conta Bebeth.

A sua proposta foi muito bem recebida pelo movimento que, pouco tempo depois, encomendava à turma um cartaz que promovesse o seu núcleo de jovens, criado no final do ano passado e batizado de GerAção há cerca de seis meses.

Os calouros foram divididos em cinco grupos e todos os trabalhos elaborados por eles foram considerados de excelente qualidade pelo júri, composto por representantes da Ação da Cidadania Contra a Fome, do Ibase, do GerAção, da PUC e de empresas que apoiam o projeto. ■



O CARTAZ ELABORADO por seis alunos da PUC divulgará o até agora desconhecido GerAção nacional

Figura 5: Reportagem do jornal da PUC-Rio

2. Rio, Terça-feira, 28 de julho de 1998

Tribuna

Designer leva seus alunos para participar de trabalhos voluntários

Uma aula de cidadania

Paloma Pietrobelli

Quando a designer Elizabeth Grandmasson se formou, em 1985, se deparou com uma realidade completamente diferente daquela que conheceu durante os quatro anos na Escola de Belas Artes da UFRJ, cursando a habilitação de Comunicação Visual. O curso era muito deficitário em relação às condições reais do mercado. A gente só aprende na prática", relembra Elizabeth, hoje com 36 anos.

Vencendo as adversidades de qualquer recém-formado, ela conseguiu se impôr no mercado poucos anos depois, montando seu próprio escritório. "Comecei com apenas um cliente, mas um cliente grande. Quando vi já estava com um escritório, e com muito trabalho", conta a designer, que de sua empresa, na Barra, atende a nomes consagrados como Ivo Pitanguy, Tizuka Yamazaki, entre outros.

Há dois anos, Elizabeth se deparou com outro desafio: dar aulas para calouros da mesma área em que se formou. À frente da disciplina Introdução à Representação Gráfica, do Departamento de Comunicação Visual, na Faculdade de Desenho Industrial, da PUC, ela começou a montar um programa inovador para suas aulas, bem diferente das que teve em sua graduação. Em suas turmas de primeiro período desenvolve, junto com seus alunos, um trabalho voluntário de ajuda a Organizações Não Governamentais e instituições comunitárias. "Logo quando comecei a dar aulas, me encantei com a possibilidade de passar para os estudantes coisas que nunca aprendi, mostrar a prática da profissão", explica. "Além disso, é uma ótima oportunidade para me reciclar", acrescenta.

Durante o curso, os alunos aprendem os conceitos teóricos e práticos de imagem e tipografia. No trabalho final, o que acontece é a união desses dois conceitos, numa peça gráfica. "Antes, isso acontecia de maneira hipotética, uma capa de livro, um encarte de CD que eles inventavam. A diretora do departamento, Vera Damazio, me deu total liberdade para mudar isso. Resolvi que eles deveriam ter a vivência real do processo de trabalho", esclarece a professora.

Os primeiros alunos a enfrentar o novo programa foram os do segundo semestre de 1996. Elizabeth, então, ligou para a Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e falou com o próprio Betinho. "Perguntei se eles precisavam de alguma ajuda em projetos gráficos e disse que nós estávamos disponíveis. Eles tinham inúmeras necessidades nesta área e logo começamos a trabalhar juntos", lembra.

A turma foi dividida em seis grupos, todos empenhados na confecção de um cartaz para o núcleo jovem da Ação da Cidadania, o Geração. "Logo de cara, tivemos um ótimo retorno. Apenas um foi selecionado e impresso para circulação nacional, mas o Betinho mandou cartas de agradecimento a todos, assinadas do próprio punho", conta Elizabeth, que com seus contatos profissionais pôde viabilizar o projeto totalmente de graça, desde o trabalho de um fotógrafo, passando pelo fotolito, até a utilização de uma gráfica.

O segundo projeto partiu de um convite do próprio Betinho. O sociólogo entrou em contato com Elizabeth e pediu que seus novos alunos atendessem a ONG AfroReggae, de Vigário Geral, que trabalha com adolescentes da área, para impedir que entrem no mundo do narcotráfico. Com a encomenda da identidade visual do grupo e de cartazes, a turma respondeu logo ao convite, com empolgação e empenho. "A PUC fretou um ônibus para que fossemos lá num sábado. Pode parecer até programa de índio, mas a adesão foi de 100 por cento", comemora, orgulhosa, a professora.

A iniciativa, então, se firmou quase como uma tradição da faculdade. No período seguinte, a idéia veio de um aluno, que era voluntário da Casa Ronald McDonald, instituição de ajuda a crianças com câncer. "A cada trabalho me surpreendo com a qualidade dos projetos. As senhoras que dirigem a casa não conseguiram escolher apenas uma peça e resolveram que tentariam botar pra frente todos os cartazes", diz Elizabeth, mais orgulhosa ainda.

O mais recente projeto foi uma ação conjunta com a Sociedade Viva Cazuza, dirigida por Lucinha Araújo, e que dá assistência a crianças com o vírus da Aids. Divididos em grupos, os alunos foram en-

carregados da criação de kits, que serão distribuídos durante eventos, como os shows que acontecem no Dia Mundial de Combate a Aids (1º de dezembro). O produto é composto por uma embalagem com camisinhas, adesivo para carro e camiseta.

A estudante Rita de Faria, de 19 anos, foi uma das integrantes do grupo que teve seu projeto aprovado. Ela conta que a experiência foi muito importante, principalmente por acontecer no primeiro período de faculdade. "Tivemos a oportunidade rara de desenvolver um trabalho que vai ser aproveitado pela sociedade. Foi difícil, pois tivemos menos de um mês, mas também recebemos a ajuda de alguns alunos mais adiantados", conta Rita.

Também participante do grupo vencedor, Marcos Tadeu Feital, de 19 anos, faz coro com sua colega e ressalta a importância do trabalho como uma maneira de ajudar outras pessoas. "Foi um desafio, mas foi muito legal. Nossa professora pediu para que fizéssemos algo pensando na sociedade, que fosse útil para todos", enfatiza o estudante.

O maior retorno para Elizabeth é ver a qualidade das peças de seus alunos e a entrega com que eles se dedicam. Ela espera que com isso seja mais fácil a entrada no mercado de trabalho, não só pela criação dos projetos, mas também na produção e no contato com os clientes. "Não basta saber criar, tem que ter jogo de cintura, saber vender, interpretar um briefing. O bom profissional tem que conciliar uma série de atributos que não se aprende só na sala de aula", avisa Elizabeth. E quem avisa, amigo é.

'O bom profissional tem que conciliar uma série de atributos que não se aprende só na sala de aula'

Elizabeth Grandmasson

Figura 6: jornal Tribuna da Imprensa

1.4 Design e Sociedade

Importante acrescentar aqui, a excelente receptividade que estas propostas receberam do meu departamento. Durante todo o processo, o departamento de Artes & Design apoiou e acompanhou de perto, através do olhar entusiasmado da diretora Vera Damazio. Houve alguma repercussão na mídia, conforme demonstrado anteriormente, mas o melhor é que estava tudo muito consonante com os valores humanistas da universidade.

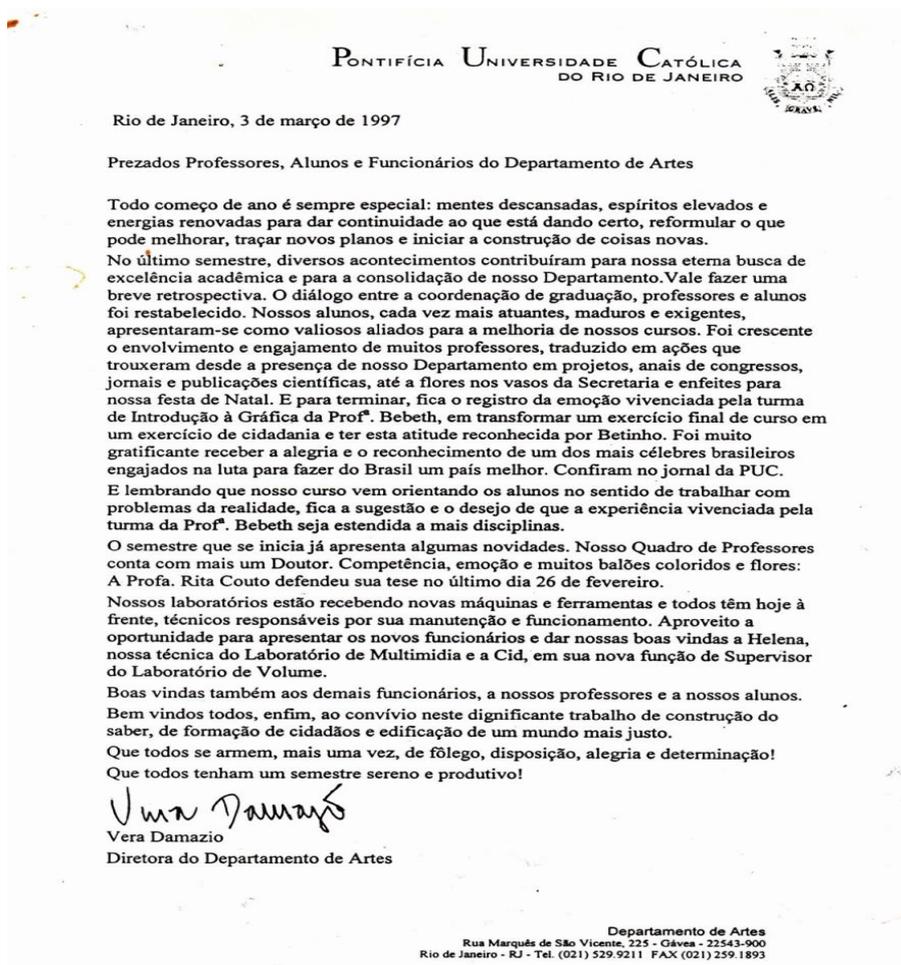


Figura 7: Carta de abertura de semestre do DAD

Apenas a título ilustrativo, passo a relacionar as principais entidades atendidas pelas turmas de “Introdução ao Laboratório de Representação Gráfica”, bem como a síntese dos briefings fornecidos por elas, a serem atendidos pelas turmas:

1) **IBASE-** 1996.2

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

“Ação da Cidadania contra a Fome, a miséria e pela vida”

Interlocutores: Miriam Colares / Herbert de Souza, o Betinho

. Briefing: Criação de um cartaz para identificar e divulgar o programa GerAção, núcleo jovem da “Ação da Cidadania contra a Fome”, cujo principal objetivo é diminuir a distância entre o morro e o asfalto, combatendo a exclusão social. Conscientizar a sociedade para a importância da solidariedade na construção de um futuro melhor para o Brasil.

. Público-alvo: estudantes de 2º grau e universitários

. Objetivos:

- mobilizar a juventude em torno de questões de combate à miséria e, principalmente à exclusão social;
- estimular a formação de núcleos do Geração ou a participação em projetos sociais já existentes;
- lembrar aos jovens que a exclusão social é a principal causa de vários problemas, como por exemplo, a violência, que afetam a todos nós;
- lembrar que, cada pessoa dentro de suas possibilidades pode “criar” uma forma de contribuir

2) **GRUPO CULTURAL AFRO-REGGAE-** 1997.1

Grupo Cultural de Vigário Geral

. Interlocutores: Marcia Florêncio/ José Junior

Briefing: produção de um cartaz sobre o trabalho que o GCAR desenvolve junto à população infanto juvenil, moradora de áreas de situação de risco (favelas).

Público-alvo: crianças e adolescentes moradores de favelas.

Objetivos:

- estimular a participação de novos jovens no projeto;
- destacar as principais linhas do projeto: promoção da auto-estima, desvio do tráfico de drogas e conquista da cidadania.

3) CASA RONALD MAC DONALDS – 1997.2

Interlocutor: Roberto Montureanu / Sonia Neves

.Briefing: Criar um cartaz que possa servir como divulgação da Casa e captação de recursos de doadores para as obras de ampliação.

Público-Alvo: Empresários e sociedade

Objetivos:

A Casa Ronald MacDonald's vive do trabalho solidário de alguns voluntários e da receita obtida através da venda de um determinado tipo de sanduíche no dia no MacLanche Feliz. Tendo muitas despesas para suportar sua missão “Apoiar e humanizar o tratamento de crianças e adolescentes portadores de câncer, doenças crônicas correlatas e suas demandas recorrentes”, ela precisa captar novos voluntaries e demais interessados em contribuir financeiramente com sua causa.

4) SOCIEDADE VIVA CAZUZA- 1998.2

Abrigo para crianças aidéticas

Interlocutores: Christina Moreira da Costa / Lúcia Araújo

Briefing: Criar peças de comunicação para divulgar o dia 1º de dezembro, dia mundial do combate contra a AIDS. Folheto informativo e embalagem para preservativo a ser distribuído em ação de sampling (amostras) no dia do evento.

Público-alvo: toda a população sexualmente ativa, em especial os jovens entre 18 e 25 anos, principal disseminador da doença nesta ocasião.

Objetivos:

Informar para combater esta terrível doença que, longe de ser um problema apenas dos portadores, seus familiares e amigos, acomete a sociedade como um todo.

5) **ABRAPIA**- 2001.1

.Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência

Interlocutores: Gabriela Jordão / Leila Negreiros

Briefing: Produção de um cartaz sobre o trabalho da Abrapia, no que tange ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. Criação de folder informativo

sobre os temas de violência doméstica contra crianças e adolescentes, bem como a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Público-Alvo: Sociedade Civil, especialmente pais, profissionais de saúde e profissionais de áreas afins.

Objetivos:

- Sensibilizar e mobilizar a sociedade quanto à temática das mais variadas formas de violência contra crianças e adolescentes.
- Informar e capacitar a sociedade civil e os profissionais das áreas de saúde e afins quanto à temática da violência praticada contra crianças e adolescentes.

6) **VIDA OBRA SOCIAL**- 2000.1

.Interlocutor: Dr. Rawlson de Thuin

Briefing: cartazes para a captação de recursos financeiros para o custeio do programa de cirurgias para correção de fissuras palato-labiais

Público-Alvo: sociedade e empresários

.Objetivos:

Apresentar e promover o programa realizado pela Vida Obra Social , no sentido de ampliar o alcance social de sua atuação através de doações.

7) **CINEMA NOTA DEZ- 2000.2**

Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro

Interlocutores: Cristina Cardoso/ prof^a Adélia Azevedo dos Santos

.Briefing: Parceria entre o governo do estado, a Motion Pictures e o Grupo Severiano

Ribeiro, visando a exibição gratuita para alunos da rede pública de ensino do Estado.

Público-alvo: escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro

Objetivo:

Divulgação do programa

8) **FIA- Fundação para a Infância e Adolescência – 2001.2**

Governo do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria de Ação Social e Cidadania

Interlocutores: Maria Nuccini / Luiz Henrique da Silva

Briefing: Contribuir para a divulgação do programa “SOS- Crianças desaparecidas”, criando cartazes que possam conter informações sobre o

programa, bem como acomodar inúmeras imagens de crianças que se perderam de suas famílias e estão sendo procuradas.

Público-Alvo: toda a sociedade civil

Objetivos:

Alcançar grande distribuição e colaborar para a reintegração de crianças e adolescentes desaparecidos.

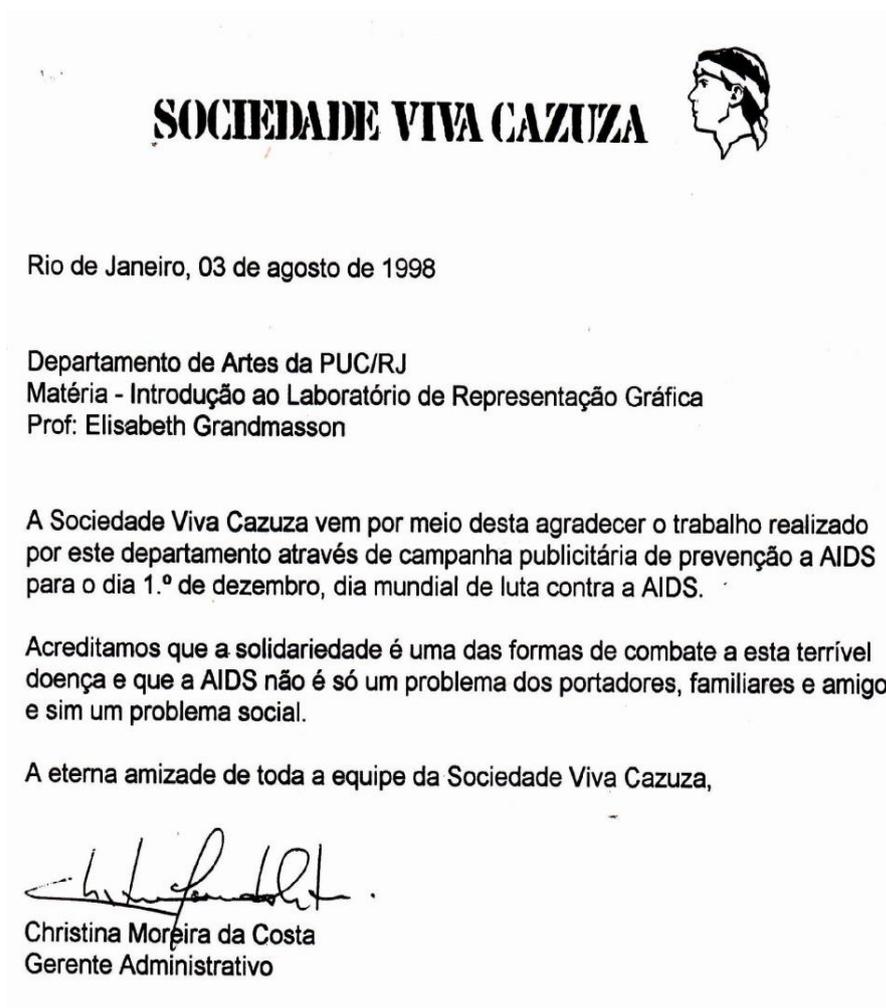


Figura 08: carta de agradecimento, Sociedade Viva Cazuzza.



Figura 08: carta de agradecimento, Grupo Afro Raggae

1.5 Realidade e adesão

Realmente é impossível descrever as várias emoções vividas junto e por estas turmas. Como Designers, estivemos diante de realidades às vezes muito duras e desconhecidas. Passamos a conhecer de perto alguns fatos inimagináveis como sérios maus tratos a crianças, e pudemos contribuir para evitar que isso acontecesse a partir de campanha de conscientização; conhecemos a história real de Sonia Neves, que, após campanha bem sucedida, mas um pouco demorada junto família e amigos para obter recursos para o tratamento do câncer de seu

filho de 8 anos nos Estados Unidos, o perdeu antes que pudesse viajar, pois a doença progrediu rapidamente. E ela, parecia salvá-lo através de cada criança que podia ajudar no projeto que comandava; ouvimos a sra. Lucia Araújo, mãe de Cazuzza, que leva adiante com recursos da obra musical do artista, uma sociedade que apoia crianças que sofrem do mesmo mal que abreviou a carreira de seu filho. Teve também o drama de crianças desaparecidas, que descobrimos ser bem mais corriqueiro do que se imagina nas classes de baixa renda e instrução.

Pensamos nas questões dos desfavorecidos, excluídos ou sofredores e certamente tudo isso começou a construir cidadania e autoestima profissional naqueles futuros Designers. Afinal, existem muitas moedas de participação social, e o Design também pode ser uma delas, contribuindo para uma sociedade mais justa. Estas experiências bem sucedidas que tanto nos ensinaram a todos, acabaram imprimindo em mim esse modo de trabalho. Entendi que a verdade, o mundo real, mesmo (e talvez principalmente) com seus problemas e dificuldades, era capaz de atrair de modo importante aqueles alunos. Participar daquelas experiências era enriquecedor em todos os sentidos.

A partir desta conclusão, mesmo em outras disciplinas que viria a ministrar no curso de Design da PUC-Rio como Estágio Supervisionado, Sistemas de Produção Gráfica, Projetos e etc. sempre que possível eu acompanhava turmas a campo. Visitamos muitas gráficas, indústrias, coletivos, agências e escritórios de Design e etc. Interessada nesta conexão com a vida real e com o envolvimento das turmas, passei também a convidar muitos palestrantes de fora que vinham trazendo suas experiências e trajetórias profissionais para o enriquecimento da visão dos alunos.

Um pouco mais à frente, desde que tive ex-alunos inseridos no mercado e construindo suas carreiras com base no que aprenderam no curso, passei a convidá-los para se apresentarem para as novas turmas. É bem grande a empatia que existe entre eles que, além de terem feito o mesmo curso, têm idades muito próximas.

Sinto que isso impacta a todos; os já formados se sentem prestigiados ao trazerem suas trajetórias profissionais como exemplo e, destacando a importância do Design para a construção e desenvolvimento de marcas importantes. Também para os ainda alunos, que percebem através dos portfólios dos outros, a aplicabilidade prática do Design, reforçando também a sua própria escolha pela carreira. Sem contar o orgulho e verdadeiro prazer que sente a professora em rever os antigos alunos e acompanhá-los crescendo junto com o campo.

1.6 Estilo e oportunidade

Durante a passagem dos anos, naturalmente ganhei experiência e auto confiança como professora. Já não me preocupava mais em saber como seria a nova turma ou como faria para oferecer-lhes conteúdo de forma interessante e palatável. Ensinar agora era mais uma parte de mim, e me fazia muito bem estar junto aos jovens, explorando, discutindo e vivenciando o Design.

Acabei descobrindo também, a partir do tempo, da convivência e da observação das aulas de outros colegas que, de alguma forma as aulas carregam muito do que é cada professor. Elas podem ser mais sérias, dinâmicas, eruditas, teóricas, generosas, interessantes, engraçadas ou enfadonhas exatamente como o são quem as ministra. É uma questão de estilo mesmo. Posso falar aqui de novo sobre o quanto o Design e sua metodologia norteiam meus caminhos e as oportunidades costumam chamar a minha atenção. E, a ideia das viagens internacionais com propósito acadêmico surgiram como uma fruta que cai madura do pé, integrando várias das minhas paixões: Design + docência + viagens.

Dona de um espírito aventureiro, as viagens sempre me fascinaram. Conhecer, desvendar e observar me atraíram desde cedo. A sensação de “cortar as raízes” e me lançar em novas experiências é muito boa. Metaforicamente, penso

como se estivesse em uma outra dimensão, onde o tempo passa de uma forma diferente, personagens interessantes passam a fazer parte daquele outro cenário, meus elementos de segurança se transformam, minha casa é o hotel, meu armário passa a ser a mala etc... E o *timing* sempre me intriga muito. Aquelas cenas todas a que estamos assistindo em um dia de viagem em outro lugar, aproxima um pouco mais a gente do mundo, que é assustadoramente grande e sincrônico. Muitas coisas acontecem sempre, o tempo todo, sem parar um só instante, e em toda parte. Isso tudo sempre me desperta para a imensidão da vida e da nossa mínima existência. Tudo é puro potencial. Para mim, esta adorável sensação mágica permanece durante toda a viagem.

O mais curioso, é que de certa forma, é um pouco assim que me sinto diante decada novo projeto de Design. Um certo frio na barriga de - será que vai dar certo?, uma certa insegurança de -será que funciona? Mas, ao mesmo tempo uma vontade danada de adentrar aquele novo contexto, desconhecido, uma enorme curiosidade de ver no que vai dar. E, é claro, não pode faltar disposição para driblar todos os obstáculos (briefing, orçamento, prazos, público, concorrência, etc...) que sempre se apresentam em qualquer situação de projeto.

Pois acho que também é disso também que são feitas as viagens. Um certo medinho equilibrado com uma boa curiosidade, uma dose de coragem para encarar o desconhecido, disposição para o que se apresentar, mente aberta e, *voilà!*

Talvez faltasse pouco mesmo para eu associar todas essas paixões. Coincidência ou não, na maioria das vezes em que tive a oportunidade de sair do país até então, acabei viajando com família, pessoas queridas e amigos que não compartilhavam exatamente as minhas preferências nos programas. Minha incompreendida atração por papelarias, vitrines, embalagens, museus, galerias e afins acabou me apontando este caminho: Porque não preparar um programa que fosse totalmente voltado para os interesses de Design?

A ideia das viagens internacionais com propósito acadêmico surgiu desta conjunção e do amadurecimento que todo esse processo trouxe. Meu espírito empreendedor, a oportunidade de ver, pensar e ensinar Design, meu bom relacionamento com professores e alunos do curso, a confiança da Instituição, o apoio de funcionários do Departamento de Artes & Design, o sonho antigo...

1.7 Estrutura e abordagem

Assim, para esta dissertação, o plano é estudar sobre educação, olhar para experiências similares e esmiuçar meu material todo para uma compreensão ampla e consolidada do programa. Na medida em que faço parte de uma Instituição de ensino, espero poder contribuir para que muitas outras iniciativas desta natureza possam ser propostas e implementadas, sempre em busca de uma aprendizagem mais significativa, como eu acredito.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: no capítulo 2, busco apresentar o conceito de experiências pedagógicas inovadoras. Após a leitura de Rui Canário e seu pensamento sobre educação, inicio trazendo um pouco da história da aprendizagem até chegar à crise em que se encontra a escola como a conhecemos hoje. Ainda em Canário, encontro propostas alternativas ao modelo educacional vigente, através da inovação. Em seguida falo sobre algumas oportunidades de inovação na educação e as contextualizo nacional e internacionalmente através do último ranking do Índice Global de Inovação.

Deste ponto em diante, procuro ampliar o entendimento do conceito de inovação pelo viés da sociologia com a leitura de Luiz Eduardo Wanderley, que lida exatamente com os problemas e as perspectivas da inovação na prática educacional no Brasil. Para ele, a reforma na educação universitária depende fortemente de integração entre mercado, instituições de ensino e seus agentes, para que seja possível alcançar êxito no processo inovador.

Me aproximando mais ainda do binômio ensino-aprendizagem, foi através de estudo dirigido e da leitura de material didático produzido pela professora Aparecida Mamede, que pude compreender melhor como grandes estudiosos vieram explorando este campo do conhecimento ao longo do tempo. O conceito de ensino-aprendizagem é então examinado sob diversas formas, e sendo conduzido até o entendimento de que é um processo, e de que depende de motivação e ocorre

dentro de um contexto social, o que justifica a indissolubilidade expressa no conceito, onde um não ocorre sem o outro.

Preparado o caminho, tempo de falar sobre aprendizagem significativa através do pensamento de Julio Cesar Furtado. Também para ele, o modelo educacional em vigor está com os dias contados e, a sobrevivência no futuro, vai depender da forma como as pessoas compreendem o mundo, aumentando a importância da aprendizagem ser mais dinâmica e imbuída de significados. Em sua teoria, acredita que a única saída para a atual situação, seria através de um cenário de alunos receptivos, professores preparados, disponíveis e interessados em se livrar de crenças limitadoras quanto à atuação docente. Apresenta e enumera, metodologicamente as etapas necessárias à construção de conhecimento dentro da aprendizagem significativa.

Volto a Rui Canário, trazendo uma entrevista, relativamente recente, onde defende uma nova epistemologia do conhecimento, baseada na aprendizagem. Como Furtado, ele reforça a necessidade de integração entre os agentes da educação e defende novos modelos educacionais, como a única alternativa diante da crise na escola e na educação. Como para modelos alternativos de educação, não poderiam deixar de existir alternativas para a avaliação, encontro em Parlett e Hamilton e sua avaliação iluminativa, a proposta adequada para iniciativas inovadoras em educação.

No capítulo 3, para falar um pouco sobre o panorama do ensino de Design, me baseio em Gustavo Bonfim e Carlos Teixeira, que falam respectivamente sobre a questão no Brasil e no mundo. Relaciono o ensino do Design e a crise através do pensamento de Gui Bonsiepe e também aqui a inovação aparece como fator preponderante para que o Designer do futuro possa fazer diferença em um mundo que exige agilidade e sensibilidade em sua leitura. Como que em consonância com a educação em geral, também o ensino de Design clama por mudanças urgentes que reflitam as transformações dos tempos em que vivemos e que levem em consideração o futuro.

Para o capítulo 4, apresento o projeto da viagem, cito alguns projetos similares fora da PUC e passo a descrever a proposta “Design no Exterior”, como uma iniciativa pedagógica inovadora dentro do curso de Design da PUC-Rio. Desde como ela foi concebida, até a transformação que passou entre disciplina eletiva e atividades complementares. Apresento seu planejamento e a montagem da experiência piloto, descrevo e comento a primeira viagem em si e também seus resultados, através dos trabalhos realizados pelos alunos do primeiro grupo. Ainda neste capítulo elenco rapidamente as experiências de 2 a 8, abrindo para comentários sempre que necessário, para descrever roteiros diferentes ou situações que mereçam destaque.

No capítulo 5, chega a vez dos participantes das viagens se colocarem. Para representar os alunos, foi montado um grupo focal com pelo menos dois participantes de cada uma das edições do programa e, em seguida entrevisto os professores Luiza Novaes, Irina Aragão e Amador Perez, colegas com quem já dividi algumas destas experiências.

Reservo para o 6º capítulo uma análise minuciosa da experiência nº 9, realizada em janeiro de 2014, com destino a Nova York. A partir do meu caderno de viagens, onde fiz muitas anotações e considerações em tempo real, na volta ao Rio, tudo foi transcrito inicialmente como um diário (apêndice 1) e depois transformado em uma tabela ilustrada que contém algumas respostas e observações.

Por fim, aproveito para articular todo o material em algumas considerações que espero venham a ser úteis não apenas para aprimorar as próximas edições do programa, como também inspirar outras iniciativas inovadoras dentro do campo do ensino de Design.

2 **Experiências pedagógicas inovadoras**

Ao me interessar por como se dá na prática o processo de aprendizagem dos alunos, não imaginava que estaria também olhando para o processo de ensino e para meu próprio papel como professora. Aprendi que estes conceitos são indissociáveis, na medida que um não pode acontecer sem o outro. O presente capítulo tem, assim, por objetivo, apresentar a fundamentação teórica da pesquisa.

Para falar de inovação nas práticas pedagógicas, gostaria de primeiro contextualizar a educação como vem sendo praticada nos últimos tempos. Para tal, busco na obra de Rui Canário, Doutor em Ciências da Educação e professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa onde faz pesquisas nas áreas de Sociologia e de formação de jovens e adultos, a descrição da evolução histórica deste processo até os dias de hoje, onde se configura uma crise que o autor aponta como séria e que necessita urgentemente de novos modelos.

2.1 **Um pouco de História**

No passado longínquo, e por muitas centenas de anos, a aprendizagem se dava de forma continuada, a partir da experiência e também por imersão na própria realidade social. O nascimento histórico do que veio a se tornar o modelo atual, acontece durante o processo de transição entre as sociedades de Antigo Regime para as modernas sociedades industriais baseadas no capitalismo liberal

e num sistema de Estados-Nação, configurando-se no final do século XVIII, num cenário

de dupla revolução, liberal e industrial. É exatamente neste momento em que se vive o “tempo de certezas” ou “idade de ouro” que marca um tempo de total harmonia, fosse entre a escola e seu contexto externo ou mesmo pela coerência interna da instituição nas suas mais variadas dimensões.

Mas, a escola, concebida como a conhecemos hoje, espaço destinado exclusivamente às aprendizagens de alunos sob a direção de professores, se difundiu largamente nos anos que sucederam a Segunda Grande Guerra. Mais precisamente nos 30 anos entre 1945-1975 que também ficaram conhecidos como “os 30 gloriosos”. Tanto pelo incentivo das políticas públicas ou pelo aumento da própria demanda de novos alunos, esta fase de “explosão escolar” com efeito democratizador do acesso à educação, configura-se um novo momento, não mais das elites e sim das massas, agora percebido como um “tempo de promessas”. Neste contexto, a escola acaba por se difundir e alcançar hegemonia até se tornar a principal referência na discussão sobre a ação educativa.

Rui Canário, em seu livro *A escola tem futuro?* comenta uma severa crise desta instituição, apesar das inúmeras e sucessivas reformas educacionais vividas em todo o mundo nos últimos tempos. Ao final dos anos 60, identificava-se uma crise mundial da educação sem precedentes, que provocava a insatisfação da sociedade e abalava também a identidade dos próprios professores.

Segundo Canário, o século XX , marcado pela escolarização que se baseava na herança do iluminismo e seu lema: escola, razão e progresso, não alcançou as expectativas. O que se percebeu foi que essa promessa não se concretizou de fato. Se por um lado conseguiu-se atingir a importante meta da escolarização, por outro lado isso não foi e nem tem sido capaz de deter a deterioração social e ambiental trazida em nome do progresso. O paradoxo é sério e expõe a imaturidade política desta sociedade que, apesar de escolarizada, não consegue manejar os progressos tecnológicos com segurança. Fica flagrante o descompasso entre conhecimento científico e técnico e a situação avança ainda sem solução.

Entendida a crise, a responsabilidade da educação fica até maior, na medida em que ela é o meio competente para conhecer e intervir no mundo. Acredita-se que a solução passa necessariamente por práticas educativas que possam valorizar a forma crítica e emancipatória, onde compreender o passado e considerar a problemática futura são as respostas para intervir de forma lúcida e comprometida no presente. Para tanto, o autor propõe a árdua e corajosa tarefa de romper os atuais processos de aprender e ensinar, transformando o cenário institucional e também seus principais agentes.

O afastamento entre o aprender e o agir e as modalidades de aprendizagem que, no lugar de propor continuidade, rompem com a experiência, acabam por marcar negativamente a relação do aluno com o saber, além de negar-lhe o estatuto de sujeito, preconiza Canário. A escola, afastada da realidade social e fechada em si mesma, acaba monopolizando a ação educativa, e menosprezando a experiência dos alunos e oferecendo a eles respostas prontas, que não incentivam a investigação e a descoberta. Sem esta autonomia, eles não desenvolvem a importante capacidade de imaginar e propor diferentes soluções para um mesmo problema, tão comum em situações reais.

Ele diz que este cenário acabou contaminando e empobrecendo todas as modalidades de aprendizagem no século XX e tornou a escola refém de sua própria forma, fechada e inflexível. Impossibilitada de olhar para fora, operar a própria crítica para se beneficiar com a transformação, a educação se viu estagnada e passou a oferecer um produto massificado, impactada pelo pensamento da sociedade industrial.

Hegemônica, a escola cuja concepção atribui exterioridade ao saber, passa por um processo de “naturalização”, o que faz com que não apenas os educadores sequer questionem seus papéis no processo de ensino-aprendizagem como também justifica a longa permanência deste modelo organizacional.

De fato, a organização do ensino vem obedecendo a bases compartimentalizadas sob todos os aspectos. O tempo, medido em horas/aula, os saberes organizados entre as disciplinas, o espaço distribuído nas salas de aula, e os grupos de alunos

em turmas. Esta concepção cumulativa e sequenciada do conhecimento se sustenta numa lógica de repetição similar aos dos processos industriais e funciona através dos tempos em modelos uniformes e estáveis. Neste ponto, é impossível para mim não relacionar a experiência que ora estudo. O modelo no qual vim acreditando e investindo empiricamente, não apenas nas viagens com propósito acadêmico, mas em todas as demais iniciativas de trazer a realidade para a sala de aulas ou mesmo sair deste espaço e ir de encontro a ela.

Abaixo, diagrama ilustrativo que montei, baseado no pensamento de Rui Canário Sobre a evolução histórico do sistema educacional:

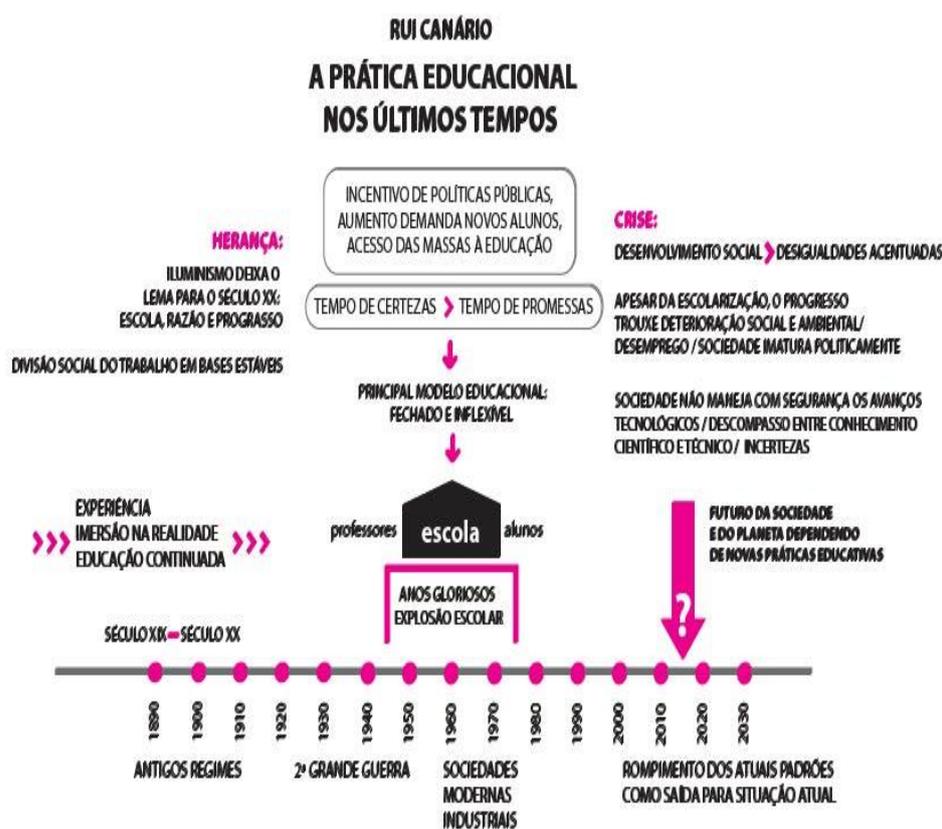


Figura 10: A Prática Educacional nos Últimos Tempos, Rui Canário (diagrama meu).

2.2 Em busca de um novo cenário

Novamente tomando a escola como modelo básico de ação educacional, Canário lembra que a instituição escolar transitou entre o modelo de certeza da primeira metade do século, onde funcionava como uma “fábrica de cidadãos” que priorizava a divisão social do trabalho a partir de bases estáveis, passando ao da promessa logo após a Segunda Guerra Mundial, onde deixa de ser tida como elitista e, otimista, atinge as massas oferecendo igualdade e desenvolvimento social num contexto de franca expansão.

Mas, nos anos 70, a partir do desencanto provocado pelo não cumprimento destas promessas, surge um novo paradoxo quando fica evidente que a democratização da escola acaba por promover as desigualdades, no lugar de atenuá-las. Este cenário conduz a um modelo de incertezas, agravado pelo acréscimo de qualificação e desigualdades, desemprego, precariedade do trabalho e desvalorização dos diplomas escolares. Os sistemas educativos acabam por contribuir indiretamente com a manutenção dos problemas sociais ou apostarão na transformação social através da ação educativa. A resposta que será dada a este dilema definirá os alunos Do sistema educacional do futuro.



Figura 11: Uma alternativa ao Sistema educacional Vigente /rui cenário (diagrama meu)

Para ele, a proposta de um caminho que se apresente como alternativo ao modelo atual, passa por três etapas: será necessário superar a forma escolar vigente para que seja possível reinventar sua organização e legitimar seu novo modelo. Rui Canário acredita que o insucesso das reformas anteriores se deve a políticas fragmentadas que ignoram que o todo é mais do que a soma das partes e sim um organismo vivo que precisa ser entendido como tal. A visão global e sistêmica vai permitir entender que alunos, professores e conteúdos se impactam e transformam mutuamente o tempo todo e que o estabelecimento de ensino termina por refletir este sistema como ambiente desta mesma ecologia. Assim, a sobrevivência da escola depende de sua reinvenção nas dimensões filosóficas e políticas e a solução viável para a educação está na inovação.

2.3 A oportunidade de inovação

Ultimamente, muito tem se falado sobre inovação em todas as áreas. Pode inclusive parecer que a palavra em si vem fazendo parte de um modismo, que muitas vezes a coloca em situação frágil e pouco oportuna. Mas, em sua verdadeira essência, ela certamente pode representar um fator fundamental e decisivo para o crescimento de uma sociedade, na medida em que propõe a melhoria, adequação ou potencialização de produtos ou serviços. Também pode ser vista como elemento de otimização de recursos, onde se faz mais com menos, permitindo ganho de eficiência em processos desenvolvidos anteriormente de forma diversa.

Para além da palavra, em nome da perspectiva de aperfeiçoamento que este conceito traz, o problema passa a ser também a seriedade com que é tratado. Uma

vez que inovar pode também significar introduzir alguma novidade no campo, isso pode acarretar em banalização e propostas equivocadas e superficiais que venham a atrapalhar mais do que contribuir. Mas, este sempre será um risco em qualquer área que pulse e flexibilize para incorporar métodos capazes de atender a questões próprias de seu tempo, terá de enfrentar. O próprio termo Design, sem correspondência em português, uma vez que faz referência a uma metodologia de projetos e processos mais complexos que apenas o desenho, vem sofrendo do mesmo mal. Cada vez mais se vê por toda parte, profissionais e empresas que pretendem se valer de um suposto valor agregado apenas pelo uso da terminologia.

Especificamente em educação, ela a inovação pode figurar não apenas através de ações diferenciadas e isoladas, mas como representantes de um novo pensamento construtivo, cada vez mais urgente, para um modelo mais eficaz na contemporaneidade.

Também aqui, me regozijo em entender inseridas as minhas práticas alternativas, todas tendo como fio condutor um pensamento que posso entender como inovador, especialmente se contextualizado no curso de Design da PUC-Rio daquela década, entre 1996 e 2006.

Estendendo o processo de investigação sobre o tema, encontrei a coletânea do final dos anos 1980, de Walter Esteves Garcia, *Inovação Educacional no Brasil: Problemas e Perspectivas*, onde o professor Antônio João Mânfió, filósofo e educador comunitário associado ao Instituto Paulo Freire e coordenador do Programa Universidade Sem Fronteira (USF), da Universidade Estadual de Ponta

Grossa (UEPG), já no prefácio alerta que a inovação na educação não deve ser buscada de forma leviana, motivada pelo que parece estar dando certo a despeito do verdadeiro conceito por trás das iniciativas. Diz que, como sempre acontece nas viradas, as formulações estruturadas que sempre guiavam as ações dos educadores tem perdido espaço para aspectos subjetivos, sem que haja um ponto de equilíbrio entre ambos. O professor alerta para que intenção de superar a generalização do passado não deve dar espaço para o amadorismo afoito, pois não temos tempo para errar diante da urgência do quadro.

Buscando entender o panorama internacional em dados numéricos, segundo o Índice Global de Inovação de 2013, em informação obtida através do site da Universidade Estadual de Campinas, os campeões dentre 142 países são Suíça, Suécia, Reino Unido, Holanda e EUA. O Brasil caiu seis posições em relação a 2012, alcançando agora o 64º lugar, em movimento semelhante ao da maioria dos países emergentes. Este ranking é produzido pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), instituto Insead e Universidade Cornell e mostra que o país é o oitavo colocado em toda a América Latina e Caribe, atrás de Chile, Uruguai, Argentina e México. A boa nova é que o desempenho relativo do Brasil em indicadores-chave introduzidos neste ano mostra forças que não haviam sido percebidas nas edições anteriores, e a educação aparece como um dos resultados positivos do estudo. O índice vem mostrando ao longo dos últimos anos que a inovação tem se tornado mais disseminada e dispersa geograficamente e, apesar de os países de renda alta ainda dominarem a lista, o Brasil está dentre os países que menos sofreram com a recente crise financeira e cujas perspectivas de investimento se mostram mais atraentes.

A partir do exposto, fica claro que a inovação, para que seja entendida e praticada de forma saudável, demanda atenção constante para propor transformações que se sucedam ininterruptamente, acompanhando o que a sociedade vem vivendo nesta era marcada pela incerteza e impermanência. Os impactos são contínuos e cada novo ciclo deve ser capaz de absorver e incorporar os resultados do anterior e assim consecutivamente.

O próprio homem acelera os processos de mudança a uma velocidade nunca antes percebida, mas alguns setores sofrem mais do que outros e situações diferentes convivem lado a lado em aparente harmonia. Especificamente na área da educação, as mudanças tem sido lentas, mas se isto por um lado demonstra a renovação automática do prestígio de modelos arcaicos, por outro oferece campo fértil e receptivo para a inovação. Reforçando ainda mais esta oportunidade, do ponto de vista político, no Brasil tem sido recorrente a promessa de cada novo governo empossado: a de melhorar as condições da educação no país.

Todavia, entendendo o momento de incertezas políticas em que vive hoje o Brasil, e com suas dimensões continentais, as perspectivas podem ficar ainda mais

alarmantes. Se o que se percebe mundialmente é que a crise do sistema educacional tem se agravado mais e mais e a saída dela depende de ações assertivas e precisas, deveria haver um esforço global no sentido de agir na direção correta. Iniciativas independentes podem se tornar fracas e sem representatividade para apoiar uma crise que é geral.

Neste contexto, a inovação aparece mesmo como a única alternativa viável. E, como na maior parte das vezes ela está associada ao pensamento de Design, o *Design Thinking*, parece desafiadora esta busca pela transformação do cenário atual. Se a educação é a única saída para salvar o mundo, que tanto clama por atenção e respeito, fica inspirador pensar que o Design pode contribuir neste processo.

2.4

Definindo melhor o conceito de inovação

Ainda que já tenhamos falado sobre inovação, citando os autores anteriores, como sinônimos de aperfeiçoamento e novidade, achei interessante complementar a elucidação deste conceito, começando com a definição do dicionário ⁴, que diz:

Inovação: s.f. Ação ou efeito de inovar.
Introdução de alguma novidade na legislação, nos costumes, na ciência, nas Artes etc.; seu resultado: os velhos desconfiam das inovações; feliz inovação.

Na minha opinião, a definição deste dicionário é pobre e não exprime todo o potencial transformador que este termo carrega, como veremos adiante.

2.5

Renovação: inovação de prazo

Importante também apresentar o sentido dado ao termo inovação, a partir do pensamento sociológico, que segundo o brasileiro Luiz Eduardo W. Wanderley,

em seu artigo Parâmetros sociológicos da inovação (Inovação Educacional no Brasil: Problemas e Perspectivas, pg 33), esta pode ser entendida como instrumento de mudança social, e encontra-se mais sistematizada enquanto categoria de análise das propostas teóricas da modernização. Ao ser simplificada, pode ser comparada ao processo de comunicação S-M-C-R; uma fonte (S) envia uma mensagem (M) através dos canais (C) para um receptor (R). (diagrama de minha autoria)



Figura 12: Inovação como Sistema de Modernização, L. E. W. Wanderley (diagrama meu).

Ele cita dois autores cujos pontos de vista se complementam: um deles é americano Everett M. Rogers (1969), que entende que inovação é uma ideia prática que pode ou não de fato ser nova, importando apenas se ela é percebida como tal e consegue desenvolver no indivíduo uma reação de adesão ou afastamento. Podem ser adotadas em curto e longo prazo, mas devem mudar com o tempo, de forma a manter seu caráter de desejabilidade ou inconveniência. Rogers enumera algumas características importantes das inovações:

- VANTAGEM RELATIVA – percebida como melhor que a ideia que a precede em termos que podem ser sociais, econômicos, conveniência e satisfação;
- COMPATIBILIDADE – percebida como de acordo com valores e experiências passadas dos preceptores;
- COMPLEXIDADE – grau de dificuldade em entender e usar;
- PRATICABILIDADE – mede o grau de aplicabilidade prática e sua rapidez de adoção;
- OBSERVALIDADE – mede a visibilidade de seus resultados.

Estabelecida em suas características, a difusão de uma inovação vai ocorrer dentro de um sistema social cuja estrutura sempre pode afetá-la de várias formas, atrasando ou apressando a velocidade de adoção. A difusão vai depender do tempo pelo qual o indivíduo passa entre o conhecimento e a decisão de adesão ou rechaço daquela inovação, no tempo em que leva para adotá-la e finalmente na razão da adesão, que pode ser medida pelo número de membros do sistema que a adotam em um determinado espaço de tempo. Ressalta Rogers que quanto mais orientado para valores tradicionais for o sistema, maiores serão as dificuldades de adoção a uma inovação. Quando as normas forem modernas, a situação se inverte e os resultados são positivos. Mas, uma vez que a maior parte dos sistemas comporta normas dos dois extremos, e o indivíduo pode pertencer a mais de um sistema, ele tende a sofrer maior pressão na tomada de decisão.



Figura 13: A Decisão no Processo de Inovação, E. Rogers (diagrama meu).

O outro autor citado por Wanderley é Kallen (1937), que coloca como inovação as mudanças ou novidades em ritos, técnicas, costumes, maneiras e moral e cujo âmbito pressupõe transformações amplas que podem ir da alimentação ao vestuário, da habitação ao esporte, da religião aos inventos científicos, dos estilos e atitudes em literatura e Artes. Acredita que toda inovação é deliberada e forte o bastante para vencer as barreiras que podem se apresentar. As qualidades orgânicas de uma sociedade acabam por facilitar e predispor as condições para receber as inovações e que estas se desenvolvem mais e melhor se as sociedades forem novas. Kallen esclarece que, embora os inovadores não sejam necessariamente rebeldes, acabam muitas vezes por adotar atitudes combativas, em face da eventual resistência dos que se apegam às rotinas anteriores. Mas, à medida

em que se reconhece as qualidades desta inovação em oposição ao modelo anterior, ela tende a perdurar. Diz que normalmente as resistências são provocadas por medo e/ou egoísmo, oriundos do apego a situações conhecidas e tidas como seguras.

2.6 A inovação na prática educacional

Depois de atribuir expectativa em relação a possíveis iniciativas inovadoras no sistema educacional e postas as considerações sobre as diferentes naturezas das inovações e seus processos de incorporação, me interessei em conhecer um pouco melhor o cenário brasileiro. Wanderley aponta em seu artigo especificamente para o conjunto de inovações recentes da reforma da educação universitária e o quanto elas ainda se engendram e desafiam seus principais agentes: autoridades, professores e alunos. Muitas foram consideradas medidas eficazes, enquanto que outras logram insucesso sobretudo por encarnarem distorções que impactaram na inegável queda de qualidade do ensino superior no Brasil.

Em termos gerais, haveria uma tendência ao combate a uma suposta neutralidade da educação e, ao contrário disso, ela deveria ser vista como espaço de crítica ao sistema que a alimenta e à politização dos indivíduos ao nível universitário.

O reaparecimento do movimento estudantil em nível nacional pode ser considerado uma inovação em andamento e configurar uma severa crítica ao sistema educacional e sócio econômico vigentes. Também nas instâncias administrativas das instituições aparecem sinais de reação, através da organização docente em busca de maior representatividade e melhores condições de trabalho e salário.

Para Wanderley, da mesma forma, as inovações que pretendiam alcançar o ensino profissionalizante e abastecer a oferta de mão de obra técnica equilibrando o mercado de trabalho, não envolveram os setores interessados e, apesar das aparentes boas intenções, sua concretização acentua as desigualdades da sociedade brasileira. Além disso, a falta de integração entre a escola e a indústria pode

provocar uma série de outros problemas para a sociedade, como a demora no surgimento das inovações tecnológicas esperadas, ou no aparecimento de energia eficiente alternativa ao petróleo, dentre outros.

Comenta também a questão da falta de integração entre as unidades do próprio sistema educacional, onde muitas vezes por falta de afinidades metodológicas ou divergências pedagógicas entre o ensino básico, o superior e a pós graduação, as “pontes” entre eles se tornam complexas e inacessíveis, dificultando o diálogo e por conseguinte também as iniciativas inovadoras

Outro fator que dificulta o desenvolvimento e a prática de experiências pedagógicas inovadoras, pode ser a própria mentalidade dos gestores de determinadas instituições, que, por falta de compreensão de seu potencial transformador ou mesmo por receio de romper com padrões tradicionais, muitas vezes as ignoram ou não as apoiam. Nestes casos, os grupos minoritários autores das iniciativas inovadoras lutam frequentemente sem sucesso. Mas, na medida do possível, Wanderley se coloca otimista quando relata que nos casos onde esta integração é atingida, o processo inovador ganha comprovada eficiência e é perceptível na melhoria da formação e do ensino, tanto de novos professores do corpo docente, quanto dos alunos em seu aprendizado. Aponta também para a oportunidade de troca entre instituições de ensino, onde experiências inovadoras são compartilhadas levando a um enriquecimento progressivo, facilmente constatável.



Figura 14: A Inovação na Reforma da Educação Universitária no Brasil, L. E. W. Wanderley (diagrama meu)..

2.7 Sobre aprendizagem

Como tem sido feito antes, acho necessário abrir aqui para a definição do que chamamos aprendizagem. Para este fenômeno que faz parte da Pedagogia, segundo o dicionário⁵, temos o seguinte significado:

Aprendizagem: s.f. Ação de aprender; aprendizado. Tempo durante o qual se aprende. Psicologia Método que consiste em estabelecer conexões entre certos estímulos e determinadas respostas, cujo resultado é aumentar a adaptação do ser vivo ao seu ambiente.

⁵ Fonte: Dicio. <http://www.dicio.com.br/aprendizagem/> Acessado em 10/9/2013

A autora que busquei aqui, foi a prof. Maria Aparecida Mamede-Neves, experiente psicóloga e educadora da PUC-Rio, a quem tive o prazer de conhecer através do estudo dirigido que me ofereceu. Aprendi muito nesta disciplina e gostaria de comentar aqui a leitura de um material didático produzido por ela.

Foi interessante perceber que a questão do ensino aprendizagem tem sido alvo de interesse de estudiosos tanto do campo da Pedagogia. Mais uma vez aparece nítida a articulação entre os atos de aprender e ensinar.

A definição comum de aprendizagem aponta para um processo que implica em mudança de comportamento, obtido através de uma experiência, que pode ser construída por diversos fatores (emocionais, neurológicos, relacionais ambientais). Contudo, acaba acontecendo também a compreensão de que aprendizagem possa ser o produto deste processo, como resultado do ato de aprender. Mamede constata que a prática pedagógica tem se ocupado muito mais dos resultados que o aprendiz demonstra (produto) do que propriamente com os caminhos que trilhou para obter aqueles resultados (processo). Percebe-se que a maturidade vem sendo tomada como fio condutor da aprendizagem e que ambas, qual um binômio, fazem parte do desenvolvimento. Funciona como se a aprendizagem fosse o produto, a face externa do processo, enquanto que internamente, a maturidade como fruto da maturação fosse a condição necessária para que a aprendizagem ocorresse.



Figura 15: Modelo desenvolvimento didática, Mamede neves (diagrama meu)

Segundo Mamede, os estudiosos que exploraram este campo do conhecimento, no entanto, independente de considerarem a aprendizagem como processo ou produto, acabaram por generalizar sua definição, ao procurar tomá-la como modelo explicativo do comportamento humano. Considerando alguns princípios como universais ao homem, desprezando seu contexto social, cultural e histórico, eles buscaram encontrar matrizes que apontassem para as leis gerais de sua definição

A principal consequência disto foi a demora em associar aprendizagem ao desenvolvimento, tomando-a como conceito isolado, predominantemente cognitiva, associada unicamente ao racional. Assim se desenvolveu a didática, buscando sempre o apoio de métodos que garantissem o melhor desempenho cognitivo dos aprendizes. Quaisquer sentimentos apresentados durante o processo de aprendizagem, como medo, desejo, repulsa ou motivação, eram associados ao temperamento da pessoa, à sua própria hereditariedade, deixando de ser considerados como parte do sistema. Desta forma, a escola caminhou partida,

dividindo os profissionais que se ocupavam de questões pedagógicas, como o rendimento escolar, daqueles outros que acompanhavam as condutas sócio-afetiva dos alunos.

A esta altura, estava pronto o cenário ideal para a busca de um outro olhar sobre a questão. Foi quando começaram a surgir ideias inovadoras sobre o processo de aprendizagem. Kurt Lewin, importante pensador alemão, escreve um artigo que tem forte impacto sobre aquele conceito único que definia aprendizagem até então. Mesmo mantendo as generalizações, Lewin aponta para uma maior complexidade no conceito e sua estruturação. Além de considerar mudanças na área físico-biológica do indivíduo, diretamente associadas à maturidade biológica, importante na aquisição de novas habilidades específicas (como a motora por exemplo), ele distingue outras possíveis mudanças como resultados do processo de aprendizagem. São elas: mudança na estrutura cognitiva, de motivação, de modificação a partir do grupo a que pertencem os indivíduos, de mudanças de valores e ideologias e também de necessidades e significado.

Como teórico estruturalista, Kurt Lewin baseou-se em sua conhecida Teoria de campo para explicar a aprendizagem, adotando a percepção (no lugar das sensações como faziam os demais estudiosos) como a estrutura primeira do ato de aprender. Entendia percepção como sendo o conhecimento que promove, com base nos dados recolhidos, a coordenação da conduta. Para ele, perceber é, antes de tudo, relacionar os elementos que formam o todo de uma situação, de forma a que possa adquirir significado para o percebido. Dada uma situação concreta, o ato de perceber absorve não só as unidades concretas – as partes da situação- que as compõem, mas também e principalmente, as relações que se estabelecem entre essas partes. Dizemos que percebemos quando o que estamos tomando contato adquire algum sentido, alguma significação para nós.

Historicamente até então, os teóricos achavam que o ato de estabelecer relações era um fenômeno exclusivo dos processos de pensamento, sendo atribuído à corrente desta lista a associação entre perceber e pensar. Para este grupo, o

pensamento se distingue da percepção apenas por sua maior flexibilidade, mas entendem que um reforça o outro.

Segundo Mamede, não devemos esquecer que percebemos para além dos objetos concretos, como através de nossa construção imaginária e que Lewin e seus colegas desta lista nos trouxeram o conhecimento de que aprender é, antes de mais nada, estabelecer e compreender relações. Resume a importância da percepção na aprendizagem humana com a seguinte máxima: o comportamento humano é o resultado de como o homem percebe o mundo e de como ele se percebe no mundo. No campo da Pedagogia, este ponto orienta o professor para que leve o aluno a perceber e relacionar os fenômenos, ao invés de apenas ensinar a enunciá-los.

Outro ponto igualmente importante e também desvendado a partir das contribuições de Kurt Lewin para o campo da aprendizagem, foi considerar a organização psíquica como verdadeiro cenário do processo de aprender. A partir deste entendimento, fica claro que o resultado de todo o processo de impacto mútuo entre as informações armazenadas e a realidade externa, se configuram como a ação do sujeito no mundo, que transforma o meio externo ao mesmo tempo em que adapta sua organização interna às mudanças que experimentou, a partir de sua própria transformação. Assim, o homem é capaz de diferenciar os elementos da realidade e das relações por ele reconhecidas, filtrando o que será retido de forma a construir mecanismos de antecipação. Por isso, aprender é também, poder antecipar situações que ainda não aconteceram no campo real. Ao ter expectativas sobre um fenômeno antes que ele se realize, o homem pode formular hipóteses de como atuar em relação ao que ocorrerá e isso o coloca adiante da simples aquisição da informação para torná-lo um ser capaz de manipular os instrumentos de indagação. Nesse sentido, aprender é, também, poder indagar. Assim, temos que o principal eixo do aprender é o pensar. Mas, também as significações são fundamentais para o homem compreender o mundo. Na Psicologia, a escola gestalista valoriza a qualidade do pensamento para além de simples registros físicos captados pelos sentidos, o que torna a realidade psíquica nem sempre correspondente à realidade física. Isto vai conduzir ao entendimento de que o campo psíquico é portanto um espaço de representações,

reais ou não, no ponto de vista físico, mas certamente reais no ponto de vista psicológico. As ligações de significados que o sujeito faz destas realidades são chamadas de valências e vão regular sua vontade e intenção no ato de aprender. A motivação passa a ser vista como fundamental para o desejo de aprender.

A seguir, um infográfico de minha autoria que explicita o pensamento de Kurt Lewin sobre o processo da aprendizagem.



Figura 16: A Valorização do Processo na Aprendizagem, Kurt Lewin (diagrama meu)

2.8 Aprender, um ato social

Há diferentes modos de aprender, que independem do momento e desenvolvimento em que o ser humano esteja. Por muito tempo, os estudiosos do campo enfatizaram a apreensão direta da realidade, obtida através de experiências concretas e pessoais de quem aprende. Porém, embora autores como Freud e Vygotsky não tenham desenvolvido teorias específicas de aprendizagem e sim de

desenvolvimento, enriqueceram as discussões teóricas do campo, ao valorizar o papel daqueles que nos ensinam as coisas do mundo, seus valores e suas significações, revelando assim uma outra forma de aprender, através da apreensão indireta da realidade. Nelas, as informações são também obtidas por intermédio de pessoas que funcionam para o aprendente como modelos significativos de sua compreensão do mundo e da construção do conhecimento. Estes grupos de pessoas podem incluir pais, mestres, amigos e todos aqueles que o ajudam a aprender o legado do contexto social em que está inserido. Estes mediadores o ensinam algo que já é deles, e que deverá ser resignificado pelo aprendente, mas certamente a entrega vem carregada de seus próprios valores e crenças. Assim, temos:

- APREENSÃO DIRETA DA REALIDADE - Realizada através de vivências concretas e pessoais do aprendente. O processo se dá através da ação do indivíduo visto em sua singularidade.
- APREENSÃO INDIRETA DA REALIDADE - Acontece através de informações recebidas de pessoas consideradas modelos significativos e que fazem parte do contexto social do indivíduo.

A partir das características sociais da aprendizagem, entendemos que direta ou indiretamente, o outro sempre estará inscrito no processo, tornando-o indissociável do ato de ensinar. Por isso, a melhor definição acaba sendo a de processo de ensino-aprendizagem. O ponto central do processo de ensino-aprendizagem agora passou a ser a atividade do aluno enquanto agente da sua própria aprendizagem, deixando, assim, de ser o agente passivo do ensino ministrado pelo professor.



Figura 17: Teorias sobre Aprendizagem e suas Características Sociais, Mamede Neves (diagrama meu)

2.9 Ensinar, um ato significativo

Ainda atenta às colocações da Prof^a Aparecida Mamede, penso que se aprender é um fenômeno que resulta da interação direta entre estruturas mentais e o meio ambiente, o ensinar também deve ser pensado como tal. Em ambos os casos, vimos que a motivação deve ser o fator combustível para que o processo se dê de forma saudável e eficaz. Tanto no aluno, que deve estar interessado ou ser convidado a se interessar pelo conteúdo a ser apresentado, como pelo professor, que deve gostar de transmitir além de valorizar aquilo que ensina. São necessários receptividade e disponibilidade respectivamente. Nesta troca verdadeira, onde não haja hierarquias impostas e ambos os agentes sejam valorizados como partes fundamentais do processo, será possível atribuir significância ao ensino-aprendizagem. E, diferente do pensamento pedagógico tradicional do passado, onde a repetição exaustiva garantia a pregnância dos conteúdos, os conhecimentos

assim poderão permanecer vivos no espaço psíquico, sempre representantes de experiências de valor.

Um autor que fala muito bem sobre esta questão, e que reforça e complementa tudo o que Canário, Wanderley e Mamede trouxeram, é Júlio Cesar Furtado dos Santos. Professor, pedagogo e psicólogo, doutor em Ciências da Educação, ele tem se dedicado à pesquisa sobre como promover a aprendizagem significativa. Considera que este desafio começa com uma nova postura diante do mundo, onde a função instrumentalizadora da educação possa ser cada vez mais reconhecida e confirmada. Segundo ele, a evolução da humanidade depende diretamente da evolução de como vemos e compreendemos o mundo e, uma vez que, essa visão será determinada sobre a maneira pela qual aprendermos a aprender o mundo, a educação se coloca primordial e no centro da questão.

As mudanças vêm acontecendo de forma muito ágil e isto trouxe como consequência um problema onde o modelo comportamental tradicional de educação não pode mais dar conta. Para lidar com esta situação, o conceito de aprendizagem precisa ser mais dinâmico. A sobrevivência no mundo atual e naquele que se anuncia dependerá da habilidade de saber “aprender” e “desaprender”. O maior desafio consiste, para ele, no fato de que nossas atitudes ainda estão pautadas sobre as crenças comportamentais que construímos em nossa fase escolar, se tornando assim um paradigma que precisa ser mudado pelos professores. Acredita que, apenas se livrando das antigas crenças, a força docente estará preparada para ajudar a formar esse novo aluno para o futuro.

limitar a atuação do professor contemporâneo. Achei interessante enumerá-las aqui, pois em muitos momentos pude reconhecer o projeto “Design no Exterior” exatamente como um antídoto a estas crenças limitadoras. Pretendo oferecer uma breve relação entre o que ele propõe e alguns aspectos do programa objeto deste estudo.

Crença 1- “quando o professor acredita que precisa arrumar o conteúdo para que o aluno aprenda”;

1 Durante a vivência das viagens, o aluno é provocado e convidado a refletir sobre o design em momentos e situações cotidianas, que muitas vezes surgem inesperadamente.

O equívoco aqui é que o professor se coloca no papel de principal responsável pela aprendizagem. Segundo o autor, a neurociência já comprovou que o cérebro aprende de forma caótica e desordenada. É importante que o professor facilite esta ação do cérebro, desafiando-o a fazer novas ligações sinápticas. Assim, estará exercendo seu principal papel, que é criar novas relações e não apenas guardar informação. O ideal seria que o professor entendesse que seu papel não é dar aulas, e sim provocar a aprendizagem.

Crença 2- “quando o professor acredita que construir conhecimento dá muito trabalho”;

2 Viajar conduzindo grupos de alunos de habilitações, períodos, temperamentos e idades diferentes, certamente requer disponibilidade e fôlego. Sobretudo porque o programa é muito intensivo e pode durar até 15 horas por dia.

Pensando assim, o professor se mantém no estilo tradicional, acreditando que, na prática não está preparado para o novo paradigma. Além de se manter no mundo imaginário da impossibilidade, esta crença limita o professor a ponto de impedi-lo

de tentar. Propõe ao professor que pensa assim, a seguinte reflexão: o que dá mais trabalho, facilitar ou impor a aprendizagem?

Crença 3 – “ quando o professor acredita que isto é só discurso e que esta teoria não funciona na prática”

3 Criatividade, flexibilidade e percepção de oportunidades não podem faltar na condução de um programa como “Design no Exterior”. As condições climáticas muitas vezes nos impedem de seguir a programação daquele dia, outras vezes incorporamos algum novo programa descoberto lá mesmo, outras substituímos alguma atividade por outra que o grupo esteja preferindo...

Considerando que o modelo tradicional criava uma expectativa de que tudo deveria estar pronto para as aulas, os novos alunos e seus pais deveriam ser informados sobre como realmente se dá o processo de ensino-aprendizagem e que este modelo comportamental comprovadamente não serve mais. Para os novos tempos, precisamos que o indivíduo saiba criar, analisar, simplificar e transformar, competências que o autor atesta serem impossíveis de serem desenvolvidas a partir do esquema tradicional.

Crença 4 – “ quando o professor duvida que seja capaz de controlar a bagunça”;

4 A integração nas viagens é tão grande, que frequentemente rimos, vibramos e brincamos juntos em diversos momentos. Professores cantam e dançam junto dos alunos, participam de momentos de “bagunça”, mas que tem muito a ensinar.

Este pensamento parece derivar de outras crenças também ultrapassadas como 1) aprender é uma atitude passiva ou 2) aprende-se de fora para dentro ou 3) para aprender é preciso ficar quieto ou 4) quem aprende não interage, apenas

recebe. Para Furtado, é preciso que se destrua o mito da passividade e que se creia que a real aprendizagem só acontece através do movimento, da interação.

Crença 5 – “ quando o professor se preocupa com a manutenção do currículo”

5 Durante as viagens não há currículo, e sim uma grande imersão em diversos temas do campo. Em função do interesse do grupo e das surpresas que nos reservam os acontecimentos do dia, as discussões podem se aprofundar em temas não previstos que se tenham feito oportunos

A esta crença o autor responde com uma simples indagação: quem serve a quem? O currículo está a serviço da aprendizagem ou a aprendizagem deve estar serviço do currículo?

Em busca de superar os obstáculos que se colocam para uma efetiva promoção da aprendizagem significativa, Júlio Furtado completa este raciocínio sugerindo que os professores possam fazer um esforço no sentido de se auto conhecerem. Acredita que somente apropriando-se de seus limites e potencialidades o professor pode ter a força necessária para se tornar o verdadeiro agente de mudanças do qual a sociedade tanto necessita.

No mesmo artigo, coloca que o modelo de aprendizagem que atende às necessidades de nosso tempo não pode mais ser aquele tradicional, onde o aluno apenas repetia mecanicamente as informações recebidas, independente de qualquer contextualização. Ao contrário disso, os professores devem ser capazes de contribuir para a aquisição e construção das seguintes características no aluno, para que se torne um cidadão protagonista de seu tempo: autonomia, seletividade, planejamento, interação social, coletividade, flexibilidade e criatividade.

Por acreditar que não existe mais espaço para uma aprendizagem que não seja significativa, Furtado enumera os passos consecutivos que deverão ser concretizados para a construção do conhecimento. A compreensão das atitudes a serem adotadas em cada etapa, capacitam o professor a promover a aprendizagem significativa. São elas:

- 1- SENTIR – Toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional;
- 2- PERCEBER – Depois de contextualizar, o aluno precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado;
- 3- COMPREENDER – É quando se dá a construção do conceito, que vai garantir a possibilidade de utilização do conhecimento em diferentes contextos;
- 4- DEFINIR – Significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir o conceito em suas palavras, de forma clara;
- 5- ARGUMENTAR – Após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre através do texto falado, escrito, verbal e não verbal;
- 6- DISCUTIR – Nesse passo, o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio através da argumentação
- 7- TRANSFORMAR – Último passo da construção do conhecimento, e propósito maior da aprendizagem significativa é ser capaz de interferir na realidade.

Na primeira etapa “sentir”, a compreensão básica do professor será de contribuir para que o aluno construa um sentido real e concreto em relação ao conteúdo apresentado. A característica do cérebro humano que explica esta necessidade é a totalização. O cérebro percebe primeiro a forma global, o contexto total do objeto. Dessa forma, para que haja a aprendizagem significativa, o professor deve levar o aluno a construir o sentido do objeto em seu próprio mundo.

Na segunda etapa “perceber”, o importante será a caracterização daquele objeto. O que faz dele algo específico? O que o faz ser ele mesmo? A percepção do objeto somente se faz plenamente quando já se construiu um sentido contextual para o mesmo (etapa 1). A percepção nasce do sentido e, para perceber, o sentido precisa estar construído. Não seria possível sentir e perceber ao mesmo tempo. O professor deve aqui, trazer o mundo que cerca o aluno para dentro de sala, para que ele possa se reconhecer e se relacionar. Por isso as atividades de percepção só devem ser iniciadas quando o sentido estiver devidamente construído.

Na terceira etapa “compreender”, o movimento natural do processo de aprendizagem é, depois de perceber, reunir tudo o que foi percebido e formar um conceito. Compreender é construir um conceito sobre algo, a partir da reunião das características e fatos percebidos. Nesta fase, o autor propõe que o professor ajude a facilitar a síntese através de atividades que mantenham a exploração do objeto, até que a síntese conceitual se apresente.

Na quarta etapa “definir”, o aluno deve ser capaz de, logo após a construção do conceito, elaborar a definição. A sugestão de Furtado é que o professor permita aqui a livre elaboração, respeitando a linguagem própria do aluno e priorizando e expressão do conceito como foi entendido. Assim, o professor e o aluno poderão avaliar o nível de acerto na construção deste conceito.

Na quinta etapa “argumentar”, o aluno já deverá estar preparado para argumentar a partir da definição de seu conceito. A característica fundamental aqui é a sedimentação, através do encadeamento e entrelaçamento do conceito recém construído junto a outros já existentes.

Na sexta etapa “discutir”, o aluno deve ter reunido condições através da argumentação e formar uma cadeia de raciocínios. Recomenda Furtado que aqui, o professor possa verificar a relevância e consistência do discurso. O indivíduo capaz de fundamentar argumentos coerentes será também capaz de fazer a diferença.

Na sétima e última etapa “transformar”, o autor coloca que para ser significativa, toda aprendizagem deve se inserir na realidade. Este seria o propósito maior e a atitude do professor nesta etapa deve ser contribuir para que o aluno simule sua ação num contexto real. Apresentar projetos, desenvolver ideias, resolver problemas e aplicar o conceito na prática são exemplos de atividades que se adequam a esta fase.

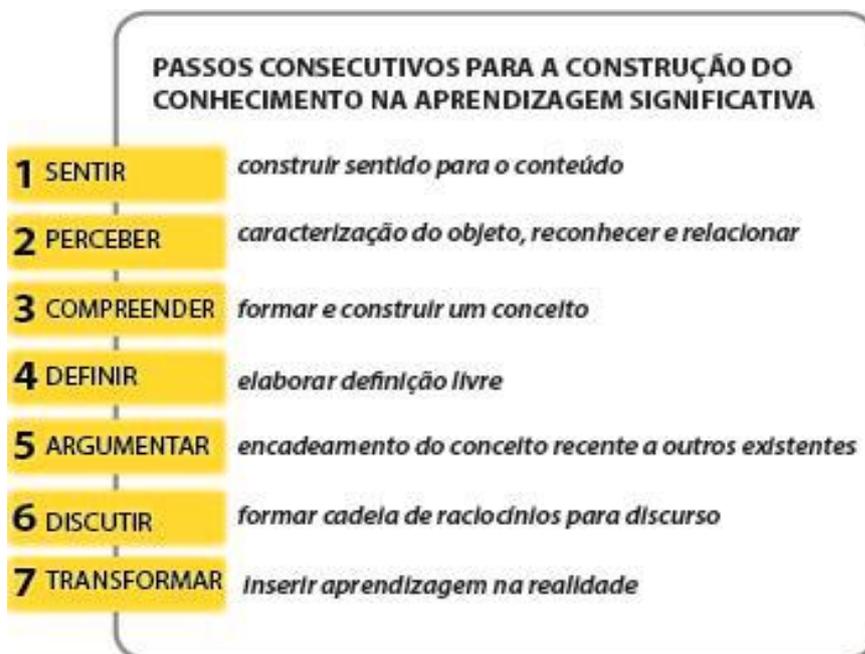


Figura 19: Passos Consecutivos para a Construção do Conhecimento na Aprendizagem Significativa, J. C. Furtado (diagrama meu).

É curioso como percebo o quanto estas atividades descritas estão intimamente ligadas à prática e ao ensino do Design. Não apenas em meus 25 anos de prática de supervisão de alunos estagiários em escritórios de Design, atendendo a

demandas reais de mercado, mas também em minha prática docente no ensino de projeto de comunicação visual dentro do curso de graduação de Design da PUC-Rio, todas estas etapas distintas se vislumbrando através da metodologia de projeto que apresentamos aos alunos para lidar com o desenvolvimento de seus trabalhos. Talvez também por isso o pensamento de Design (*Design Thinking*) venha ganhando tanto terreno nos campos estratégicos voltados para a definição e solução de problemas nos mais diversos setores de nossa sociedade (comércio, indústria e serviços).

2.10 Pedagogia Inovadora

Certamente muito se tem visto em experiências pedagógicas inovadoras, o que mostra o quanto o assunto é oportuno e tem despertado interesse dos teóricos do campo. Cada um em seu estilo, acabam reforçando conceitos e opiniões em comum. Procurando discutir ainda mais profundamente esta questão, busco o aporte de alguns autores que de alguma forma tratam de questões que estejam presentes na minha pesquisa, “Design no exterior - o ensino do Design em ambiente não convencional”.

Volto a me valer do pensamento de Rui Canário, que questiona a manutenção de um sistema educacional baseado na organização tradicional da escola e defende uma nova epistemologia do conhecimento que seja centrada na aprendizagem. Canário fala de alunos e professores como aprendentes comprometidos com a produção de informações originais - agentes de processos educativos baseados na produção de conhecimentos. A relação entre estes agentes deve se dar em uma instância da construção de sentido dentro do processo educativo. Aposta na lógica de pesquisa contra a valorização das perguntas, na aprendizagem baseada na abstração contra a memorização, a experimentação contra a aplicação, a visão sistêmica de fenômenos complexos contra a visão analítica de segmentação e simplificação das complexidades.

Canário propõe que o professor possa exercitar a escuta e valorizar as experiências de vida do aluno para a sistematização dos saberes. Este mesmo professor deve priorizar a colaboração e o trabalho de equipe no lugar da competição individual e ampliar as noções fragmentadas de curriculum enquanto soma de conteúdos. Para ele, isto se torna viável numa escola vista como uma comunidade de aprendizagem, onde teoria e prática coexistam e as aprendizagens baseadas nas experiências tenham vez



Figura 20: Nova Epistemologia do Conhecimento, Rui Canário (diagrama meu).

Mais recentemente, em entrevista concedida à jornalista Paula Nadal, da revista *Gestão Escolar* da editora Abril, o professor português propõe transformar problemas em soluções inovadoras e diz que as dificuldades devem se transformar em ações educativas. Traz exemplos concretos do uso de inovação em educação para solucionar questões sérias que poderiam ter arruinado algumas instituições sem estas ações. Comento os principais pontos abordados na entrevista a seguir:

Ele coloca o fenômeno da globalização, com suas vias abertas nas quais tudo é intensamente compartilhado como um dos responsáveis pela manutenção da crise que

atinge o sistema educacional de vários países. O alto índice de analfabetismo funcional, pela proletarização do trabalho dos professores e também pelo descaso dos alunos em relação aos estudos configuram a ineficiência geral da escola no mundo todo.

Entende que frequentemente algumas consequências da crise, como o desinteresse de alunos e professores e a falta de condições ideais de trabalho, são apontadas como barreiras intransponíveis para ter um ensino de qualidade e muitos profissionais da educação se deixam abater por elas, enquanto que outros, ao contrário, usam as dificuldades como fonte para a busca de soluções. Acredita que seja possível encontrar caminhos desde que as diversidades e os possíveis problemas ou crises sejam usados como estímulo para criar soluções inovadoras. Enquanto muitos afirmam que o descaso dos alunos impede a escola de ser eficiente, que tal incentivar a criação de projetos que possam ser desenvolvidos pelos educandos, tratando-os como capazes de produzir e não como aprendizes que só têm a receber?

É difícil não haver engajamento quando as pessoas se tornam sujeitos e atribuem um sentido positivo ao trabalho que realizam. O que parecia um obstáculo - a falta de envolvimento - virou um caminho para atingir os objetivos. Muitos educadores apontam também o descaso das famílias e do próprio corpo docente. O professor disse que quando participou de determinadas iniciativas de intervenção em algumas turmas, percebeu que um dos entraves era justamente o distanciamento dos atores das metas almejadas. E isso acontecia com os alunos, os familiares e os professores, que se diziam desmotivados. Neste caso, os recursos para lidar positivamente com públicos pouco comprometidos foram sintetizados em três aspectos: a implantação de uma Pedagogia que incentivou o estudante a se tornar produtor de saber, a elaboração de planos para aproximar as famílias, a comunidade e outras instituições da vida escolar e a adoção do trabalho participativo e em equipe para os docentes, permitindo a construção de práticas sobre as quais há uma reflexão permanente.

Quando perguntado sobre a falta de recursos como impedimento para ações inovadoras, responde que os principais recursos da educação são as pessoas, os saberes e as experiências de mobilização. Com isso, não há escolas pobres. Sem fazer nenhuma apologia da pobreza, é das situações de necessidade que frequentemente surgem, em zonas marginalizadas e periféricas do sistema educativo, as formas mais criativas de identificar e produzir recursos e de construir

soluções inovadoras. Em Portugal, isso ficou muito claro com a Escola da Ponte e também no projeto das escolas rurais. No caso da Escola da Ponte, a organização democrática com a participação dos alunos permitiu que eles próprios fossem o recurso para superar os problemas de indisciplina. Já o projeto de intervenção nas pequenas escolas rurais começou exatamente para resolver um problema de isolamento dos professores. Rapidamente se percebeu que esse isolamento dizia respeito não apenas às escolas mas também às próprias comunidades. Assim as primeiras se transformaram em polos de animação comunitária, instituindo, por exemplo, processos de trabalho pedagógico que envolviam diretamente as crianças e os idosos dos povoados, em uma troca bastante rica e promissora.

Quando perguntado sobre a importância de cada instituição construir sua própria identidade, diz que é esse processo que fundamenta a pertinência de cada espaço de ensino em orientar-se para um projeto educativo próprio, em que os professores se formam na ação, por meio de um desempenho profissional que cada vez é mais claro e valorizado pela própria equipe. É o que eu chamo de formação de professores centrada na escola. Para que isso seja concretizado, é essencial haver lideranças fortes, apoiadas no trabalho docente colaborativo. Essas ações ajudam também a reverter o quadro de proletarização do trabalho dos professores, tornando-os protagonistas de todo o processo de ensino.

Canário expõe as competências profissionais que acredita importantes a serem desenvolvidas pela equipe pedagógica e estimuladas pelos gestores. Diz:

“A formação dos professores certamente corresponde a um processo de socialização que se verifica no próprio exercício da profissão. Os docentes aprendem como trabalhar nas escolas, com base na experiência que tiveram como alunos e por meio de um processo de socialização com os pares. É importante que nas rotinas escolares sejam criados espaços que permitam realizar, de forma consciente, esse processo de aprendizagem. A ação das lideranças é decisiva para que cada escola se transforme numa organização qualificante para os profissionais que lá trabalham.”

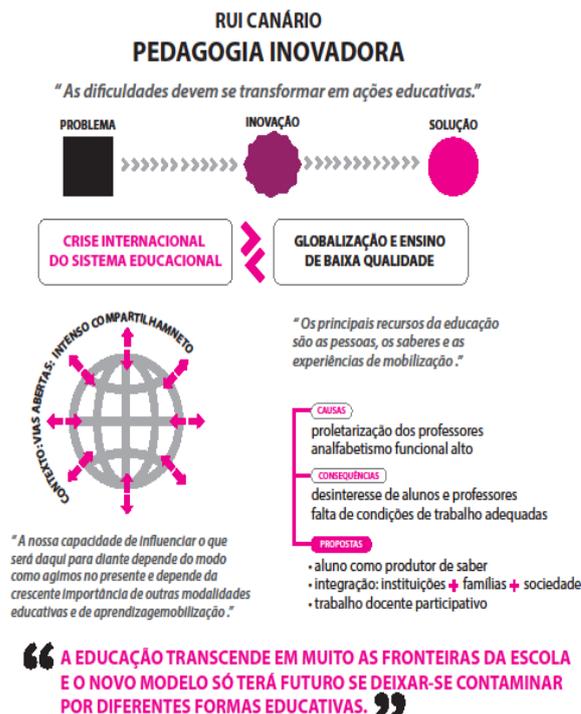


Figura 21: Pedagogia Inovadora, Rui Canário (diagrama meu).

Nesse ponto, comenta mais uma vez sobre o futuro da escola: O grande problema hoje não é só saber como será a escola do futuro, mas saber se há um futuro para a escola. O que vai acontecer não pode ser adivinhado, mas problematizado. Há várias perspectivas possíveis. A nossa capacidade de influenciar o que será daqui para diante depende do modo como agimos no presente e depende da crescente importância de outras modalidades educativas e de aprendizagem. Muitas das críticas à escolarização, particularmente as que foram desenvolvidas pelo filósofo austríaco Ivan Illich (1926-2002), que defendia uma sociedade sem instituições oficiais de ensino, aparecem hoje como bastante realistas. Em muitos aspectos, a escola deixou de ser a solução para fazer parte do problema. Hoje, não é previsível haver um cenário de desescolarização, mas é possível verificar a crescente importância de outras modalidades educativas e de aprendizagem. A Educação transcende em muito as fronteiras da escola e o modelo ali desenvolvido só terá futuro se ele tornar-se poroso e deixar-se contaminar por diferentes formas educativas.

Facilmente, consigo relacionar a experiência que venho desenvolvendo no curso de Design da PUC-Rio desde 2006, a viagem acadêmica guiada, intitulada Design no

Fonte: Dicio. <http://www.dicio.com.br/aprendizagem/> Acessado em 23/3/2014

2.11 A validação pela avaliação

Mais uma vez recorrendo à definição que nos traz o dicionário⁶, encontro a seguinte para a palavra avaliação:

Avaliação: s.f. Ato de avaliar, seu efeito. Cálculo do valor comercial de uma propriedade. O valor comercial é o preço mais provável pelo qual uma propriedade pode ser comprada ou vendida por pessoas capazes. As avaliações são feitas por especialistas denominados avaliadores.

Embora a definição da palavra diga respeito aos aspectos financeiros aos quais está associada, creio que posso deixar que ela marque o valor do que está em questão. Academicamente falando, os métodos de avaliação sempre ocuparam lugar de destaque nos processos de ensino-aprendizagem. A avaliação é um instrumento que permite verificar e aferir o desempenho dos alunos diante de determinados conteúdos ou mesmo seus estágios de desenvolvimento no campo em que estudam. Suas respostas podem contribuir para fornecer informações e devoluções para que os professores possam ajustar suas abordagens, de forma a aprimorar suas ações didáticas e pedagógicas, sempre que necessário.

Como vimos anteriormente, no modelo tradicional de ensino, aos alunos era “ensinada” a repetição automática e dissociada de conhecimentos estanque. Para validar um método, ainda que baseado em conceitos ultrapassados, é sempre necessário aferir resultados através de uma avaliação. Nos casos do ensino tradicional, as famosas provas ainda têm se configurado neste instrumento adequado para avaliar a qualidade dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Mas, à medida que o próprio sistema educacional se encontra em crise e que novas propostas pedagógicas têm surgido para atender a estas demandas dos novos tempos, é importante que também que o processo avaliativo também possa se transformar para acompanhar as atuais circunstâncias.

Em 1972, na Universidade de Edimburgo, na Escócia, os pesquisadores Malcolm Parlett e David Hamilton em muito contribuíram para o campo da

educação com seu artigo *Avaliação iluminativa: uma nova abordagem no estudo de programas inovadores*. Eles falam de uma avaliação que se baseia na negociação, uma vez que não se pode abarcar apenas os resultados do ensino, mas sim buscar entender o ensino em sua totalidade. Aspectos quantificáveis não são suficientes e devem dar espaço para a abordagem qualitativa. Em sua opinião, não há como entender projetos pedagógicos inovadores sem uma avaliação que seja iluminativa, ou seja, que destaque. Não apenas pela complexidade dos novos processos de ensino- aprendizagem que não permitem que a avaliação utilize uma metodologia objetiva e exata, mas também porque esta nova abordagem contribui diretamente para a tomada de decisão.

A partir da percepção de que a inovação vinha se expandindo e justificando investimentos públicos e privados cada vez maiores naquelas últimas décadas, afetando mundialmente as esferas política, financeira, ideológica e cultural da sociedade, naturalmente a área educação sente seu impacto. A reboque desta ideia, a avaliação também passou a ser considerada uma atividade legítima e importante em si mesma. A partir daí, avaliação e inovação alcançaram status de ciências maiores, ganharam grande destaque merecendo inclusive revistas especializadas e centros de pesquisa em um nível internacional.

Enfrentando as dificuldades inerentes aos novos campos, a avaliação vinha se desenvolvendo teórica e metodologicamente num cenário onde coexistiam dois paradigmas bem distintos no âmbito da pesquisa educacional. A corrente dominante se baseava no modelo clássico, conhecido como “agro-botânico”, enquanto que a outra acreditava em um caminho mais alternativo, que se opunha ao primeiro. E, os autores se basearam justamente neste modelo menos privilegiado, que passou a ser chamado de sócio-antropológico.

A avaliação do tipo “agro-botânica”, trabalha como que comparando os alunos com sementes. Eles são pré-testados, as sementes são pesadas e medidas. Os alunos são submetidos a experiências, enquanto que as sementes sofrem tratamentos. Após curto período de tempo procura-se o crescimento ou produção dos alunos, para avaliar a eficiência dos métodos empregados, ou seja, se o uso dos fertilizantes apresentou bons resultados. Estudos desta natureza apenas podem fornecer dados objetivos,

numéricos, estatísticos. QI, posição social, perfis de personalidade e outros testes afins são processados em busca da comprovação de novos métodos pedagógicos.

Mas, a resistência a estes métodos de avaliação usados frente a situações inovadoras tem crescido ultimamente e as principais razões são:

1- O empobrecimento da análise de situações educacionais, o alto custo derivado da grande amostra necessária para a coleta de dados, raramente pode-se generalizar dados de uma situação controlada (artificial) para outra não controlada, e finalmente porque indivíduos e instituições acabam reduzidos a parâmetros e fatores;

2- Os planos de pesquisa “antes e depois” consideram que os programas inovadores sofrem pouca ou nenhuma mudança durante o período de investigação. Desta forma, fica impossível se adaptar a eventuais mudanças que venham a acontecer. Sem considerar o efeito desencorajador que pode se abater sobre o programa, inibindo assim opiniões e novos desenvolvimentos durante o trabalho;

3- Os métodos tradicionais impõem restrições arbitrárias e artificiais aos objetivos da pesquisa, ao subestimar dados mais subjetivos tão importantes no terreno da inovação. E, no entanto, será necessário usar tais dados para explicar satisfatoriamente e contextualizar as novas descobertas;

4- Raramente os resultados atípicos são estudados mais profundamente, este tipo de pesquisa privilegia as grandes amostras e despreza o particular;

5- As inovações são particularmente sensíveis a influências consideradas estranhas e nas avaliações tradicionais isto não é levado em conta. Desta forma, podem também ficar de fora todas as preocupações e interesses da instituição e de seu patrocinador. Em busca de verdades objetivas e preferencialmente generalizáveis, a pesquisa se realiza levando em conta normas e dados a priori.

Pelas questões expostas, e também pelo fato do pesquisador ter que lidar mais com questões burocráticas e centralizadoras, desviando sua atenção da própria prática educativa, considerou-se que o paradigma “agro-botânico” não seria o caminho viável para o estudo de iniciativas inovadoras.

Na ocasião em que foi escrito esse artigo, os autores constatavam que, apesar de todas as críticas às limitações do modelo tradicional, pouco vinha sendo proposto no sentido de apresentar métodos alternativos. Nascia então a avaliação iluminativa, pensada para considerar mais amplamente os contextos onde se desenvolvem as ações educativas. O principal objetivo desta avaliação é estudar o programa inovador: como ele funciona; como influencia e é influenciado pelas diferentes situações onde é aplicado; quais suas vantagens e quais suas desvantagens na opinião dos principais interessados; quais as condições que mais afetam as experiências acadêmicas dos alunos. A avaliação iluminativa se interessa em descobrir e registrar como participam da experiência inovadora, tanto o aluno, como também o professor. Em suma, esta avaliação leva em conta todo o conjunto complexo de questões relacionadas. Nas palavras dos autores:

A pesquisa sobre inovação pode ser esclarecedora tanto para o inovador quanto para a comunidade acadêmica, desvendando os processos educacionais, ajudando o inovador e outros interessados a identificarem os procedimentos e demais elementos do trabalho pedagógico que parecem ter sido os resultados desejáveis.”

Anunciam os autores que a mudança pra a avaliação iluminativa exige muito mais que uma simples troca de métodos, implicando em novos pressupostos, novos conceitos e até mesmo um novo vocabulário. Para melhor compreender este novo paradigma, é necessário definir mais precisamente dois conceitos: sistema de ensino e meio de aprendizagem.

Por sistema de ensino entende-se o conjunto de planos e proposições formais e pré-estabelecidas, referentes a modalidades específicas de ensino, geralmente descritos sob a forma de um manual ou similar. O avaliador tradicional, se planeja a partir do manual, de onde extrai os objetivos do programa a ser estudado. A partir daí constrói os testes e os inventários de atitude que pretende aplicar e busca examinar se o programa alcançou os resultados e/ou preencheu os critérios de desempenho esperados.

A grande falha aqui é pretender manualizar um sistema que, ao ser adotado, pressupõe mudanças e transformações constantes. Quanto mais rígido forem estas normas, mais sujeitas à interpretações, cortes e adaptações pessoais elas serão, sobretudo porque lidam com conceitos abstratos que se reordenam constantemente na prática.

O segundo conceito, o de meio de aprendizagem, diz respeito ao contexto sócio-psicológico e material onde trabalham juntos alunos e professores. Complexo sistema de variáveis culturais, sociais, institucionais e psicológicas, elas interagem de forma singular, produzindo em cada sala de aula, grupo ou curso um arranjo único. A combinação entre pressões, hábitos, opiniões e estilos de trabalhos se configuram em diferentes circunstâncias que vão impactar a aprendizagem e o ensino que naquele espaço se realizam. Existem também inúmeras restrições (espaço, verba, administrativas, profissionais etc...) que pesam sobre a organização do ensino nas instituições. Não se pode desprezar também perspectivas e preocupações do aluno, a experiência, estilo e objetivos pessoais do professor, a organização institucional quanto ao currículo, matérias, métodos de ensino e avaliação. Não seria possível estudar seriamente programas educacionais sem reconhecer o importante e multi facetado equilíbrio entre todos estes fatores.



Figura 22: Avaliação Iluminativa, Parlett e Hamilton (diagrama meu).

Desta constatação, Parlett e Hamilton defendem a tese de que os meios de aprendizagem devem ser levados em conta no estudo de programas inovadores, mesmo aqueles que têm fim de pesquisa, pois a inovação não pode ser vista como um sistema estático e fechado.

Importante frisar que a inovação, uma vez introduzida, pode gerar uma série de consequências inesperadas no meio que podem voltar a afetar a própria inovação em si. Mudanças profundas geram importantes efeitos secundários, que demandam atenção e flexibilização constantes. Na avaliação iluminativa, é muito importante que os conhecimentos sejam oferecidos aos alunos através de textos, gravações, exposições e etc., e não em sua forma “pura”. Tudo isto afeta um

conjunto de providências administrativas para favorecer o ambiente ao ensino-aprendizagem.

Em suma, o conceito de meio favorece uma análise da interdependência entre a aprendizagem e o ensino e também para relacionar organização e práticas institucionais com o desempenho dos alunos a curto e médio prazos. O desenvolvimento intelectual dos alunos precisa ser compreendido dentro de um contexto específico de cada instituição. Também costumam aparecer como resposta ao meio, fenômenos da maior importância como o tédio, o interesse, a concentração, a superficialidade e a dependência intelectual. Fica claro que os alunos não respondem apenas aos conteúdos apresentados, mas que, ao contrário, tomam o meio e todas as suas especificidades como um sistema integrado e responsável pelos seus resultados.

Quanto à organização e métodos, entende-se que a avaliação iluminativa não é um pacote padronizado, mas uma estratégia geral de pesquisa. As decisões táticas vão depender das decisões tomadas caso a caso, e vão orientar a escolha das melhores técnicas disponíveis. O problema dita o método, isolado ou combinado e a técnica ou a combinação delas.

Inicialmente o pesquisador deve se familiarizar bem com a realidade que vai estudar, como fazem os antropólogos sociais e especialistas em história natural. Como eles, não tenta manipular, controlar ou eliminar situações, ao contrário disso, tentam desemaranhá-las isolar suas características significativas, verificar causa e efeito, compreender limites entre práticas e crenças, padrões e respostas. Uma vez que a avaliação iluminativa considera a inovação como parte integrante do meio de aprendizagem, enfoca com bastante destaque a observação de aula e as entrevistas com alunos e professores.

Distinguem-se três etapas na avaliação iluminativa: os pesquisadores observam, questionam e explicam. É natural que elas se sobreponham e a passagem de uma etapa para a seguinte se dá quando os problemas vão sendo gradativamente esclarecidos. Uma base de dados ampla vai se reduzindo sistematicamente

enquanto a atenção do pesquisador se volta para a observação de fenômenos únicos e imprevistos que emergem no processo.

Neste processo de três etapas, são coletados dados a partir de quatro diferentes fontes: observação, entrevistas, questionários e testes e documentos em geral. A observação ocupa um lugar de destaque na avaliação iluminativa e dá origem a um registro contínuo dos eventos, interações e comentários informais. Uma vez que conhecer a opinião dos participantes é indispensável para estabelecer o impacto de uma inovação, as entrevistas são muito usadas, e além delas as técnicas de lápis e papel, como questionários e testes.

Apesar da avaliação iluminativa ter se baseado no estudo aprofundado de meios de aprendizagem específicos, ela também pode ser aplicada em situações de maior escala. Se for empregada inicialmente em uma pequena amostra de estudo intensivo, poderá ir crescendo gradativamente, à medida que se apresentem questões relevantes nesta primeira abordagem. A concentração sobre a observação de semelhanças e diferenças permite realizar com maior agilidade a pesquisa seletiva. Por seu caráter sensível, a avaliação iluminativa pode contribuir mais quando observados e descritos de forma precisa, o maior número possível de fenômenos que envolvem aquela experiência inovadora. Para facilitar a comunicação e a construção de novas teorias, serão necessários resumos abstraídos do concreto, o uso de vocabulário adequado e conceitos significativos para construir um quadro universal. Este conceito é tão importante que, sem isso, restará descrever e reescrever fenômenos descobertos e esquecidos, redescobertos e mais uma vez descritos *ad éter* num.



Figura 23: A Mudança para a Avaliação Iluminativa, Parlett e Hamilton (diagrama meu).

O principal escopo dos estudos avaliativos é facilitar a tomada de decisão, que interessa a pelo menos três públicos: os que participam do programa, os que patrocinam e outros pesquisadores. Uma vez que o pesquisador não toma decisões e cada um destes públicos terá a sua própria leitura do estudo, este tipo de avaliação concentra-se mais na coleta de dados. Por isso, o pesquisador deverá aprofundar seu relatório, de forma a “iluminar” a realidade complexa do programa e permitir que haja uma sofisticação do debate.

2.12 A transformação

Muitas vezes percebo que enquanto comento as ideias e cito alguns destes autores que procurei conhecer, acabo parecendo repetitiva. Talvez isto seja inevitável, na medida em que, cada um do seu jeito, busca por um viés diferente contribuir para a valorização da

educação e seus impactos para a sociedade. Entendo que são vários pontos de vista para uma só questão e que, em muitos momentos haja mesmo uma interseção entre suas falas. Mas, o interessante é que, mesmo quando falam a mesma coisa, o fazem de formas diferentes, o que acaba por reforçar o conceito principal de seus pensamentos.

Rui Canário, me parece mais formal e aborda a questão duvidando da manutenção da escola nos moldes em que se apresenta hoje e apoiando iniciativas pedagógicas inovadoras como alternativa a esta realidade. Luiz Eduardo Wanderley trazendo a compreensão de que a maior importância da inovação na sua opinião, talvez esteja mesmo na educação, devido a seu papel propagador. Júlio Cesar Furtado dos Santos, traz um discurso apaixonado sobre a necessária revisão da postura dos professores e é até alarmista quando chama atenção para a própria sobrevivência da espécie em jogo, caso não venhamos a transformar o quanto antes o quadro atual. Aparecida Mamede que, com sua vasta experiência entusiasmada no campo da pesquisa do comportamento e educação verifica que esta transformação é possível, mas tende a demandar o envolvimento, compromisso e trabalho de todas as partes. Finalmente, mas não menos importantes, Parlett e Hamilton que entram no cenário contribuindo ao construir ferramentas para comprovar e mensurar os efeitos e reflexos benéficos das inovações pedagógicas na sociedade

Mas, o que é unânime entre todos eles, e agora posso também me incluir nesta posição, é acreditar que podemos transformar este contexto, e que tanto alunos quanto professores devem sempre trabalhar juntos, numa relação, em busca de meios que possam ajudar a construir um futuro mais humano, consciente e ético para todo o planeta. E o ideal é que façamos isso rápido, pois parece que não há muito mais espaço nem tempo para errar nesta questão. Sem dúvidas estamos diante de uma situação emergencial e que merece investimento e atenção.

3

Um pouco sobre o design e seu ensino

Depois de buscar compreender um pouco mais sobre o processo de ensino-aprendizagem, me amparando em estudiosos do campo, confesso que me deparei com uma situação limítrofe em relação à sociedade e ao próprio planeta. Como Designer atuante e, principalmente como professora, sempre acredito que, se há um saber capaz de mudar o mundo, ele é o Design. Afinal, cabe à nós questionar sempre o que está feito, pensar se o como está feito é o único jeito de fazê-lo, se é realmente necessário ou faz parte de crenças herdadas e absorvidas sem questionamento, como pode melhorar, como pode melhor atender ao público... enfim, aquele imenso exercício crítico que nos coloca muitas vezes a duvidar do que parece certo e estável. Me coloquei então a buscar o pensamento de alguns estudiosos destas questões específicas.

Começo questionando o próprio conceito e, dentre as muitas definições que o termo Design já inspirou, uma simples e boa definição na minha opinião, seria “um bom projeto que atenda a um problema bem delimitado.” Nos dois tempos que se apresentam nesta sentença, o Designer deve atuar com eficácia, podendo inclusive ser autoral, considerando que existem inúmeras maneiras de abordar um mesmo problema, e também inúmeras faces deste mesmo problema. Desta forma, em geral, a aproximação que o Designer faz de uma questão e também o tipo de solução que para este propõe, refletem a sua própria interpretação daquele dado problema. Embora em tese, um mesmo problema não se repita exatamente igual em todas as suas variáveis mais de uma vez, em muitas situações as jurisprudências anteriores podem inspirar e orientar soluções similares.

No tempo de identificar o problema, estratégico e diagnóstico, o Designer usa algumas competências complementares às que emprega na fase de solução, ou

desenvolvimento do projeto propriamente dito. Como num sistema integrado, uma etapa alimenta a outra e os resultados serão tão melhores quanto mais alinhados estiverem estes tempos. Quanto melhor contornado e nítido estiver o problema, tão mais precisa e original poderá ser a solução alcançada.

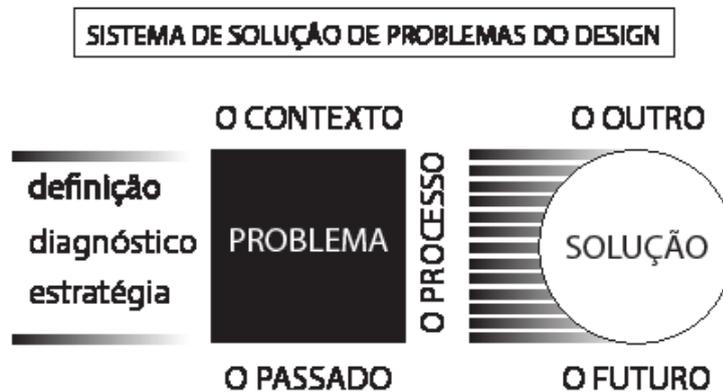


Figura 24: Sistema de Solução de Problemas do Design, E. Grandmassom (diagrama meu)

Mas, qual será o perfil de um bom Designer? O que significa ser um bom Designer? Quais as competências e habilidades que ele deve ter? De que forma deve atuar na sociedade? Sem dúvida podemos dizer que, inteligência, empatia, coragem, sensibilidade, flexibilidade e liberdade criativa são sempre bem vindas. Inteligência para perceber o contexto, relativizando o tempo todo e gerir responsabilmente suas ações; ousadia para inovar quebrar paradigmas e se diferenciar; flexibilidade para adaptações; sensibilidade para agir eticamente e também para captar as sutilezas da questão e bem interpretá-la; e, finalmente, liberdade para olhar através, adiante e sem preconceitos para o que se apresentar.

Mas, talvez este ponto de vista seja predominantemente prático e reflita um pouco de minha própria experiência, demandando uma busca mais cuidadosa pela epistemologia do campo.



Figura 25: digrama e pensamento meus

Estas parecem ser algumas preocupações que passam pela cabeça dos gestores de educação em Design. O perfil do egresso, amplamente definido nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em geral, parece retender atingir uma combinação entre as características institucionais de cada selo de ensino, como a imprimir sua marca na formação de seus alunos, e a bagagem técnico-profissional necessária para a absorção deste contingente pelo mercado. Mas, como se dará esta reflexão especificamente no caso da graduação em Design? Esta profissão tão nova e de enorme potencial, que ainda apresenta fronteiras líquidas e que se infiltra de forma cada vez mais transdisciplinar na sociedade?

Esta é uma questão séria que vem sendo bastante aprofundada ultimamente, por diversos estudiosos de Design de diferentes países, especialmente se levarmos em consideração o momento de transformações sociais por que passamos.

Por conta desta realidade, vem surgindo a necessidade de que nossas ações no mundo sejam orientadas cada vez mais para o bem estar comum e que, e, como já vimos anteriormente, neste cenário a educação tenha papel preponderante, devido ao seu efeito propagador. Como não podia deixar de ser, Esta é uma questão séria que vem sendo bastante aprofundada ultimamente, por diversos estudiosos de Design de diferentes países, especialmente se

levarmos em consideração o momento de transformações sociais por que passamos.

Por conta desta realidade, vem surgindo a necessidade de que nossas ações no mundo sejam orientadas cada vez mais para o bem estar comum e que, e, como já vimos anteriormente, neste cenário a educação tenha papel preponderante, devido ao seu efeito propagador. Como não podia deixar de ser, o Designer deve se instrumentalizar para que possa exercer seu ofício de forma responsável e valorizada, imbuído de todo o seu potencial transformador, a serviço da construção de um contexto mais harmônico para a humanidade. E, oferecendo retaguarda e respaldo a este caminho, estão os cursos de Design, que devem cuidar para que este pensamento humanizado perpassasse antes de mais nada pela filosofia de seus currículos.

Durante a pesquisa, me deparei com inúmeros trabalhos acadêmicos que abordam este assunto, o que indica que esta discussão é bem vinda e oportuna. Sem absolutamente pretender esgotar o assunto, me valho de alguns referenciais para provocar o debate sobre o que pode ser feito, de modo micro ou macro, para colaborar com o que temos hoje nesta cena do ensino de Design no Brasil. Certamente o meu olhar está impregnado da minha própria experiência tanto na prática projetual, desde 1987, quanto na prática docente no curso de graduação de Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, desde 1996, mas acredito que esta reflexão possa encaixar mais uma pequena peça a este imenso quebra-cabeças.

3.1

O nascimento do Design

Para entender como se deu historicamente o nascimento do campo, me apoio no pesquisador Gustavo Amarante Bonfim, breve colega de docência na PUC- Rio. Em seu artigo “Sobre a Possibilidade de uma Teoria em Design”, veiculado na revista Estudos em Design, ele traça uma linha do tempo onde apresenta a constituição do Design desde os Artesãos e a tradição das corporações

de ofício, se desenvolvendo até as manufaturas e a produção de pequenas séries de produtos, onde as academias de arte formavam pessoal segundo princípios técnicos, até chegar à industrialização da produção. Nesta era, a arte foi realmente substituída pela ciência e isto se expressa claramente na educação, através da comparação entre o ensino da Bauhaus e na “Hochschule fuer Gestaltung”, em Ulm.

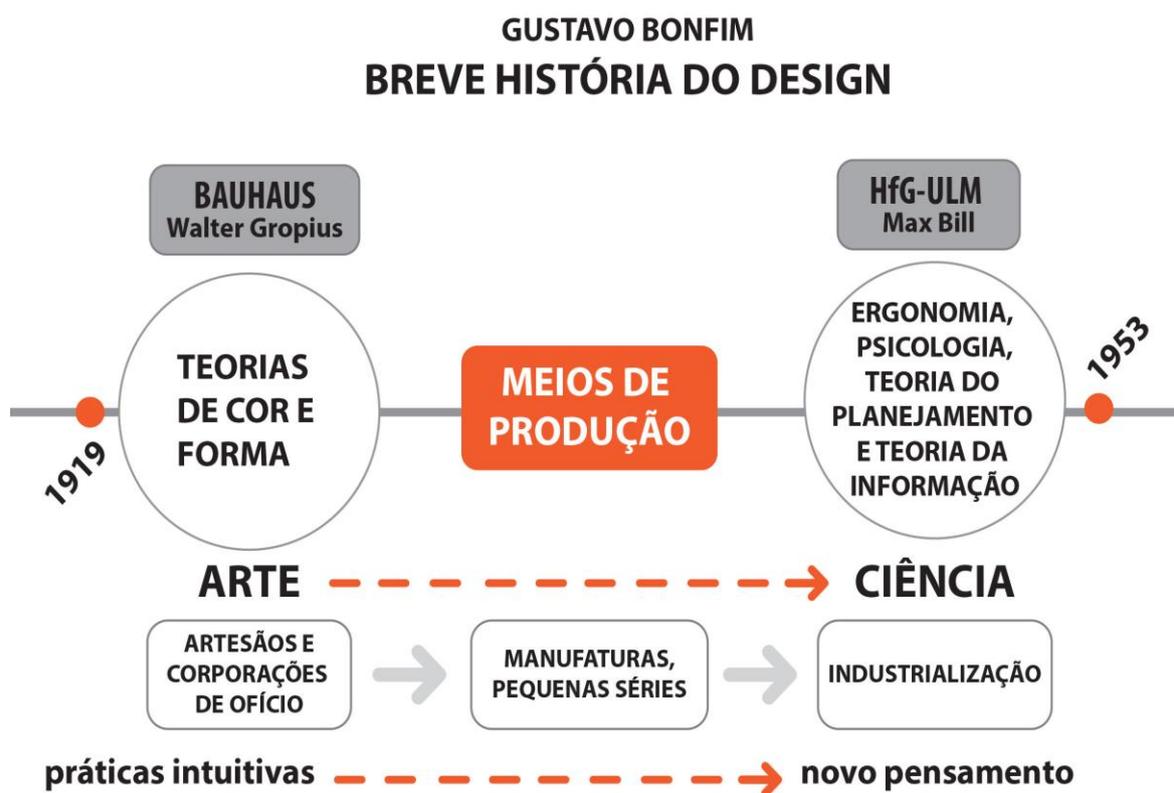


Figura 26: Breve História do Design, G. Bonfim (diagrama meu)

Na Bauhaus, mestres artistas como Paul Klee, Kandinsky e Moholy-Nagy construíram “teorias” sobre cor e forma que deveriam se sobrepôr ao sentimento artístico na concepção de objetos na época. Vinte anos depois, a HfG revê esta tradição ao introduzir na formação em Design, disciplinas como ergonomia, psicologia, teoria do planejamento e teoria da informação, configurando um novo pensamento sobre os objetos de uso, suplantando de vez algumas práticas intuitivas que ainda figuravam nos meios de produção. É justamente neste quadro que o Design passa a se diferenciar de arte e

Artesanato, ao assumir que, para além da praxis pura, necessita também de uma fundamentação lógica e conceitual.

Nesta sequência, os currículos que surgiram depois agregaram também conhecimentos multidisciplinares, com a intenção de tornar cada vez mais lógico e sistemático o processo de configuração através do Design. Os cursos da área passaram a incorporar conhecimentos que podem se agrupar em seis diferentes naturezas, quais sejam:

- 1- conhecimentos gerais sobre política, história, comunicação, legislação, ecologia e etc., a fim de fornecer conceitos gerais sobre o cenário material e social onde a atividade é exercida;
- 2- conhecimentos sobre tecnologias e sistemas de fabricação, materiais, planejamento e administração da produção, marketing e etc., visam adequar o pensamento criativo às viabilidades de produção e distribuição de bens;
- 3- conhecimentos que enfocam o uso e seus processos, como ergonomia, psicologia, sociologia, antropologia e etc. a fim de melhor conhecer a interface entre o produto e seu usuário;
- 4- conhecimentos sobre criação e planejamento, como metodologia, teorias da forma e cor, etc. para fundamentar o fazer, ou seja, o projeto;
- 5- conhecimentos sobre linguagem e comunicação para projeto, através de representações bi e tridimensional;
- 6- conhecimentos auxiliares, oriundos da matemática, química, física e etc...
- 7- para ferramentalizar as demais disciplinas.

Gustavo aponta que, a partir da nem sempre fácil articulação entre estas disciplinas, fica revelada não só a abrangência de conhecimentos para a formação do Designer, como também a dificuldade que existe no fato da necessidade de

incorporar cada vez mais temas, como informática, ecologia e etc. Ainda que este fato possa ser atribuído à deficiências dos próprios currículos e à falta de linguagem comum no campo, resta a expectativa que os cursos de pós-graduação “stricto-sensu” em Design possam produzir saberes capazes de criticar e fundamentar a própria prática. Uma vez que, neste campo não bastam apenas enunciados científicos e sim a sua utilização na solução prática de problemas, os Designers são, frequentemente convidados a “beber” em fontes interdisciplinares, para abastecer suas competências criativas e oferecer propostas objetivas. Desta forma, entende que, para que seja possível formular uma teoria de Design, diante deste quadro tamanha mente complexo, seria imprescindível que teoria e prática se fundissem numa nova concepção

3.2

O ensino de Design e a crise

Oportuno citar aqui, o manifesto sobre educação em Design (Manifesto for Design Education), trazido a público em 2000 pela ICOGRADA (Conselho Internacional de Design Gráfico) e revisto anos mais tarde, em 2011 pela mesma instituição. Quando de seu desenvolvimento, um grupo internacional de Designers, com representação transversal geográfica, política, econômica, cultural e socialmente diversificado, liderados pelo prof. Sul coreano, Ahn Sang-Soo, produziu um documento que foi traduzido para mais de 17 idiomas. Nele se define a posição da ICOGRADA para o ensino de Design, onde propõem um ambiente centrado na aprendizagem, onde os alunos sejam capacitados a desenvolver seu potencial dentro e além dos programas acadêmicos.

ICOGRADA
MANIFESTO FOR DESIGN EDUCATION
2000 2011

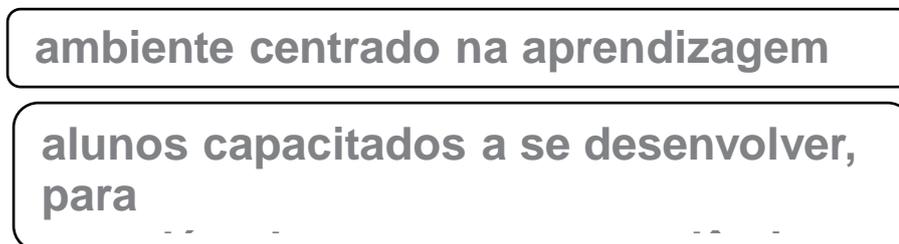


Figura 27: Manifesto for Design Education

Nesta revisão, Gui Bonsiepe, renomado teórico do Design que estudou e lecionou em Ulm (HfG) até seu fechamento em 1968, comenta que, diante da crise global em que o mundo se colocou, o papel dos Designers é fundamental para guiar e contribuir com essa necessária transformação. Em seu artigo “Reflections on Manifesto for Design Education 2011” destaca a inovação como o fator mais comum dentre a vasta variedade de atividades do Design surgidas nos últimos anos e de seu potencial criativo diante dos novos desafios. Definindo como muito complexo o quadro de crise atual, Bonsiepe percebe a profissão do Designer fortemente afetada por todas estas condições e demandando uma séria revisão do ensino em Design, para que se mantenha operante e funcional ao contexto. Alerta também para a abertura do campo do Design e o consequente interesse que vem despertando em outras áreas como ciências e administração, o que fortalece ainda mais sua configuração interdisciplinar.

GUI BONSIPE
 “REFLECTIONS ON MANIFESTO FOR DESIGN EDUCATION 2011”



Figura 28: *Reflections on Manifesto for Design Education 2011*, G. Bonsiepe (diagrama meu).

Atenta para que a história das duas últimas décadas sugere três mudanças fundamentais no cenário global:

- 1- gradual erosão do domínio público;
- 2- aumento na cisão entre interesses comunitários e privados e
- 3- o esvaziamento da democracia.

Estas transformações certamente trarão impactos ao mercado e ao contexto onde estes futuros profissionais vão atuar, diz Bonsiepe. Entende que o preparo em ciências e métodos científicos par/a alunos e também o discurso dos Designers precisa urgentemente melhorar e se adequar para atravessar este momento, e que esta diretriz já foi identificada há anos, sem que tenha havido até aqui mudanças efetivas.

Em recente entrevista sobre o tema Design e Crise, concedida em março de 2012, na Atec Cultural, São Paulo, Gui Bonsiepe se mostra cético sobre o enfoque amplamente difundido em nossos dias do “Design Thinking”, diz que, se este conceito tivesse encontrado verdadeiramente irradiação em outros campos não se pareceria com um mero recurso para rerepresentar o bom e velho pensamento criativo. Acredita ser apenas resultado de um modismo atual que aponta o Design como agregador de valor nos círculos de gestão de empresas.

Sobre a maioria dos países da América Latina, em suas tradicionais posições de exportadores de commodities, (recursos naturais não explorados como petróleo, madeiras, minérios, soja e etc.), e importadores de produtos acabados, vislumbra a oportunidade do Design se posicionar como promotor de identidade e autonomia. Para Bonsiepe, o Design tem a função integradora entre ciências e tecnologia na vida cotidiana de uma sociedade, contribuindo através das interfaces para uma cultura de objetos materiais e simbólicos.

Finaliza a entrevista convocando cada cidadão a se colocar como elemento atuante na crise, pois ela é feita da soma da responsabilidade individual de todos e não pode ser delegada, nem tão pouco terceirizada. Aos Designers cabe portanto, o trabalho consciente e dedicado que possa contribuir com a reversão do quadro e com o desenvolvimento da sociedade.

3.3 Repensando o ensino de Design

Dando continuidade ao pensamento sobre o perfil ideal pra o bom Designer, ou um Designer preparado para lidar com as questões do seu tempo, busco na leitura de Alain Findelli, em seu artigo de 2001, “*Rethinking Design Education for the 21st century: theoretical, methodological, and ethical discussion*” uma abordagem mais atual sobre a questão. Alain Findeli é, há mais de trinta anos, professor titular da Faculdade de Desenho Industrial da Universidade de Montreal. Seus temas de pesquisa atuais e recentes publicações abrangem questões filosóficas gerais da teoria e prática do Design (lógica, estética, ética), bem como alguns aspectos pedagógicos fundamentais da educação e pesquisa em Design. Ele é o fundador e diretor científico e pedagógico atual do programa de Mestrado em “Design & Complexidade”, em Montreal. (tradução minha)

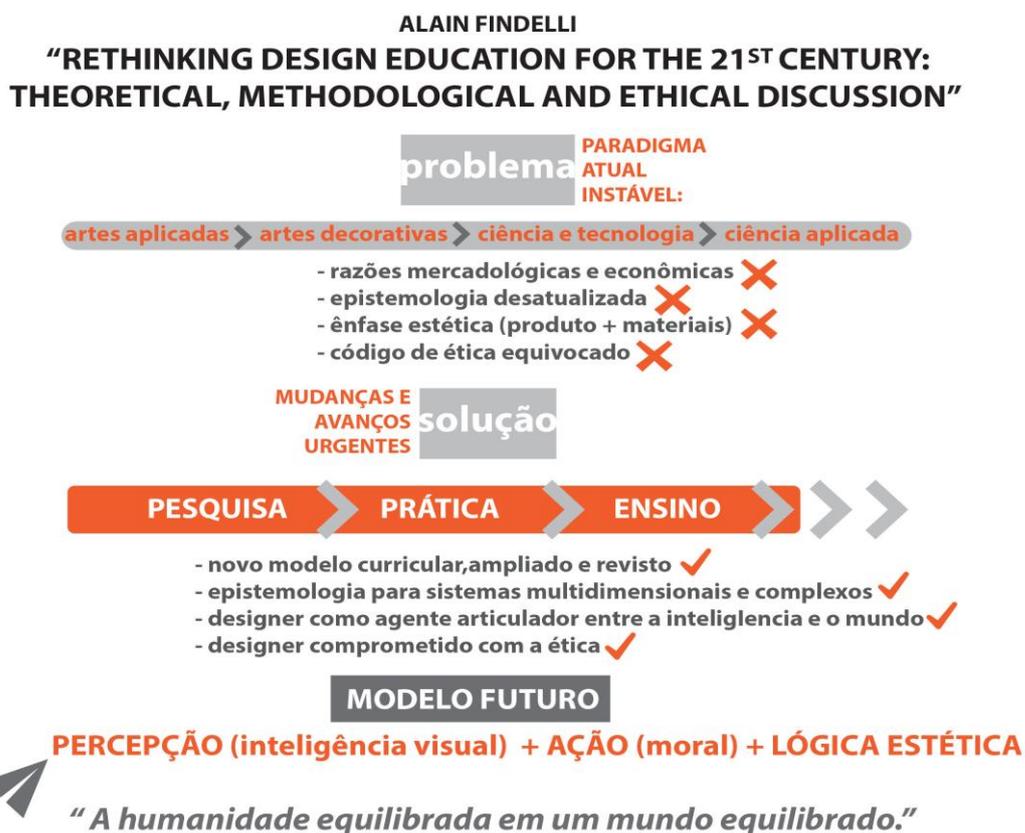


Figura 29: Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical Methodological and Ethical Discussion, A. Findelli (diagrama meu).

Findeli compara o panorama atual do Design a um território calmo e sereno e diz que, necessariamente esta posição tem que mudar e, junto com ela, avançar a pesquisa, prática e ensino de Design. Acredita que a principal causa desta urgência está no paradigma atual, onde o projeto em Design obedece a razões mercadológicas e econômicas, possui epistemologia desatualizada, centra sua ênfase estética no produto e seus materiais, além de se basear num código de ética equivocado e partido.

O pensamento de Design vem, através dos tempos se amparando em modelos como o das Artes aplicadas e sua longa tradição de Artes decorativas, em seguida o de arte aplicada buscando a incorporação da ciência e tecnologia, chegando à proposta de ciência aplicada, sem que esta trajetória contudo, tenha resultado em um paradigma estável e eficiente.

Como Bomfim, aponta para o lema da Bauhaus “Arte e tecnologia: uma nova unidade” como um modelo curricular incompleto que, mesmo tendo sofrido algumas modificações em 1937 no advento da New Bauhaus, veio a ser contestado nos anos 50 em Ulm, através da HfG, que, numa tentativa de se distanciar das primeiras em termos científicos poderia ter assumido o slogan “Ciência e tecnologia: uma nova unidade”. Mas, ainda assim, não encontraram o perfeito equilíbrio entre a articulação dos três campos encontrando a harmonia entre educação, teoria e prática.

Ainda no artigo de Findeli, numa evolução deste entendimento, o economista estadunidense Herbert Simon veio a contribuir com sua teoria dos sistemas, para que se possa compreender que, mais importante que construir um modelo capaz de representar a justa medida para cada competência, seria entender que o processo de projeto de Design lida, antes de mais nada, com uma estrutura lógica de sistema, do qual o Designer e o usuário são parte integrante. Assim, a

principal tarefa do Designer é conseguir entender a “inteligência” deste complexo sistema, trazendo seu ponto de vista para dentro do mesmo, para que possa agir de forma a oferecer uma possível solução para a questão apresentada.

Esta teria sido a grande quebra de paradigma que, se aceita como descrita acima, conduz a epistemologia de Design para lidar com sistemas multidimensionais bastante complexos, tirando o Designer de uma posição de atuação externa, para absorvê-lo como um agente capaz de articular o mundo invisível da consciência humana (pensamentos, motivações, desejos, finalidade, medo, aspirações e etc.) com a ecologia sempre tão intrincada do mundo exterior.

Também a questão da ética se coloca como fundamental para que a responsabilidade de agir sobre o mundo, leve o Designer a uma contribuição como sugere Alan Findeli: “ A humanidade equilibrada em um mundo equilibrado”. Embora tenha se proposto neste trabalho a estabelecer algumas bases para a renovação da educação e pesquisa em Design, o autor aponta para que o modelo futuro deve contemplar percepção (inteligência visual) e ação (moral), que utilize uma lógica baseada em estética. Mesmo que este programa possa parecer ambicioso demais, ele entende que, caso essas transformações tão necessárias não aconteçam, existe o risco do desaparecimento da profissão, conclui em tom alarmante.

3.4 Hora de mudanças

E, Findeli não é o único a temer pela verdadeira tomada de responsabilidade do Designer frente aos desafios que enfrentamos. Por um lado, como alerta Bonsiepe, o termo Design vem se alastrando enormemente em todos os segmentos da sociedade, trazido muitas vezes de forma ignorante e inadequada, muito mais por apresentar suposto valor agregado onde se associa, do que por propriamente expressar a transformação efetiva e inteligente a que se propõe na

origem. Por outro, maior atenção deve ser dada aos cursos de graduação em Design, para que não formem especialistas mal preparados e inadequados para posições de liderança, e para que possam efetivamente lidar com os desafios dos complexos fenômenos contemporâneos que se apresentam.

Para ele, está na hora de mudar o ensino de Design, As novas áreas de atuação exigem compreensão da cognição humana e da emoção, sistemas sensoriais e motores, e um conhecimento suficiente do método científico, estatísticas e Design experimental para que os Designers possam realizar testes válidos e legítimos de suas ideias antes implantá-las. As velhas habilidades de desenho, devem ser substituídas por habilidades em programação, interação e cognição humana.

A prototipagem rápida e testes com usuários são necessários, o que também demanda um pouco de conhecimento das ciências sociais e do comportamento, de estatísticas e de delineamento experimental, para que preconceitos inconscientes não conduzam a ver o que se quer ver e não o que realmente ocorreu.

Norman diz que o problema ainda se agrava quando por novas diretrizes legais de melhores universidades de pesquisa, todos os professores de Design devem ter um grau de doutorado. Mas, dada a formação limitada que estes professores de Design vêm recebendo, há muito pouca compreensão do tipo de conhecimento que constitui um doutoramento. Diz que o desinformado está treinando os novos desinformados.

DON NORMAN
“WHY DESIGN EDUCATION MUST CHANGE”
 CIÊNCIAS COGNITIVAS UCLA



Figura 30: *Why Design Education must Change*, D. Norman

Acredita que haja muitas razões para essas dificuldades, como a maioria de cursos de Design ser ensinado dentro das escolas de arte ou arquitetura. Muitos estudantes fazem Design, porque eles não gostam de ciência, engenharia e matemática. Infelizmente, as novas exigências para os Designers não permitem o luxo de tal formação orientada exclusivamente para a ciência não técnica. Enxerga também a necessidade urgente da melhoria de qualidade nas publicações da área, bem como das conferências, onde não detecta nenhum rigor dos processos, como o que percebe no campo da engenharia ou da ciência da computação.

Embora este professor seja brilhante e fale de muitas questões com a maior propriedade, encontrei em seu tom, uma certa arrogância que a mim, pode estar justificada por seu olhar estrangeiro ao campo ou, pela natural revolta em relação à baixa velocidade com que as modificações vêm acontecendo.

O que não se pode discutir é que seu pensamento mais uma vez reforça a urgência na revisão dos conceitos norteadores dos cursos de graduação em Design. E, num tom que para mim ainda permanece emblemático, se inclui na comunidade de Design e encerra recomendando:

“Mas cuidado: Não devemos perder os deliciosos e maravilhosos componentes de Design. O lado artístico do projeto é fundamental: fornecer objetos, interações e serviços que além de informar, encantem e sejam alegres. Designers precisam de saber mais sobre a ciência e engenharia, mas não devem se tornar cientistas ou engenheiros. Não podemos perder os talentos especiais de Designers para tornar nossa vida mais agradável.”

Interessante neste ambiente combativo onde discorreu sobre suas ideias, Norman fazer esta pausa poética, ainda que no final de sua fala, para reconhecer a capacidade encantadora que faz o Design melhorar o ambiente onde se insere. Parece se regozijar dos efeitos emocionais que um bom projeto de Design é capaz de provocar. Esta capacidade que ele valoriza parece estar associada à inteligência e sensibilidade projetuais, que realmente conquistam e surpreendem os usuários, e pelo visto, inclusive a ele.

3.5 Ideias como centro das atenções

Para enriquecer esta discussão, procuro conhecer o trabalho acadêmico que vem desenvolvendo o brasileiro graduado pela PUC-Rio, Carlos Teixeira, professor associado da School of Design Strategies, da Parsons, The New School for Design, de Nova York.

De acordo com Teixeira, que é especialista na avaliação dos processos operacionais e financeiros sob as práticas de Design, atualmente os produtos mais valiosos de uma nação não são mais as mercadorias, mas sim as ideias. Para ele, como em um projeto, uma ideia “deve passar por um processo de criação, produção e desenvolvimento”. Vem refletindo em seu exercício docente acerca de como fazer para educar alunos de Design capazes de navegar com sucesso uma economia do conhecimento, de forma que suas ideias sejam socialmente relevantes e benéficas.

Também Carlos Teixeira percebe que pouca atenção vem sendo dada às necessidades prementes de mudança que se apresentam no ensino de Design. Para ele, o engano está em dar atenção à missão e à visão dos cursos de Design, em detrimento dos currículos, o que acaba por torná-los de certa forma, ainda similares em alguns pontos aos da antiga Bauhaus. Diz que aos novos profissionais, será exigida velocidade e agilidade na transferência e implantação de suas competências em situações inovadoras, tão importantes na economia centrada no conhecimento, como define o autor. Prevê a necessidade de oferecer aos novos alunos noções de economia, finanças, marketing e empreendedorismo para melhor capacitá-los para os novos tempos. Como Bonsiepe, reconhece que a tardia aproximação do Design com a administração atrasou o amadurecimento desta nova proposta educacional.

Considerando falhos os currículos atuais, que podem ter funcionado bem até recentemente, acredita que as habilidades empreendedoras e de liderança devem ser contempladas já na graduação e não, serem conquistadas a partir da experiência profissional ou de pós-graduações como acontece hoje.

Assegura que, na realidade do século XXI, as competências de Design estão em alta demanda em economias impulsionadas pela criação de ideias inovadoras e que, a transmissibilidade destas ideias pode configurar grande vantagem competitiva. E, ao contrário disso, caso não haja uma renovação dos currículos atuais, o Designer pode ter o seu papel limitado dentro de contextos inovadores. Corajosamente, arrisca apontar qual, ao seu ver, seria a composição ideal de um curso de Design voltado para o futuro. Propõe que a estrutura curricular seja dividida da seguinte forma: 40% dedicada ao ensino de competências de Design, 40% dedicados ao que considera uma alfabetização em marketing, gestão e finanças, e os 20% restantes dedicados ao ensino de Artes liberais, com especial atenção aos estudos das humanidades e meio ambiente.



Figura 31: O Ensino para os Novos Tempos, C. Teixeira (diagrama meu).

Como professor atuante, ele também tem feito a sua parte, participando e supervisionando programas empreendedores junto a seus alunos. Acredita que,

para escaparem da obsolescência, os cursos de Design devem ajustar esta defasagem e alterar seus currículos o quanto antes. Propõe que, ao tempo de comemorar o centenário da Bauhaus, em 2019, as escolas estejam prontas para celebrar esta importante data para o Design, através de currículos que reflitam a formação necessária para os Designers de amanhã.

3.6 Cenário aberto

Percebendo a complexidade orgânica do campo, esta pesquisa se abre em um labirinto de infinitas possibilidades. Cada caminho traz em si a sua proposta, mas ela se liga a inúmeras outras perspectivas de formas diferentes e sempre interessantes. Muito é possível, mas a curadoria define também os interesses de quem a faz, como no Design autoral.

Ao observar a seleção de autores que fiz, encontro a resposta e compreendo que, ainda que o tenha feito de forma intuitiva, acabei encontrando a diversidade que buscava para ilustrar este Design de Designers aptos a atuar neste mundo de constantes mudanças. E, curiosamente volto à minha introdução original deste capítulo, onde opino sobre algumas competências que julgo importantes para o Designer.

Em Gustavo Bomfim, encontrei o valor da prática equiparado ao da teoria; em Alain Findeli, a consciência e a inteligência; Gui Bonsiepe falando da importância da inovação e do discurso adequado; Donald Norman apresentando a necessidade de formar uma nova geração de Designers sensíveis para articular ciência e comportamento; e finalmente Carlos Teixeira apontando para a coragem de empreender.

Como profissionais estratégicos em todo processo de desenvolvimento, os Designers devem ser preparados para atuar diretamente na concepção de produtos, sistemas e serviços, de forma a empreender propostas sustentáveis e adequadas às

principais necessidades da sociedade. Para tal, os currículos que formam estes profissionais precisam mesmo de revisão constante em sua configuração, para que possam ensinar a alcançar as demandas contemporâneas.

Na minha opinião, esse currículo ideal nunca estará verdadeiramente pronto, pois, uma vez que o papel central do Design está na solução de problemas, ele precisa se manter atualizado e estará sempre incorporando novos saberes que o tornarão contemporâneo, à medida em que possibilitarão a sua incursão na sociedade que pretende atender. Por conseguinte, esta teoria do Design que ainda não existe, teria que estar também em constante reformulação para conseguir alcançar a representação fundamental do campo. Talvez até, a exemplo do que vemos acontecer com o *branding*, que demonstra seu caráter vivo e mutável através do sufixo *ing*, que significa movimento em inglês, cheguemos a uma denominação de *Designing*, para dar conta de melhor definir os contornos instáveis e em constante expansão de nosso campo.

Mas, de uma coisa parecemos ter certeza e estamos todos em consenso: o tempo urge!

4 A proposta da viagem

Gostaria de começar este capítulo dedicando alguma atenção a iniciativas similares. Embora, como tinha dito na introdução desta dissertação, não tivesse notícias da existência de nenhuma delas antes de idealizar o programa “Design no Exterior”, é muito bom poder conhecer outras propostas e ver que inclusive o potencial de combinação é muito grande. Dentre as iniciativas que descreverei, me interessou particularmente aquela feita pela Universidade Católica de Valparaiso, no Chile. Quem sabe no futuro não poderemos oferecer aos nossos alunos da PUC-Rio algo parecido?

4.1 Viagens de formação e seu poder de transformação

Difícil definir a magia que costuma pairar sobre as viagens em geral. Acho que pode ser pelo caráter de aventura que muitas delas trazem, pela possibilidade de estar perto do novo, do inesperado, do diferente. A sensação na maioria das vezes é estimulante, mas pode trazer também alguma ansiedade. Mas, mesmo assim, ainda exercem sobre a maior parte das pessoas um grande fascínio que costuma se iniciar desde a fase de planejamento. Pensar na viagem, para alguns pode ser quase tão prazeroso quanto a própria experiência em si.

Um dos fatores mais importantes de uma viagem é o seu propósito, e em geral, quanto mais afinidade existe entre as pessoas do grupo, mais interessante costuma ser. Existem sempre muitas atrações e pontos turísticos a visitar, muitos espaços, cores e sabores típicos daquela cultura a conhecer, recomendações de amigos a seguir, compras a fazer etc... Por isso mesmo, quando o programa pode ser montado de forma a atender aos interesses específicos do grupo, os resultados podem superar as expectativas e evitar frustrações.

Ao começar minha pesquisa encontrei muitos tipos de viagens. Tratarei aqui daquelas viagens ditas de formação, que pretendem acrescentar algum conhecimento acadêmico ao viajante. Me interessei por elas pela semelhança que guardam com o programa que coordeno e ora estudo, “Design no Exterior”. Mais especificamente ainda, me concentrarei nos campos de arquitetura, Artes e Design e afins. Travessias, intercâmbios, viagens guiadas, projetos especiais. Podemos apontar para diferentes naturezas destes deslocamentos e nos deparamos com histórias que mostram que há muito tempo o potencial desta experiência já vem sendo explorado.

Segundo Ana Paula Simioni, socióloga pesquisadora da USP em seu artigo “*A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX*”, desde 1826, conhecer de perto as obras e os ensinamentos dos grandes mestres era considerado estratégico para a formação dos futuros artistas. Conta ainda que esta prática se consolidou no Brasil em 1844, quando Félix Taunay, à frente da então Imperial Academia de Belas Artes instituiu como prêmio aos melhores alunos, a viagem ao exterior. Até 1855 os alunos visitavam Roma, como berço do classicismo, mas Paris e sua imensa concentração de instituições artísticas incluindo o Museu do *Louvre*, não tardou a se configurar o principal destino. Lá havia não apenas a mundialmente bem reputada escola de formação de artistas – a *École de Beaux-Arts*- e seu conhecido salão anual, como também muitos ateliers de artistas e escolas particulares que reforçavam o disputado circuito. Jovens de diversos países, alguns ávidos por iniciação na carreira artística e outros apenas em busca de refinamento cultural ingressavam em cursos regulares, participavam de programas de férias ou em rígidos programas de estudo e estágios. O sucesso deste empreendimento logo se fez notar na enorme proliferação de escolas e ateliers que certamente desempenharam papel importante na formação de mais de uma centena de artistas brasileiros no final do século XIX e começo do século XX.

4.2. Algumas propostas similares fora da PUC-Rio

Outra iniciativa de sucesso que vem sendo oferecida há quase 30 anos pela escola de arquitetura e Design da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso no Chile, são as viagens conhecidas como “Travessias”. Historicamente elas

evoluíram de uma experiência que data de 1965, quando o grupo de poetas, artistas, pensadores, arquitetos e Designers fundadores da escola partiram para uma viagem que percorreu desde o extremo sul do Chile, a Terra do Fogo até a Bolívia durante cerca de 45 dias. Todo o material coletado durante a expedição, se transformou em um livro editado dois anos mais tarde, intitulado *Amereida*. Esta narrativa poética da experiência contendo cartas, relatos, desenhos, poemas e textos que apresentavam a América, seu povo e sua identidade, acabou se tornando uma verdadeira metodologia. Desde 1984, a cada ano a escola oferece a seus alunos já em seu primeiro período, a realização de uma “Travessia” acompanhada de seus professores com duração média de 15 dias para diversos destinos como Chile, Brasil, Peru, Bolívia, Argentina e Uruguai. Com mais de 150 travessias realizadas no âmbito de diferentes oficinas do curso, as viagens alcançaram grande notoriedade e têm contribuído para a ampliação de horizontes nos processos de educação e aprendizagem da escola.

Importante citar também as viagens realizadas por Charles Watson, ex artista plástico escocês radicado há quase 40 anos no Brasil, que vem atuando como crítico de arte e professor, ligado à EAV - Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Respeitado pesquisador do processo criativo, nestes anos todos reuniu acervo de cerca de 1.800 horas em filmes com muitas centenas de entrevistas sobre o tema. Oferece cursos regulares no Parque Lage ou intensivos em seu próprio atelier, que fica na sua própria casa, em Santa Teresa. Desde 1992, vem realizando com sucesso viagens nacionais e internacionais chamadas *Dinamic Encounters* onde, acompanhado de curadores e artistas, visita com alunos e pessoas interessadas em ampliar seus conhecimentos sobre arte, museus, galerias e os ateliers em diferentes cidades, promovendo palestras sobre arte e arquitetura. Contabilizando 34 edições internacionais para diversos destinos (com duração média de 10 dias) e 27 edições nacionais, normalmente para o Instituto Inhotim (entre 2 e 4 dias) até aqui, estas viagens têm ênfase em arte moderna e contemporânea.

Na busca ampliada por iniciativas similares, acabei encontrando dentre outras, algumas viagens ao exterior com visitas guiadas pelo professor da UNI Rio, Helio Ferreira, doutor em História da Arte, ou mesmo da jornalista Anamaria

Bahiana, que tradicionalmente conduz suas turmas a destinos propícios para a discussão sobre cinema, sua especialidade. Até mesmo a empresa especializada em intercâmbios de estudantes, *Student Travel Bureau*, percebeu nesta área de cinema uma oportunidade comercial (que poderia inclusive ser mais abrangente e se estender a outros campos) e oferece diferentes programas de cursos de especialização com duração entre uma semana ou até um ano, em parceria com a *New York Film Academy*.

Estou certa de que, se ampliar e aprofundar esta investigação, será possível encontrar muitas outras propostas semelhantes à que faço, ou pelo menos com relação ao deslocamento em conjunto para fins de ensino-aprendizagem. Mas, seja ela qual for, cada uma com suas especificidades e seus objetivos distintos, estão unidas pela perspectiva de aprofundamento dos temas de interesses coletivos.

No entanto, penso que realmente o principal poder que qualquer viagem pode exercer é o de transformar o viajante. Sair da sua rotina e apenas observar os acontecimentos corriqueiros de outro lugar que não o seu, já é uma mudança de ponto de vista e um convite a conhecer outras perspectivas. Os fatores mencionados anteriormente, somados ao destino e a companhia são as variáveis que vão determinar a identidade e a qualidade da experiência. Estas variáveis combinadas a um propósito coletivo, podem criar situações memoráveis e valiosas

4.3 Design no Exterior, uma proposta da PUC-Rio

Acho que esta viagem surgiu mesmo a partir de toda aquela conjunção apresentada na introdução: meu desejo em trabalhar com a realidade junto às minhas turmas, meu espírito empreendedor, próprio do “Design de oportunidades”, meu gosto por viagens, que prepararam e fertilizaram o solo

Mas, acho que a semente mesmo aconteceu dentro de uma reunião que convoquei com alguns professores, quando era a supervisora das disciplinas de

gráfica do curso de Design da PUC-Rio, no anúncio de 2005. Sempre gostei de levar os alunos a campo e as visitas às gráficas são, ainda hoje para mim, excitantes. Pra quem gosta, aquele cheiro de papel e tinta misturados, o barulho das impressoras e das guilhotinas, até a aparente calma com que procedem todas aquelas pessoas do acabamento para dar vida a todos aqueles produtos incríveis, é mesmo fascinante.

Nesta referida reunião, estávamos conversando exatamente sobre o poder destes estudos de campo e foi quando comentei que nunca havia visitado nenhuma fábrica de papel e que, embora conhecesse o processo por filmes e livros, nunca o tinha presenciado pessoalmente. A partir daí a imaginação rolou e eu e os demais professores comentamos como seria bom fazer um programa, visitar uma das grandes gráficas tradicionais de São Paulo, como a Burti na ocasião, etc... Como tínhamos uma pauta a cumprir naquela reunião de supervisão, desviamos o assunto, mas de alguma forma ele ficou latente em minha cabeça...

Ao final da reunião, comentei com minha querida colega Edna Cunha Lima, que poderíamos fazer isso um dia juntas... E, ao final, a viagem acabou não acontecendo com esta dupla idealizada inicialmente. O relato é mais completo dentro do espaço onde apresento em detalhes a montagem da experiência piloto.

O tempo foi passando e a ideia foi tomando forma. Como professora, percebia que uma experiência desta natureza poderia enriquecer e muito a formação dos alunos. Tempos mais tarde este plano se configurou inicialmente com um destino internacional, pois acreditava que o apelo de uma viagem assim pudesse ser maior do que uma específica de processos gráficos. Ainda acredito que esta proposta é tão ampla, interessante e viável, que pode ser montada a partir de qualquer tema imaginável. Não à toa, viagens de interesse específico são um filão para as empresas de turismo. Mas, dentro do meu campo de interesse, que é o Design, existem muitas outras possibilidades a serem exploradas, muitos planos que ainda pretendo empreender neste caminho.

Com um planejamento especialmente voltado para Artes e Design, a primeira edição se realizou em fevereiro de 2006 em Nova York. A proposta de visitar museus, galerias, pontos turísticos, coleções privadas, escritórios de Design, universidades (em nível de graduação e pós graduação), lojas de material de desenho e eletroeletrônicos, lojas de Design consagradas, conversar com profissionais e professores inseridos naquele mercado, assistir a espetáculos e etc, sempre com o propósito de ampliar a percepção dos alunos para o campo.

A partir do sucesso da primeira experiência, ficou claro que o projeto tinha se consolidar. Não há mesmo dúvidas de que a atmosfera de viagens pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de uma forma especial. Percebo que a experiência que venho realizando se difere destas citadas anteriormente por sua proposta um pouco mais intensiva e abrangente. Na verdade, ao formar grupos de alunos matriculados nas 4 habilitações oferecidas pelo curso de graduação da PUC-Rio (Comunicação Visual, Projeto de Produto, Mídia Digital e Moda), procuro concentrar a atenção para o Design em si, enquanto pensamento, de forma a poder acrescentar a todos do grupo, independente de suas primeiras escolhas de habilitação.

O treinamento da acuidade visual, do olhar crítico, da leitura de cenas, da busca do entendimento dos propósitos intrínsecos nas peças e o estímulo da percepção constituem importante ferramental para o futuro Designer. Também contribui para a integração da turma o fato da seleção mesclar alunos de diferentes períodos, e já algumas vezes de outros cursos (publicidade, cinema, informática e etc...) onde uns apoiam os outros. Outro fenômeno que observo não raro é o fato do aluno se encantar com outras áreas ao observá-las aplicadas e voltar da viagem disposto a complementar sua formação com dupla habilitação. Certamente também o fato do programa contemplar a atenção de professores durante todo o tempo e se dar de forma tão intensa, onde a discussão sobre Design e arte se estende desde que nos encontramos pela manhã, durante caminhadas e deslocamentos, durante as refeições, visitas, compras e etc... Existem alguns exercícios oferecidos ao grupo durante o programa, várias discussões sobre o que se apresenta ou a partir de questionamentos que surgem, bem como todos os

alunos tem por desafio construir um diário de viagem em um caderno desenvolvido por nosso ex-aluno Cícero especialmente para a viagem.

Diante das características apontadas neste programa em especial, e mais ainda pelo potencial expansivo que todas as viagens oferecem, os reflexos sobre o repertório cultural do aluno também são expressivos.

O contato com uma cultura diferente e todas as suas particularidades pode então contribuir e muito para o desenvolvimento humano. Até a época do ano em que viajamos, as férias de verão daqui nos fazem enfrentar as temperaturas baixíssimas do hemisfério norte, o que torna a experiência sensorial ainda mais rica. Parece mais um detalhe, mas sermos obrigados a nos vestir de uma forma não usual e vivenciar sensações de frio nada tropicais, acaba marcando na pele a percepção de cada momento vivido, ampliando a consciência dos sentidos. Afinal, os sentidos são o nosso ferramental de percepção do mundo e, quanto mais sentidos estiverem envolvidos em uma experiência, mais rica e completa ela pode se tornar.

4.4 **De disciplina eletiva a atividade complementar**

Quando surgiu, o programa “Design no Exterior”, foi oferecido aos alunos do curso de Design da PUC-Rio como uma disciplina eletiva. Para participar, o aluno deveria se inscrever nela normalmente, embora fosse cursada de maneira diversa das demais disciplinas do curso. Aqui, o aluno recebia as aulas de maneira intensiva, por cerca de 10 ou 12 dias seguidos no destino estabelecido, durante as férias grandes do nosso verão. Depois, de volta ao Rio de Janeiro e ao semestre letivo, estabelecíamos 2 encontros para entrega de material a ser avaliado para atribuição de graus de G1 e G2 normalmente. Outra diferença era que eles teriam que ser “deslocados” do Rio de Janeiro para o exterior, a partir da ação de uma

agência de turismo, que se responsabilizaria integralmente pelas questões relacionadas à viagem, bem como procederia junto aos alunos e suas famílias em relação às questões financeiras deste pacote.

Como disciplina, ela tinha o código ART 1876 e se chamava – Tópicos Especiais em Design, Design no Exterior. A primeira turma foi conduzida por mim e pela prof. Luiza Novaes, colega a quem pouco conhecia quando convidei, mas com quem me entrosei muito bem e fizemos três bons programas juntas. Era oferecida da seguinte forma a disciplina em sua apresentação original:

EMENTA:

Viagem a país ou países estrangeiros, com visitas técnicas a escritórios, fábricas, universidades e museus.

OBJETIVOS:

Observar o papel do Design em uma outra sociedade/cultura.

Registrar e organizar essas observações.

Explorar a obtenção e manipulação de imagens estáticas e em movimento.

Desenvolver linguagem visual para comunicar a experiência.

Refletir sobre o impacto da experiência na sua formação como Designer.

PROGRAMA:

Conceitos de Design, de sociedade e de cultura. Identificação de situações e soluções de Design. O ponto de vista do observador. Formas de registro. A capacidade de síntese. A contextualização, a narrativa. O desenvolvimento de uma linguagem visual. A relação Artes plásticas/Design. A formação de repertório visual. Construção da marca – branding.

Elaboração de caderno de viagem. Planejamento, projeto, desenvolvimento, finalização. Exercícios de linguagem visual. Reflexão sobre o impacto da experiência no exterior para a formação de um Designer.

Com relação aos critérios de avaliação, se assemelhavam ao que praticamos normalmente nas demais disciplinas, mas costumávamos usar a produção do caderno de viagens como um dos possíveis objetos de avaliação para o

G1, e uma redação que pudesse expressar sua reflexão sobre o impacto da experiência em seu semestre letivo, como G2.

Como naquela ocasião, apesar de todo o nosso incentivo e do caderno ser produzido exclusivamente para os alunos do grupo, nem sempre eles eram confeccionados ao tempo da viagem. Muitas vezes o aluno preferia coletar material e registrar fotograficamente alguns momentos, para então depois construir uma narrativa visual a partir desse material nos cadernos. Por este motivo, eu e Luiza nos disponibilizávamos em 2 ou 3 encontros antes das datas de entrega, para orientá-los para este fim. Em geral, a data de entrega de G1 coincidia com um jantar que eu e a outra professora preparávamos para os alunos em minha residência. Estes encontros eram ótimas oportunidades de confraternizar com o grupo, conversando e lembrando sobre o que havíamos vividos juntos na viagem. Nesta mesma noite, cada aluno apresentava seu objeto de registros (nem sempre era o caderno) para a turma e nos divertíamos sempre juntos.

Com o passar do tempo e também a partir da implantação do novo curriculum da graduação em Design da PUC-Rio, agora com mais duas habilitações, e de algumas decisões administrativas, a disciplina passou a poder funcionar de duas formas simultaneamente. Para alunos do curriculum antigo, ela ainda contaria como créditos eletivos, e para aqueles alunos que começavam a cursar o novo curriculum, ela poderia computar como créditos de atividades complementares. E assim foi, até que esgotaram-se os alunos interessados no modelo antigo e desde então a viagem atribui 100 horas de atividade complementar ao aluno que dela participa.

4.5

O recorte

Durante todo este tempo, reuni muito material acerca de todas estas viagens.

Conversando com minha orientadora, achamos que poderia descrever em maior profundidade a primeira viagem, apresentando o raciocínio usado em sua concepção, os critérios que estabelecemos, o que funcionou e o que não

funcionou e também um pouco sobre o retorno desta experiência a partir da resposta dos alunos. Acaba que a edição de 2006 carrega consigo o potencial criativo maior, uma vez que a partir dela, as demais experiências foram aprimoradas.

Em seguida pretendo apresentar muito sinteticamente as demais edições e, quando diferirem do apresentado, as atividades que fizeram parte de seus programas. Não quero dizer com isso que mesmo indo para o mesmo destino em companhia do mesmo professor, alguma viagem foi igual à outra. Absolutamente. Como nas salas de aulas, cada turma é uma turma, e o conjunto de seus integrantes é mais que a soma das partes. E também, diferente da sala de aulas onde o conteúdo a ser ministrado é o mesmo, nesta proposta não há conteúdo estabelecido, e sim uma sucessão de estímulos e gatilhos que deflagram reflexões e discussões. Esta decisão se deve apenas ao fato de apresentar o que de fato é representante do que estou estudando, sem pretender que a presente dissertação se alongue além do necessário diante de tanto material acumulado. Este foi o recorte escolhido: a primeira edição detalhada e da 2ª à 8ª edições apresentadas de forma esquemática. A 9ª edição teve uma análise tão aprofundada que mereceu figurar sozinha em outro capítulo e se configurou objeto deste estudo.

4.6

A montagem da experiência piloto

A apresentação da viagem de 2006 tem quase a forma de um relato pessoal, onde descrevo passo a passo o processo de concepção daquela experiência, bem como o que foi levado em conta naquela ocasião para a montagem do 1º programa.

4.6.1 **Agosto de 2005**

Como toda boa ideia, esta não tardaria a me roubar horas de sono, exigindo o devido planejamento. Tudo parecia se encaixar muito bem e quanto mais eu pensava no assunto, mais nítido se tornava o programa. O primeiro passo seria a consulta ao meu curso, sempre tão favorável às minhas iniciativas criativas anteriores. Marquei um almoço com meu amigo, prof. Alfredo Jefferson e expus a ele o projeto. Designer e ex-diretor do Departamento de Artes e Design da PUC Rio por 2 mandatos consecutivos, atuava agora como Coordenador Central de Graduação. Para minha surpresa e alegria, ele não apenas me incentivou, como também me apontou para a importância desta iniciativa, cuja tendência alcançava as diretrizes curriculares do MEC. A única restrição que me foi imposta dizia respeito à não disponibilidade de pessoal de apoio para a organização e oferta do programa. Nenhum problema...

4.6.2. **Mãos à obra. Planejando a viagem.**

4.6.3. **Setembro de 2005**

Havia muito o que pensar...

Decidi então convidar minha colega Edna Lucia da Cunha Lima, querida amiga e professora companheira de projeto conclusão, naquele tempo. Encontrei nela total receptividade e começamos então a discutir o plano piloto. Tudo estava se desenvolvendo até que em dezembro deste mesmo ano, em cima da hora, Edna se viu impossibilitada de me acompanhar por motivos de saúde em sua família...

Embora já tivesse feito com ela muitas das considerações que descrevo abaixo, ainda havia muitas pela frente. E agora? A quem convidar para fazer comigo o primeiro programa? A primeira pessoa que me veio à cabeça foi Luiza Novaes.

tivéssemos que enfrentar o inverno muitas vezes rigoroso de outros continentes, acreditamos que este dado pudesse inclusive contribuir para a vivência de uma situação única e enriquecedora.

2) Qual o público alvo inicial?

O programa foi montado esperando atingir basicamente os alunos do curso de Design PUC Rio. Ainda não estava claro se seria preferível levar alunos mais ou menos adiantados na grade curricular nem se seria necessário criar uma turma compatível em habilitação e periodicidade. Havia inicialmente o receio de que alunos muito jovens pudessem não ter maturidade para participar do programa ou que os interesses se mostrariam diferentes... Decidimos também que a idade mínima para participar do programa seria de 18 anos que, embora não seja a maioridade legal, já pressupõe maior autonomia e responsabilidade dentro da própria família.

Alguma surpresa?

A partir da divulgação e da comunicação boca a boca, percebemos que o programa se mostrou atraente também para outros cursos da universidade. Tivemos consulta de alunos de Propaganda, Cinema, Informática, Arquitetura e Psicologia, o que nos fez abrir para toda a comunidade PUC.

3) Qual o destino?

Certamente o potencial desta proposta é enorme e teríamos como pensar facilmente em vários destinos interessantes... A primeira sugestão de Edna seria a Europa, onde faríamos um caminho “tipográfico”, percorrendo antigas fundidoras de tipos entre a Alemanha, Holanda e a Bélgica. Chegamos a orçar este roteiro mas ele acabou se mostrando muito complexo e caro para uma primeira experiência. O deslocamento na Europa não é simples e teríamos de disponibilizar um ônibus que se colocasse à disposição do grupo, o que acabou por encarecer demais o pacote. Diante destes fatos, acabamos optando por fazer o primeiro programa nos Estados Unidos, em NY. Assim, teríamos grande facilidade de deslocamento na cidade, muitas opções culturais, profissionais,

turísticas e acadêmicas para oferecer e, muito importante, a custos mais viáveis. E, naturalmente economizaríamos energia para o essencial que era condução do programa.

4) Como viabilizar economicamente o programa?

A intenção seria a de que o grupo fosse capaz de custear a presença das professoras. Entendemos por custear, numa situação ideal: despesas com passagens, hospedagem, deslocamentos, entradas e ingressos, alimentação e as diárias das professoras. Em uma primeira análise, imaginei o “*break-even point*” em cerca de 12 alunos, para que os custos fossem diluídos suavemente. E este foi o ponto de partida para os cálculos de custos. Solicitamos também à agência de viagens que as condições de pagamento oferecidas aos alunos pudessem ser facilitadas.

5) Que agente de viagens contactar?

Naquele momento eu não tinha nenhum conhecimento com agências de turismo com as quais desejasse trabalhar. Acabei optando pela comodidade de procurar uma vizinha do meu escritório, no jardim Oceânico, Barra da Tijuca. Solange Sotero, sócia da empresa TIBI Barra que, diante da chance de preparar um pacote turístico para 2 professoras da PUC Rio e seus alunos se mostrou muito solícita. O primeiro programa (Europa) foi montado até que se mostrou inviável e passamos então a trabalhar com o novo destino. Na medida do possível, ela nos deu o retorno necessário e nos reuníamos com frequência para acertar todos os detalhes.

6) De que forma oferecer aos alunos?

Ficou estabelecido então que o programa seria apresentado como uma disciplina eletiva, valendo 4 créditos e que seria oferecida de forma intensiva num primeiro momento, depois acompanhada academicamente ao longo do semestre seguinte, pelas professoras responsáveis. Recebeu o nome de Design NO EXTERIOR, e o código ART 1871. Durante o semestre, nos encontraríamos em datas previamente estabelecidas, gerando resultados de G1 e G2 dentro do calendário regular da universidade.

7) Como divulgar?

Para a divulgação foram feitos cartazes espalhados junto às salas ocupadas pelo curso de Design. Havia também uma lista que ficava junto ao balcão de atendimento aos alunos do Departamento de Artes & Design, onde os interessados podiam se inscrever deixando seus contatos para receber maiores informações. Uma vez decididos a participar do programa, os alunos eram encaminhados à agência de turismo para que pudessem se inscrever no programa e tirar suas dúvidas de natureza turísticas ou financeiras. Houve também um estreito trabalho telefônico com todos os alunos que participaram da primeira viagem, esclarecendo pontos, conduzindo negociações e apoiando as famílias.

9) O que levar em consideração na montagem do programa?

Começamos pelas questões gerais, que dizem respeito a todo programa turístico como traslados, contratação de guias, reserva e compra de tickets, etc... Quanto às questões específicas, para projetar um programa acadêmico de viagem para o ensino do Design, estimamos atividades de diversas naturezas combinadas durante o período de viagem. Seria importante que elas fossem dispostas alternadamente no programa trazendo dinamismo, pelo e melhores resultados. Pensamos então em visitar:

- . escritórios e/ou agências de Design;
- . universidades (gra e/ou pós);
- . principais museus e galerias;
- . pelo menos um espetáculo;
- . loja de eletro-eletrônicos e de material de desenho (para registro);
- . pontos turísticos importantes.

Além disso, foi necessário pesquisar longamente cada um dos programas desejados para conhecer detalhes sobre funcionamento (dias e horários), condições especiais (clima, tarifas de grupo, pré-requisitos etc...) para acomodar cuidadosamente todas as visitas dentro do plano

10) Como fazer contato com as pessoas e instituições visitadas?

Assim que soubemos que o destino seria NY, aproximadamente em outubro de 2005, eu e Edna estivemos um dia na UniverCidade, na Lagoa, pois havíamos tido a notícia que o professor Richard Wilde, importante Designer que é diretor da School of Visual Arts /SVA.NY, estaria ali, oferecendo um workshop aos alunos daquela escola. Mesmo tendo ido de repente, sem agendar horário com este professor, pudemos entrar na sala tranquilamente e consultá-lo sobre a possibilidade de nos receber e aos alunos de Design da PUC em fevereiro do ano seguinte. A resposta foi favorável, trocamos cartões de visitas e passamos a nos comunicar por e-mail para acertos finais. Também com relação aos demais contactados, não experimentamos dificuldades na comunicação e foi possível montar o programa sem problemas.

11) O que esperar da disciplina?

Pensando em otimizar a produção dos alunos e estimular suas percepções durante a viagem, estabelecemos que deveriam construir um caderno onde registrariam suas experiências e impressões durante a viagem.

12) O que falar na reunião preparatória?

Resolvidas todas as outras questões, encontramos-nos com o grupo cerca de 10 dias antes da viagem, na PUC, para a entrega de passagens e vouchers, bem como o esclarecimento de eventuais dúvidas. O grupo foi alertado sobre a importância de levar roupas e calçados adequados, sobre educação, leis americanas, bagagens (natureza e volume), segurança e outros assuntos que nos pareceram oportunos.

13) Quais os principais problemas enfrentados?

Nesta época, a concessão de visto americano estava bastante restrita, o que se tornou um grande impedimento para vários alunos interessados... A agente de viagens contribuiu encaminhando nosso pleito dentro do Consulado Americano e a PUC Rio emitiu documento oficial apresentando formalmente os alunos regularmente matriculados e as professoras para participar do programa do curso. Ainda assim, a tensão foi enorme e recebemos nossos passaportes com os vistos na data do embarque, 2 horas antes do vôo, no próprio aeroporto internacional do Rio de Janeiro-Tom Jobim situação completamente limítrofe.

Mesmo considerados todos os pontos levantados anteriormente e nosso planejamento, vários fatores ocorreram e transformaram a primeira experiência em um verdadeiro investimento de grupo. Os 5 alunos matriculados seriam “cobaias” deste primeiro programa, a PUC-Rio facilitou as condições e os isentou dos custos desta disciplina e as professoras, em face do grupo reduzido de alunos pagantes, tiveram que assumir particularmente muitas despesas com a viagem como por exemplo hospedagem, deslocamento e alimentação.

Mas, havia em todos os lados muito entusiasmo e disposição para abrir este caminho, uma vez que para nós também, esta experiência representava um investimento e encerrar grande interesse docente.

4.7.**Chegou a hora: a viagem 1**

Design NO EXTERIOR PUC-Rio/NEW YORK

1ª edição - de 7 a 18 de fevereiro de 2006.

Apresentarei primeiramente o programa como foi concebido e em seguida farei comentários sobre seu desenvolvimento.

Professoras: Elizabeth Grandmasson e Luiza

Novaes Alunos: Beatriz Folly (CV- 1º Período)

Igor Benchimol (CV- 3º período) Joana Hansen

(CV-2º período) Paulo Gustavo Italiani (PP- 5º

período) Luiz Guilherme Santos (PP- 3º período)

DIA 1) Terça feira, 7 de fevereiro

Noite /// Embarque Rio – NY, encontro aeroporto internacional Tom Jobim

American Airlines, voo AA 950

Recebemos passaportes com visto no aeroporto na última hora,

Igor e Joana tiveram suas bagagens revistadas no check-in.

DIA 2) Quarta feira, 8 de fevereiro

Manhã /// chegada a NY, aeroporto JFK

Igor teve problemas na imigração, pois viajava com 2 passaportes e o que continha o visto válido trazia uma foto onde ainda era muito criança, deixando dúvidas sobre seu reconhecimento.

Traslado com guia de *sightseeing* entre o aeroporto (Mid-town, Central Park, Harlem, Columbia University, St. John's the Divine, Empire State Building, Brooklyn Bridge)e o hotel.

Seaport- almoço e primeira reunião (cadernos de viagem, observação, percepção, identidade cultural. Vista para o Ground Zero, Liberty Statue, Greenwich Village)
 Tarde/// Milford Plaza Hotel, 270 W, 45th street (212) 869-3600- Check in a partir das 14:00h

Acomodação- problemas na disposição dos quartos, falta de informação prévia sobre acomodações triplas e quádruplas, gerando tensão- 2 camas de casal em cada quarto. Problema sem solução, contornado com conversa, bom humor e compreensão de todos. Contactamos agente no Brasil.

B&H- Material de Cine-foto-som/ Soluções criativas de Design de tráfego interno de mercadorias entre os diversos setores- estoque, vendas, pagamento e entrega-
 Noite /// reunião no Hotel para planejamento do programa de viagem

DIA 3) Quinta feira, 9 de fevereiro

Manhã /// farto e variado café da manhã no hotel

Caminhada até o Times Square-

Solicitação para que todos observassem e anotassem: 1 situação, 1 problema e 1 solução de Design

MoMA- entrada com desconto para estudantes. Visita guiada pela exposição Exílio,

do africano William Kentridge.

Apresentação de uma maneira de ver e visitar um acervo, recorte inspirador.

Sensibilização para diferentes pontos de vista.

Almoço- Hot dog típico na esquina, segundo tempo de visita livre. Diferentes ritmos de observação/assimilação. Encontro na saída

Loja do MoMA- observação de produtos de Design consagrados, compra de material didático com a função de ampliação da percepção

Noite /// jantar livre

Encontro no hotel para uso do material “Seeing outside the box”

DIA 4) Sexta feira, 10 de fevereiro

Manhã /// café da manhã e aula na sala de reuniões do hotel. Discussão sobre as observações da véspera – longa duração
 compra de passe livre de metrô e ônibus

Tarde /// Neue Gallerie – exposição de Egon Schielle, discípulo de Gustav Klimt. Um dos mais importantes representantes de arte erótica. Loja do museu-compra de livros de arte e Design

Guggenheim Museum -Exposição do escultor David Smith e acervo- Esculturas para espaços públicos e privados, marcado pelo uso de peças e materiais reciclados, em escalas monumentais.

Loja do Cooper Hewitt Design Museum – pausa para refeição, todos cansados, sem concentração. Apenas a loja do Museu foi visitada

Noite/// - reunião para observação sobre livros e produtos adquiridos

Bibi e Joana foram ao Ballet

DIA 5) Sábado, 11 de fevereiro

Manhã /// café da manhã no hotel

Cooper Hewitt Design Museum- exposições: Fashion in Colors, e Design Israelense;

compra de livros loja museu.

Almoço no DOJO – restaurante estudantil, perto da NYU- começou a nevar

Tarde/// Pearl Painting – visita à loja de material de desenho em Chinatown e loja da Apple

Noite /// Atividade: Rendering na sala de reunião do Hotel Joana foi à ópera

DIA 6) Domingo, 12 de fevereiro

Manhã /// café da manhã no hotel

Nevasca, colapso no sistema de transportes , sem ônibus, usamos

metrô Metropolitan Museum – visita ao setor Egito

Almoço na Cafeteria do museu.- encontro

Tarde/// Rauschemberg, século XX, Santiago Calatrava, parte oriental, manuscritos

chineses, jóias orientais e colombianas, armas e armaduras

Rockfeller Center- pista fechada por excesso de neve

Noite /// Village Vanguard- Barry Harris Trio Jazz- Bistrô Corner

DIA 7) Segunda feira, 13 de fevereiro

DIA LIVRE

Manhã /// café da manhã no hotel

Troca de planos por causa da neve (seria Beacon)

Woodburry Common Outlet- Bebeth com Luiz Guilherme, Paulo Gustavo, Bibi e Igor / Luiza e Joana- Strand Book store

DIA 8) Terça feira, 14 de fevereiro

Manhã /// café da manhã no hotel

SVA- 9:15am – aula com Richard Wilde – main building, sala 311

Início com apresentação comentada do exercício dos pontinhos (alunos entregaram seus resultados e ele comentou trabalhos mais antigos para o mesmo exercício, a fim de não influenciar alunos atuais); distribuiu o enunciado/matriz do próximo exercício (inclusive para nós). 2ª parte da aula, palestra com ex-aluno James Victore/ Presentes para todos: anuários da SVA

Tarde/// AIGA- exposição dos trabalhos premiados de 2004- distribuição grátis de posters/ Almoço

Strand Book Store- livros de arte e Design com ótimos preços

Urban Outfitters- ambientação, branding, diferentes segmentos, produtos, roupas, acessórios, objetos e cama, mesa e banho com a mesma identidade. Noite /// livre

DIA 9) Quarta feira, 15 de fevereiro

Manhã /// café da manhã no hotel

MUCCA Design- escritório de Design gráfico/ embalagem

Contatos Roberto de Vicq, Andrea Brown

Chegamos às 9:00h e fomos muito bem recebidos com uma mesa de café e pães. Visitamos instalações, vimos o portfolio e discutimos questões relacionadas a clientes, mercado, produção, tiragens, orçamentos e etc... Nos convidaram para um evento no TDC (Type Directors Club) na noite seguinte.

Tarde ///almoço no Neptuno Restaurant

Caminhamos pelo SOHO – Branding – visita à *Flag Stores* – Adidas (ambiente, mobiliário, iluminação, som, sinalização, lançamentos com recursos de animação, vitrine/compromisso de marca, uniformes, coexistência do símbolo de linguagem mais tradicionais com os atuais, etc...)

Build a Bear & Friends to be made- fenômenos atuais de franquias, consumismo (ter x ser). Preocupação com a formação do futuro consumidor

Toys' R' us- merchandising e identidade

Noite/// *Blue Man Group*

Nesta noite Bibi e Joana saíram depois do espetáculo e nos preocuparam com demora excessiva.

DIA 10) Quinta feira, 16 de fevereiro

Manhã livre/// café da manhã no hotel

Bebeth e Luiza- caminhada Central Park para considerações acadêmicas

Strawberry Fields Forever

Tarde /// Harper Collins Publishers- encontro com Roberto de Vicq

Apresentação do portfolio do segmento da editora do qual é diretor de arte.

Trabalho consistente e impressionante. Em seguida, falou sobre seu trabalho pessoal e autoral como Designer interessado em Design de tipo e tipografia (Bembo's Zoo)

Noite/// *Type Directors Club*- TDC- assistimos à palestra “*When your cliente is your worst enemy*”, com Louise Filli, Roberto de Vicq, Ken Carbone e Will Stahele

Nesta noite os alunos puderam participar de um evento fechado para Designers de NY, fizeram amizades, trocaram contatos.

DIA 11) Sexta feira, 17 de fevereiro

Manhã /// Tarde ///

Grand Central Station- trem para DIA: Beacon- grande museu de arte contemporânea instalado numa antiga indústria da Nabisco. Galpão com obras de Sol Le Witt, Donald Judd, Richard Serra, Louise Bourjois, Andy Wahrol, Bruce Nauman, Dan Flavin e etc...

Uma hora de viagem para o norte de Manhattan. Na volta, Bibi esqueceu a mochila no museu... Voltei com o grupo e Luiza a acompanhou.

Noite /// Whitney Museum for American Art

DIA 12) Sábado, 18 de fevereiro

Manhã /// late Check-out= 13:00h

Malas acomodadas em depósito do hotel.

Tarde/// - 16:30h - encontro no saguão do hotel para fechamento oficial da viagem.

Apresentação do que devem produzir e entregar para G1 e G2: texto com impressões sobre a viagem (entrega dia 20/3/06); caderno de viagem (data limite para entrega dia 24/4/06); texto final com reflexões sobre o impacto da viagem nas outras disciplinas do semestre (até 20/6/6);

Exercício do Richard Wilde para ser enviado à SVA.

18:00h Traslado para aeroporto JFK

4.8.

De volta ao Rio de Janeiro. Programa bem sucedido

A volta para casa nos trouxe uma empolgação grande em relação ao que havíamos acabado de viver: um programa experimental, onde alunos e professores embarcaram em uma vivência de imersão total em Design. Independente dos programas agendados, e dos lugares visitados, durante todo o tempo, nossa convivência girou em torno do tema. A cada passo éramos impactados pelo Design, fosse no mobiliário urbano da cidade, na sinalização, nas vitrines e letreiros das lojas, na disputa visual acirrada em Times Square, nos impressos, na linguagem visual dos espetáculos culturais, na moda, nos produtos, nos pontos de venda, nos restaurantes e seus cardápios, nos painéis institucionais, nos cartazes de teatro, nas embalagens, nas ambientações e em toda parte enfim. Era inegável a transformação que a viagem tinha sido capaz de operar nos alunos. Nossa

discussão apaixonada se estendia por muitas horas ao longo dos dias e parte das noites em função de tantos estímulos que vivenciamos juntos. O grupo se integrou e participou ativamente das propostas. Certamente esta experiência ficará na memória de todos os que dela participaram, e para nós ficou a certeza de que trabalhamos bem e que o programa tinha tudo para se consolidar junto ao curso de Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

4.8.1.

Alguns aprendizados nossos

Aproveitando a experiência que esta primeira viagem nos trouxe, destacamos alguns aspectos que foram observados, a saber:

- As principais despesas da viagem (ingressos dos museus, ticket do espetáculo, passagens de trem, metrô e ônibus) devem estar contidas no preço do pacote para que se configure o caráter acadêmico do programa- Desta forma, cabe ao aluno administrar seus recursos apenas entre alimentação, compras e outros programas opcionais, e não ter que optar entre investir em um programa ou economizar para outros fins.
- É importante que as professoras possam preservar sua privacidade. No afã de viabilizar esta edição do programa, eu e Luiza acabamos dividindo acomodações quádruplas com as 2 alunas. Funcionou muito bem, mas por diversos motivos, teria sido mais interessante estar num outro quarto.
- Teria sido bom visitar também algum programa de pós-graduação.
- O grupo deve estar conscientizado da importância em respeitar os horários estabelecidos para as visitas. Não há sentido em submeter todos a esperas consecutivas de alunos retardatários.
- Os programas entregues aos alunos devem conter endereços e telefones das

visitas programadas, para que tenham autonomia em caso de se destacarem do grupo por quaisquer motivos.

- Realmente é necessário fazer o programa com 2 professores. No caso de algum aluno necessitar de acompanhamento especial, o grupo não pode ser prejudicado.

- O potencial acadêmico da experiência é enorme e pode (deve) ser explorado de diversas outras maneiras.

- É fundamental que haja pelo menos um dia livre na montagem do programa. Se não for possível que aconteça de forma única, separar uma manhã num dia e uma tarde em outro para que os alunos possam se organizar com seus propósitos pessoais sem prejudicar o andamento da viagem.

- Teria sido importante visitar um prédio como o Empire State Building para que pudessem observar a cidade do alto, compreender seu traçado e se orientar melhor no deslocamento pelas ruas.

- Deve haver liberdade na escolha dos restaurantes onde são feitas as refeições. O grupo tende a andar junto, mas alguns preferem o fast food pelo tempo e economia que representa e outros optam por refeições mais elaboradas. Esta previsão que demanda tempo extra deve fazer parte do programa principalmente nos intervalos para o almoço. Naturalmente estas nossas observações e conclusões iluminaram bastante a montagem dos programas seguintes e assim sucessivamente.

4.8.2

A produção dos alunos

Na volta da viagem, programamos algumas entregas e datas de encontro com o grupo. Apesar de termos proposto o caderno de viagem a todos, acabamos preferindo deixar em aberto a entrega de um “produto” à escolha deles, que pudesse transmitir os principais aspectos que cada um escolhe como representativo da viagem. Solicitamos também a eles, na saída, em reunião que

fizemos enquanto esperávamos o nosso transfer para o aeroporto, que produzissem um texto ao término do semestre que em pouco tempo se iniciará. Esperamos que neste texto apareça a integralização do que foi visto e algumas eventuais aplicações do que foi aprendido aqui, nas disciplinas que estiverem cursando na PUC.

Conseguí recuperar com a Luiza, o material que recebemos sobre a produção desta turma de 2006. Ela havia guardado alguns itens. Sinto que agora, 8 anos mais tarde e depois de muitas outras viagens e roteiros realizados, vai ser de suma importância me aproximar deste material. Já tenho o distanciamento necessário para olhar para estes resultados, podendo extrair deles uma visão geral e algumas mensagens mais sutis. Mas, de pronto posso destacar que, seja através de cadernos de viagens ou análogos, ou de produção de textos que descrevam a experiência ou expressem o que sentiram, o registro, para além do fotográfico, é fundamental. E não apenas para os professores que proporcionam a vivência, mas sobretudo para eles mesmos, de forma a potencializar o valor da viagem e fazer com que este possa ser resgatado mais tarde, sempre que desejarem.

Os reflexos do aproveitamento do programa e do entrosamento ocorrido entre os elementos deste grupo se fizeram notar através de alguns dos trabalhos que foram entregues. Ainda que, infelizmente não disponha de tudo o que foi feito e entregue por eles, passo a descrever o que foi possível resgatar, que representa a maior parte a produção da primeira turma.

G1 (primeira entrega): Caderno de viagem / Diário gráfico ou similar

Aluno: **Igor Leão Araujo Benchimol**

Peça: Jogo de tabuleiro

Título: PUC, Design E NEW YORK

Descrição:

Neste jogo, Igor coordena informações de diferentes naturezas com o tempo em que estivemos viajando. O tabuleiro apresenta várias casas coloridas e uma sequência de dias a obedecer onde, a partir de dados auxiliares, o jogador vai se movimentando e pontuando dentre todas as atividades até completar o programa. Ele se movimenta através de peões, feitos em MDF cortados e encaixados para facilitar o desmonte e a organização na embalagem. Os pontos obtidos podem ser de 3 tipos: livres, pontos de observação ou pontos de cultura, e foram atribuídos segundo o julgamento do aluno sobre cada atividade. As casas trazem várias peculiaridades vividas por este grupo e representam de que forma Igor as interpretou ao formular o jogo. As casas são dispostas em grupos por cor e apresentam as seguintes informações e comandos:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1312707/CA



Figura 33: Jogo de tabuleiro do aluno Igor Benchimol, desenvolvido para a G1

Casas Verdes - Representando algumas atividades e piadas internas

- Última chance para compras = 1 ponto livre
- *Duane Reade= Pringle's shop*= 1 ponto livre
- Caminhada solitária pela cidade = 1 ponto livre
- *Blue Man Group* = Ventania= volte 2 casas
- Comprou livros demais na *Strand* = 5 pontos livres
- *Strand Bookstore* = 1 ponto livre
- *Woodburry Common Outlet* = 1 ponto livre
- *Village Vanguard / Barry Harris Trio Jazz* = 1 ponto livre
- *Renderings* = 1 ponto livre
- *Pearl/* material de desenho = 1 ponto livre
- Onde está a Bibi? *Go get her!* = Avance 4 casas e ganhe pontos
- *Coca-Cola Dissy's Jazz* = 1 ponto livre
- Programa de viagem = 1 ponto livre

Casas Pretas - Representando algumas adversidades pelas quais o grupo passou:

- Ventania!= volte 2 casas
- Tire os sapatos e o casaco para Raio X= Volte 2 casas
- Esqueceu a mochila no *Dia:Beacon?* = volte 3 casas
- Seu *Build a Bear* não tem coração? = 1 rodada sem jogar
- Problemas com o cartão do Hotel? = Volte 2 casas
- Tentou fotografar a *Urban Outfitters?* = Volte 1 casa
- Dia livre! Aproveite para dormir um pouco= 1 rodada sem jogar
- Nevasca! = volte 1 casa
- Começou a nevar! Agasalhe-se melhor! = 1 rodada sem jogar
- O *Burguer King* não caiu muito bem? = 1 rodada sem jogar
- Suspeita de incêndio no Hotel! = volte 1 casa
- Você foi pego pela imigração = 1 rodada sem jogar

Casas Laranjas - Representando alguns contratemplos devo explicar as piadinhas menos óbvias assim?

- Reunião = todos os jogadores avançam para o Hotel mais próximo (no nosso Hotel, não havia um lugar que pudesse ser usado em nossas reuniões, o que nos obrigava a fazer isso nos quartos, sem muito conforto)
- Traslado para o JFK = avance 1 casa
- Cansado? = Avance 2 casas
- Dormiu no trem? = Acorde e avance 1 casa
- Café da manhã reforçado = jogue novamente
- Pediu um cartão do Roberto de Vicq? = avance 2 casas
- Você vai carregar os presentes do Richard Wilde = avance 3 casas
- Balanço de compras = jogue novamente
- *Strand Bookstore* = jogue novamente
- *Woodbury Common Outlet* = jogue novamente
- Guerra de Neve = avance 3 casas e ganhe os pontos
- Perdeu a Luiza de vista? = avance 1 casa
- Passe de ônibus e metrô = avance para qualquer casa deste dia e ganhe os pontos
- Visita ao *Cooper Hewitt* adiada? = jogue novamente

Casas Azuis – Representando atividades específicas de Design

- *Whitney Museum* = 1 ponto observação
- *Dia:Beacon*/arte contemporânea = 3 pontos observação
- Roberto de Vicq/portfolio = 2 pontos de observação
- *Branding Look Adidas* = 3 pontos de observação
- *Mucca Design* = 2 pontos de observação
- *School of Visual Arts* com Richard Wilde = 2 pontos de observação
- AIGA- Premiados 2004 = 2 pontos de observação
- *Metropolitam Museum Oriente* = 2 pontos de observação
- *Cooper Hewitt*- Design Israelense = 4 pontos de observação
- *Neue Gallerie* – Egon Schielle = 2 pontos de observação
- Observação Livre no Museu = 4 pontos de observação
- Caminhada até o MoMA = 1 ponto de observação
- *City Tour- Ground zero* = 1 ponto de observação

- *B&H*- sistema inteligente de vendas = 1 ponto de observação

Casas Vermelhas – Representando atividades de arte e cultura

- *Dia:Beacon* - arte contemporânea = 3 pontos de cultura

- *Harper Collins Publishers* = 2 pontos de cultura

- *Type Directors Club* = 1 ponto de cultura

- *Mucca Design* = 1 ponto de cultura

- *SVA* - palestra ex aluno James Victore = 3 pontos de cultura

- *Metropolitan Museum* Egito = 2 pontos de cultura

- *Metropolitan Museum* Armas = 3 pontos de cultura

- *Cooper Hewitt - Fashion in Colors* = 3 pontos de cultura

- *Guggenheim Museum* –David Smith/ esculturas = 4 pontos de cultura

- Loja do MoMA = 3 pontos de cultura

- Visita guiada ao MoMA= 3 pontos de cultura

- *City Tour: Empire State Building* = 2 pontos de cultura

- *City Tour: Liberty Statue* = 1 ponto de cultura

Aluna: **Beatriz Folly**

Peça: Diário com imagens

Título: NY, uma visita a extremos

Descrição:

Bibi, como preferia ser chamada, fez um caderno de viagem onde trouxe a sua opinião sobre a experiência. Já no título, ela prepara para o viés que decidiu trabalhar: os contrastes. Na 4ª capa ela criou uma pequena história em quadrinhos bem interessante, com a síntese do que acredita ter visto na NY que conheceu.



Figura 34: História em Quadrinhos da aluna Beatriz Folly, desenvolvida para a G1

Reproduzo na sequência de leitura o texto da HQ:

- 1- Há muitos anos atrás, NY era dominada por gigantes
- 2- Até que um dia os humanos travaram uma guerra contra eles, para conquistar seu território
- 3- Depois de meses batalhando, os humanos finalmente venceram a guerra
- 4- Porém, eles deixam a cidade intacta como memória. Não mudam nem o sistema de produção
- 5- Logo, NY torna-se uma cidade onde tudo é desproporcionalmente maior, como os prédios
- 6- ...os carros
- 7- ...até a comida.
- 8- Um belo dia sete Designers brasileiros botaram seus pés nesta incrível cidade na missão de visitar seus enormes museus
- 9- E documentar todas as suas experiências vividas.

São muitas páginas, mas ela separa assim:

Introdução- Apresenta o caderno como o resultado de uma das melhores experiências que viveu na vida. Conta que, como a programação era muito intensa e ela só poderia sair de NY conhecendo um pouco, se pudesse também conhecer sua gente e que, por isso, dedicou-se também a sair todos os dias à noite. Assistiu a vários espetáculos e foi a vários pubs, buscando esse entendimento da cidade e aproveitamento do tempo.

Porque “extremos”- Aqui ela define sua escolha por este ponto de vista. Diz ter se decepcionado com o american way of life que, por um lado oferece soluções excepcionais de qualidade de vida e, por outro apresenta situações inconcebíveis para uma sociedade que se diz ética. Enumera: um mendigo pedindo dinheiro para um homem engravatado; por um lado a obsessão por comida em enormes porções e por outro os padrões de beleza inatingíveis; e fecha pensando em como as pessoas se sentem pequenas diante daquela arquitetura monumental.

Museus – aqui ela descreve brevemente o que observou em cada museu visitado. MoMA, Neue Galerie, Guggenheim, Cooper Hewitt, Metropolitan, AIGA, Dia:Beacon, Whitney

Branding- aqui ela comenta o poder das marcas que se utilizam desta ferramenta de Design e marketing. Dentre as que vimos, fala sobre as que para ela se destacaram: B&H, Apple, Addidas, Apple store, Build a Bear, Friends to be made. Faz vearias críticas à esta sociedade baseada no consumo.

Gastronomia- aqui, Bibi comenta que fez uma opção econômica. Atleta federada em Nin-jitsu, decidiu trocar seu estilo de alimentação saudável, que, segundo ela sairia por não menos que U\$50,00 por dia, uma temporada de fast food, quantidade no lugar de qualidade. Sempre motivada por promoções onde o custo benefício da porção gigante chamava a atenção.

Palestras e Aulas- School of Visual Arts, Mucca Design, Roberto de Vicq. Comenta as visitas que fizemos a estes 3 lugares.

Noite- Blue Man Group, Coca-Cola Dizzy Jazz, American ballet, Village Vanguard.

Cita a programação noturna, desde a que fazia parte do programa, até as que escolheu participar com amigos.

A cidade- Aqui a aluna comenta os extremos, os contrastes que identificou na cidade. Apresenta reflexões sobre o racismo, comentando que percebeu durante a trajetória do transfer entre o aeroporto e o hotel, o Harlem, cuja predominância da população é de negros, e isto em si, já configura segregação; a cidade com avenidas enormes e movimentadas em contraste com pequenas ruas arborizadas e residenciais, O orgulho americano de que têm uma cidade que funciona e o desespero deles diante de uma nevasca que bagunçou tudo, e finaliza incomodada com as pessoas na rua em horários movimentados que, sequer desviam de quem está vindo em direção contrária e saem trombando e esbarrando em todos sem hesitar.

Aluno: **Paulo Gustavo Italiani**

Peça: Maquete de um prédio de 10 andares

Descrição:

O primeiro item que PG entregou foi uma carta que, trazia um rough do caderno de viagem que ele gostaria de entregar. Seria um modelo na escala 1/50 de um prédio simples de 10 andares, onde cada andar simbolizaria um dia em Nova York. A calçada e a cobertura indicariam, respectivamente, o preparo e o final da viagem. O texto também será calculado de forma a expressar a programação de cada dia preenchendo o andar correspondente. A segunda foto mostra uma proposta em forma de pôster e a terceira traz a capa que contém este texto, ao melhor estilo debochado e irreverente do PG.



Figura 35: Maquete de Gustavo Italiani, desenvolvida para a G1.

G2 (segunda entrega): Texto com reflexão sobre o impacto da viagem no semestre seguinte

Aluno: **Luiz Guilherme Santos**

Data: 8/7/06

“Mais um período passou, e com e ele, novas descobertas e novos aprendizados. Com nossas atenções praticamente focadas nas férias, fomos incumbidos de fazer um texto final, relatando sobre o que “Design no Exterior” tinha mudado em nossas vidas, pois no momento que comecei a pensar diferente, pessoas ao meu redor também mudaram. Tudo mudou. Agora, depois de cinco meses após a nossa viagem, vejo como é bom conhecer novas culturas. Essa avalanche de novos pensamentos e ideias refletiu em muito nas matérias que cursei esse período. Sempre que precisava de ajuda, recorria às fotos tiradas e as lembranças dos 10 dias de aventura em Nova Iorque. Como não se sentir influenciado pelos grandes artistas? MoMA, Guggenheim, Cooper Hewitt, todos eles nos mostram como é Design em seus acervos históricos. Apesar de ser de Projeto de Produto, e a nossa viagem ter sido muito focada em Comunicação Visual, consegui aprender muito e mostrar isso no decorrer do período. Seja em “Design de Jóias” ou em “Teoria da Fabricação”, qualquer projeto que fiz tinha uma influência de Nova Iorque. Mas, o aprendizado não foi só em Design, também foi na vida. Aprendi que por mais bizarra que seja sua ideia, você não pode desistir até ter tentado tudo. Aprendi também que a amizade das

peças é muito importante, pois sem elas não seríamos nada. Agora chega de aprendizado e vamos aos agradecimentos. Estou muito feliz de ter conhecido tantas pessoas legais. Sejam elas calouros ou veteranos, todos vocês contribuíram para uma viagem inesquecível e excitante. Com certeza, essa viagem vai virar uma história para os netos.”

Avaliando a produção de Luiz Guilherme, dois pontos me pareceram importantes de serem destacados.

O primeiro foi a crítica do aluno sobre a experiência ter tido foco em Comunicação Visual. Recorrendo ao programa, notamos que escolhemos e passamos por atividades e destacamos situações com bastante equilíbrio entre as duas habilitações do curso. Mas, a explicação deve vir do fato do “olhar guia” da experiência como um todo ter vindo de duas professoras de CV, o que pode ter contribuído para esta eventual predominância percebida por Luiz Guilherme. Esta é uma importante crítica que deve nos fazer refletir e aprimorar futuros programas.

Aluno: Igor Leão Araujo Benchimol

Data: 8/7/06

Título: Back to Brasil

“Desde o retorno para o Brasil, tomei a decisão de cursar as duas habilitações do curso de Desenho Industrial, pois uma das maiores observações feitas durante a viagem é que um produto bem realizado não é nada sem uma comunicação bem realizada. De uma maneira geral, todas as disciplinas que cursei neste período receberam de mim um olhar diferente. Projeto CV IV foi a disciplina mais influenciada, desde a escolha do tema até a concepção do produto final. A proposta da disciplina é Design de informação, escolhi a sinalização de pontos de ônibus como foco, por ter observado a facilidade que o sistema de transportes de Nova Iorque oferece, muito graças à sinalização, o que aqui ainda é bastante deficiente. Aproveitei muitos dos conceitos vistos durante a viagem, e depois através das fotos, na realização do meu produto.

As informações mais importantes para a utilização do transporte eram encontradas nas paradas. No projeto agreguei não só as informações primordiais, mas também informações complementares que estimulam a exploração da cidade. A experiência em Nova Iorque também me fez despertar um maior interesse nos assuntos que cercam o Design. Presenciamos diversas situações onde o Design se preocupa com as questões ambientais, e outras onde estas mesmas questões são postas totalmente de lado. Sempre que possível coloco essas questões em discussão nas aulas, e as aplico em meus trabalhos. Certamente a viagem continuará sendo aproveitada como arquivo visual e experimental, nos períodos que estão por vir.”

Observo na reflexão de Igor, uma certa maturidade, expressa de várias formas.

Começando por sua maior consciência sobre como o que viveu impactou suas escolhas recentes. Além de ter decidido cursar a outra habilitação para

complementar sua formação, em poucos meses ele consegue distinguir a influência da inspiração no tema de seu projeto, ao mesmo tempo em que percebe, com crítica, que a preocupação com a sustentabilidade nem sempre está bem aplicada no exterior. Demonstra segurança também quando se coloca em papel de provocador desta discussão em sala, que passa a ser uma escolha sua, a partir do que viu, sabendo buscar ativamente as informações que o interessam.

Afora as diferenças de personalidade entre os alunos, de certa forma aqui também está presente a valorização da habilitação de CV só que, embora sutil, acrescenta valor à crítica de Luiz Guilherme.

Aluna: **Beatriz Folly**

Data: 8/7/06

Título: Design no Exterior- G2

“É impressionante como a viagem para NY me afetou em diversos sentidos. Tanto no âmbito das amizades, pois o laço que foi criado entre os que viajaram foi inesquecível, quanto em outros sentidos, como inspiração para trabalhos artísticos, até a forma de viver da sociedade americana. A visita a diversos museus despertou uma vontade em mim de fazer coisas de cunho artístico. Decidi pintar meus móveis inspirada no trabalho de Jackson Pollock, estou fazendo uma luminária inspirada em um modelo que vi no MoMA. Isso acordou em mim, um enorme interesse na outra habilitação do curso, o que me abriu novas questões e horizontes. Além das coisas que estou concretizando, a visita dos museus me instigou a questionar algumas coisas sobre as quais eu não costumava refletir tão profundamente, como o que é a arte, como ela contribui para a sociedade em geral e o impacto que ela tem sobre ela. Ver o povo americano de perto, me fez entender mais sobre o próprio comportamento humano. As coisas ditas pelas professoras sobre branding me fizeram compreender melhor a sociedade americana. Conheci pela primeira vez o fio da neve e dos habitantes de NY. Às vezes penso que os empurrões que algumas vezes levávamos no meio da rua eram fruto da vontade desesperada por contato dos nova-iorquinos. Viajar é sem dúvida a melhor maneira de conhecer uma outra cultura. Como a cultura americana é exportada para todo o mundo, vê-la de perto nos ilumina a respeito de certas atitudes tomadas pelo país em relação a outras nações. Como foi uma viagem de poucas pessoas, foi possível ter um contato constante com todas elas. Foi interessantíssimo o fato de que eram pessoas que tinham muito em comum e ao mesmo tempo eram muito diferentes. Estávamos quase todos em períodos da faculdade bem diferentes uns dos outros, que contribuiu para que houvesse um ponto de vista variado para as coisas que tivemos a oportunidade de observar durante a viagem. (...) Hoje me orgulho de ter uma banda com um dos alunos com quem fiz a matéria. Isso não seria de forma alguma possível se o entrosamento não tivesse sido de outra forma senão excelente, afinal tocar é uma coisa que levo muito a sério e ter uma banda é compromisso que se assume com os integrantes de dedicação, embora seja encarado também como uma atividade de lazer. A amizade continuou entre todos os alunos, seja numa banda, em esbarrões e conversas no laboratório de volume, tentando a qualquer custo pegar matéria com as professoras com quem viajamos, no convite para um aniversário, se perdendo em uma trilha para o Cristo, ou até no jantar na casa de uma das professoras.”

Na fala da Bibi, pode-se encontrar doses grandes de energia e paixão. Ela demonstra que viveu intensamente o programa e, a partir dele foi capaz de disparar novos questionamentos, novas buscas em seu caminho. Destaca-se sua afinidade

com as Artes e sua grande sensibilidade social. De personalidade ativa e determinada, ela conseguiu trazer para a prática do dia a dia, várias referências que a impressionaram. Mais uma vez, a formação mais completa, que passa pelas duas habilitações aparece, marcando a busca de maior amplitude e autonomia ao Design. Apesar de tanta força, é possível encontrar em seu discurso valores bem marcados e grande doçura em relação ao grupo.

Entendo que, embora preparemos o programa de forma a estimular ao máximo os alunos durante a viagem, nosso papel principal é o de facilitadores, ajudando-os a receber e decodificar esta explosão de informações e estímulos sensíveis. E o incrível é que, por maior que seja a nossa experiência, seja no campo específico do Design, seja na docência ou até mesmo na vida, a própria experiência e eles sempre acabam nos ensinando e nos ajudando a melhorar. Falando por mim, talvez a troca seja um dos fatores que tanto fascina os professores e que os mantêm tão apegados à docência.

Aluno: **Paulo Gustavo Italiani**

Data: 8/7/06

Título: Nova Iorque – Post Scriptum - quatro meses depois

“O tempo às vezes se mostra cruel. Momentos e situações marcantes podem se perder em nossa saturada memória, ou no fundo da gaveta com tantas outras recordações, desbotando e degradando a real imagem capturada por uma fotografia. Pode-se manter vivas experiências e sensações já passadas? Não, mas devemos refletir sobre o que aprendemos em cada momento em que estivemos presentes em lugares distantes do habitual, dos costumes e regras que conhecemos. Os quatro meses que se sucederam depois de nossa viagem, poderiam ter sido tão ordinários quanto quaisquer outros, não fosse Nova Iorque o destino. Esta disputada cidade nunca foi um enigma para seus visitantes. Sempre presente nos noticiários de jornal, impresso e televisivo, seu cotidiano é captado diariamente. É comum assistir ao filme, mas poucos leram o livro. Poucos conhecem as entrelinhas desta capital do mercado mundial. Mas, dessa leitura, agradável ou não aos olhos, já posso me vangloriar. Explorando a cidade de manhã até o anoitecer, se retorna com a sensação de ter realizado um curso intensivo de todas as experiências urbanas que um ícone do sucesso capitalista pode nos oferecer. As lojas, os museus, o modo de vida corrido e impessoal, às vezes se quebram em raros momentos de descontração entre seus habitantes. Após retornar da viagem, pude entender um pouco mais das sensações de “um estranho no ninho” que me tomavam conta às vezes. Uma disciplina chamada Proxemia, ministrada pela professora Alexandra de Almeida, esclarece estes sentimentos revelando um mundo urbano repleto de regras e restrições, onde nem todas são explícitas. Pude detectar também, diversas situações que tive em espaços, que mais tarde pude classificar. Desde o aeroporto identificado como um não-lugar, um espaço onde as pessoas são vistas como números com um curto tempo de permanência, até a casa de shows e shoppings que identificam um espaço fágico: lugares que atraem as pessoas encorajando o consumo, induzindo as pessoas a ficarem ali o maior tempo possível. O curioso foi perceber que em ambos os espaços a diferença entre grupos distintos da sociedade quase não é percebida, com o objetivo de evitar conflito entre os mesmos. As experiências vividas neste lugar não familiar, principalmente quando me encontrava sozinho, foram determinantes para desenvolver, já de volta ao Brasil, minha atitude empreendedora, me despidendo de medos e

inseguranças. Ao ler um jornal e encontrar aquela grande cidade, mencionando ruas e prédios que agora conheço, vejo que a realização profissional através do trabalho e da reponsabilidade não está tão longe. E se, ao olhar uma foto de Nova Iorque, eu posso identificar um lugar onde eu coloquei os pés, ao olhar um trabalho meu posso enxergar um futuro sólido em uma disputada profissão. O conjunto de conhecimentos empíricos obtidos através de visitas a museus também foi determinante para o enriquecimento em minha formação. Utilizei-me da história da humanidade ilustrada com imagens registradas no Metropolitan Museum na apresentação em banca como pré pesquisa de projeto, o que rendeu elogios e, com o esperado, polêmica e desafios. As lembranças desta viagem dificilmente serão esquecidas, ao contrário, serão enriquecidas com novas interpretações e observações. O fato de conhecer Nova Iorque influencia na faculdade, na profissão, nas conversas do bar, ou seja, abre as portas para desvendar um ícone num mundo onde o trabalho representa a vida, o sucesso e, principalmente, o dinheiro.”

Paulo Gustavo, ou PG, como gosta de ser tratado, demonstra o quanto a viagem pôde ser útil em sua formação. Através de um texto às vezes até denso, ele discorre se utilizando de um vocabulário sofisticado e de um estilo próprio ou que expressa sua personalidade, sobre alguns exemplos onde aproveitou o que viveu no programa. Em alguns momentos adota uma postura onde acredita que, depois de apenas 10 dias em NY já seria capaz de ler e interpretar a cidade com todas as suas nuances... mas, essa posição, às vezes definitiva, parece tão intenso quanto ele.

Quando ele comenta que a viagem o encorajou a investir em sua carreira, é interessante poder acompanhar e ver que ele realmente conseguiu atingir o que se propunha. Me lembro que o aluno tinha grande talento e sensibilidade e que sempre foi apaixonado por desenho de automóveis. Estive com ele no ano passado e PG está onde sempre quis estar. Ao se graduar, o aluno seguiu para um mestrado em Milão em seu tema de preferência. De lá, foi contratado pela Fiat e participou de algumas equipes no desenho de carros, como sempre sonhou. Depois de uma carreira de alguns anos lá, PG decidiu sair e fundar seu próprio escritório onde presta serviços na área. Trabalha para alguns clientes importantes e tem desenhado, dentre outros projetos, algumas motocicletas. Em sua recente visita ao Brasil ele me procurou e logo o convidei para apresentar seu portfolio e trajetórias para alguns alunos. Contactamos também o professor Daniel Malagutti, da habilitação de PP e a palestra se deu num auditório lotado. Foi muito bom revê-lo e saber que alcançar suas metas.

4.8.3 **Refletindo sobre estes resultados**

Sem dúvidas, eu e Luiza ficamos muito entusiasmadas com este retorno. Cada um do seu modo, conseguiu expressar o que sentiu a partir daquela vivência. Souberam destacar o que os interessou, propuseram pontos de vista diferentes e foram bastante criativos em relação à forma do material entregue. Se o processo nos pareceu extremamente rico, uma vez que estivemos convivendo estreitamente com eles durante a viagem, os produtos que construíram foram também muito motivadores para nós. Esta era a conclusão que precisávamos para levar adiante aquele plano. Como na avaliação iluminativa, percebemos que estávamos diante de uma (prática) abordagem que estimulava os alunos de forma importante.

A oferta destes programas passou então a ser regular. Embora sonhássemos em oferecer outros destinos desde o início, havia sempre a questão do custo, do deslocamento ou do apelo, que acabava sempre deixando NY na frente de outras alternativas. Entendemos que seria necessário voltar a NY, desta vez regulando aqueles aspectos que observamos na primeira experiência, consolidando mais e mais este roteiro.

4.8.4 **As viagens de 2 a 8**

Apresento a seguir as edições subsequentes do programa Design no Exterior. De um modo geral, apresento o número da edição, o mês e o ano em que foi realizada, o nome do professor que me acompanhou e o número de alunos do grupo. Apesar da escolha pelo esquema bastante sintético, toda vez que houver interesse, apresentarei novidades ou abrirei espaço para comentários.

2ª EDIÇÃO, EUA: New York, janeiro 2007

Professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Luiza Novaes

Número alunos: 14

Acho que os únicos comentários que faço aqui, dizem respeito aos ajustes que fizemos no programa em relação à primeira experiência. E, desta vez, viajamos com maior conforto e privacidade e, Luiza e eu, ficamos em um quarto duplo. Este espaço é realmente muito importante para que possamos conversar, combinar e nos prepararmos para as atividades que se seguem.

3ª EDIÇÃO, EUA: *New York*, Fevereiro 2008

Professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Luiza Novaes

Nº alunos: 11

Abro um pequeno espaço aqui para comentar que neste grupo, havia uma aluna que, ao se ver relativamente autônoma em outro país, optou por não nos acompanhar na maior parte do tempo. Quando Luiza e eu percebemos, a primeira providência foi ligar para o Departamento e expor a situação para nossa então coordenadora acadêmica, professora Claudia Mont' Alvão, que por sua vez fez contato com os familiares da moça. Universidade e família cientes, eu e Luiza procedemos normalmente o programa, apesar desta quase “deserção” da aluna. Não houve prejuízo para o programa, sem levar em conta a oportunidade que a aluna desperdiçou.

4ª EDIÇÃO, EUA: *New York*, Janeiro/Fevereiro 2010: um recorde

professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Amador de Carvalho Perez

Nº alunos: 25

Esta edição em especial merece comentários. Em 2009, eu e Luiza havíamos planejado oferecer um programa para a Europa. Ao final do primeiro semestre, em torno de maio ou junho, o roteiro começou a ser idealizado e o programa montado.

Os custos começaram a ser levantados para estudos de viabilidade econômica. Diferente do que vínhamos fazendo em NY, o deslocamento na Europa não era tão fácil e, para termos transporte à nossa disposição como nos pareceu ideal, os custos subiam bastante. Mas, ainda assim, nos mantivemos trabalhando nesta ideia até que a crise financeira começou a dar sinais pela Europa. O euro começou a se elevar muito e nos colocamos em posição de acompanhamento das notícias e resolvemos adiar para o começo do segundo semestre a continuidade do projeto. Mas, à medida em que esperávamos, tudo ia ficando mais complicado.

Como este seria um roteiro novo, que estaríamos abrindo e todos os contatos teriam de ser feitos, isso demandaria um tempo maior, que íamos perdendo enquanto assistíamos o agravamento da crise.

A divulgação do programa já havia sido disparada e já contávamos com a promessa de algumas adesões, mas, quando uma bomba explodiu dentro do metrô de Londres, numa estação bem central, tudo mudou. Em uma reunião com Luiza, decidimos abortar operação porque ficamos apreensivas de definir em setembro, que em janeiro do ano seguinte as condições estariam seguras para nossa viagem com os alunos. Desta forma, espalhamos novos cartazes com o cancelamento da proposta.

Em 2010, a professora Luiza Novaes assumiu a direção do Departamento de Artes e Design PUC-Rio. Com isso, perdi sua companhia para os programas seguintes. Foi quando convidei o prof. Amador Perez para me acompanhar. Ele aceitou o convite e demos início ao processo de divulgação desta viagem. Optamos por começar por New York, cidade fácil de andar, com diversas atrações a oferecer, custos acessíveis e um roteiro básico que poderíamos usar como ponto de partida. Assim, estaríamos testando a nossa parcerias sem maiores riscos.

Acredito que a conjunção de 2 fatores fizeram esta ser a viagem com o maior grupo que já fizemos: primeiramente a enorme popularidade do professor junto aos alunos que tanto o admiram, e um segundo fator se deve ao fato de não ter sido oferecido o programa no ano anterior.

A procura foi tamanha, que decidimos fazer uma seleção, onde cada pretendente era entrevistado, observávamos seus CR (coeficiente de rendimento no curso), e compusemos assim o grupo ideal. Tínhamos o número recorde de 50 (!!!) interessados. Escolhemos os 25 que acreditamos ser de melhor convivência, que poderiam funcionar melhor juntos, contribuir com as discussões e elevar o nível da experiência. Foi difícil recusar o outro grupo, que também era ótimo, e chegamos a pensar em operar com as duas turmas. Iríamos com o primeiro grupo e faríamos o programa, teríamos 2 ou 3 dias para descansar e receberíamos o outro grupo lá para uma nova vivência. Mas, o Amador estava cansado e nem cogitou essa possibilidade. Quem sabe de uma próxima vez?

O grupo eleito foi realmente especial, mas aprendemos que este número excede a condução de qualidade do programa, dificulta na locomoção, além de ser mais difícil de sermos recebidos nas universidades, escritórios e etc. Ainda assim, a viagem transcorreu sem maiores problemas e eles ficaram muito unidos entre si. Marcavam vários encontros para desenhar, saíam juntos e trocavam bastante. Na rua, cantavam para espantar o frio enquanto caminhavam, protegiam a mim e ao Amador fazendo grupinhos, mantendo a “inteligência” do grupo aquecida no meio do “abraço” coletivo. Na verdade, apesar de grande, este grupo foi especialmente integrado, carinhoso e memorável.

5ª EDIÇÃO, Europa: Paris e Londres, Fevereiro 2011

professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Amador de Carvalho Perez

Nº alunos: 14 Apresento a seguir o programa desta viagem:

LONDRES

DIA 1) Quinta feira, 10 de fevereiro

Noite /// 21:00 Embarque Rio - SP - Londres, encontro aeroporto internacional

Tom Jobim, vôo TAM 8088 (23:55/13:30+1)

DIA 2) Sexta feira, 11 de fevereiro

Tarde/// 13:30h chegada a Londres, aeroporto Heathrow

Traslado para o *Royal National Hotel* + acomodação

16:00h- *Design Museum*, caminhada pela *Tower Bridge* and *London Bridge*

DIA 3) Sábado, 12 de fevereiro

Manhã/// 10:00h *Victoria & Albert Museum*

Tarde/// 15:00h *Natural History Museum*

17:00h *Tate Modern*

DIA 4) Domingo, 13 de fevereiro

Manhã/// 10:00h *British Museum*

Tarde/// *Spitalfields Market*

DIA 5) Segunda feira, 14 de fevereiro Manhã/// 10:00h *National Gallery* Noite///
Camden Town Market

DIA 6) Terça feira, 15 de fevereiro

Manhã/// 10:00h *Pollock's Toy Museum*

Tarde /// 13:00h *Tate British*

Noite/// *Portobello Road Market*

DIA 7) Quarta feira, 16 de fevereiro

Manhã/// 10:00h *Saatchi Gallery*

Tarde /// 13:00h lojas: *Harrods, Harvey Nichols, Anthropologie, Selfrieds*

Noite/// *Portobello Road Market*

PARIS

DIA 1) Sexta-feira, 18 de fevereiro

Tarde/// 12:30 13:30h - chegada em Paris - *Hotel Comfort Inn*

Mouffetard / Quartier Latin

14:00h - almoço

16:00h - visão panorâmica da cidade do alto da *Tour Eiffel*

Noite/// 18:00h - visão noturna da cidade através de passeio no rio Sena pelo

Bateau Mouche

DIA 2) Sábado, 19 de fevereiro

Manhã/// *Musée du Louvre*

Tarde/// 13:00h - almoço

14:00 - cont. *Musée du Louvre*

Noite/// 21:00h - reunião ou noite livre

DIA 3) Domingo, 20 de fevereiro

Manhã/// 10:00h - *Musée Rodin*

Tarde/// 12:00h almoço

15:30h - *Musée Picasso*

Noite/// 21:00h - reunião ou noite livre

DIA 4) Segunda-feira, 21 de fevereiro

Manhã/// 10:00h - *Cathédrale Notre Dame de Paris*

Tarde/// 12:30 - almoço

14:00 - *Centre Pompidou*

Noite/// 21:00h - reunião ou noite livre

DIA 5) Terça-feira, 22 de fevereiro

Manhã/// 9:00 h - bairro *Montmartre / La Basilique de Sacre Coeur*

Tarde/// 12:00h - almoço

14:00h - escritório

16:00h - *Institut du Monde Arabe*

Noite/// 21:00h - reunião ou noite livre

DIA 6) Quinta-feira, 24 de fevereiro

Manhã/// 9:00 h - *Musée de L'Orangerie*

11:00 h - *Musée d'Orsay*

Tarde /// 13:00h - almoço

14:00 - cont. *Musée d'Orsay*

16:30h - passeio a partir do *Arc de Triomphe*, através dos *Champs*

Elysées ao *Jardin des Tuileries*

Noite/// 21:00h - reunião ou noite livre

DIA 7) Sexta-feira, 25 de fevereiro

Manhã/// 10:00h - *Jardin du Luxembourg*

Tarde /// 12:00h - almoço

Tarde/// 14:00h - livre - opcional: *La Grande Epicerie / Bon Marché*

17:00h - traslado para o Aéroport Paris-Charles de Gaulle

VÔO - TAM 8055 - 25 FEB - PARIS / RIO - 21:00

DIA 8) Sábado, 26 de fevereiro

Manhã/// 4:55h - chegada ao Rio, Aeroporto Internacional do Galeão / Antonio

Carlos Jobim

O destaque desta viagem, foi que sua intensidade permitiu que visitássemos 18 museus em 14 dias. Apesar disso, andávamos muito a pé e a Europa nos pareceu menos acelerada que os EUA.

6ª EDIÇÃO, EUA: *New York*, Julho 2011

Professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Amador de Carvalho Perez

Nº alunos: 16

Aqui vale o comentário de que, pela primeira vez, fizemos este roteiro para NY no verão. Estava muito quente, a cidade muito mais cheia do que no inverno, houve colapso no sistema elétrico do hotel, o que deixou alguns dos quartos do nosso grupo, inclusive o meu, sem ar condicionado (!!!). Muitas filas em toda a parte, e a irritabilidade das pessoas era visível.

Outra novidade desta edição, foi o fato de termos levado pela primeira vez uma aluna bolsista. Como tivemos um grupo grande, percebi que havia chances dele suportar a presença de uma bolsista. Esta ideia foi mediatamente apoiada pelo DAD e Danielle da Silva, filha de uma manicure, que talvez não pudesse

acompanhar o grupo de outra forma, foi conosco para NY. Ela teve que providenciar passaporte, e para a obtenção de seu visto junto ao Consulado Americano, o prof. Augusto Sampaio, nosso Vice-Reitor Comunitário redigiu uma carta apresentando a situação e apoiando esta concessão, uma vez que sua família não dispunha de declaração de IR (imposto de renda), que é uma das exigências americanas.

Funcionou muito bem e Danielle expressou muita gratidão a mim, ao Amador e ao grupo. Na volta da viagem, me presenteou com um porta retrato contendo uma foto de todo o grupo, um DVD com as fotos que tirou na viagem, um diário onde comenta como viveu cada detalhe da viagem e um bilhete carinhoso.

Esta é uma oportunidade que gostaria de voltar a acessar quando possível. Depois dela, muitas outras pessoas escreveram solicitando bolsas, a cada novo programa oferecido. Mas, infelizmente, ainda não aconteceu de novo

7ª EDIÇÃO, Rússia: Moscou e Saint Petersburg, Janeiro/Fevereiro 2012

professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Irina Aragão dos Santos

Nº alunos: 9

MOSCOU

DIA 1) Terça feira, 24 de janeiro

Noite /// Embarque Rio – Dubai, encontro aeroporto internacional Tom Jobim

Emirates Airlines, voo 248

Recebemos passaportes com visto no aeroporto na última hora,

Igor e Joana tiveram suas bagagens revistadas no check-in.

DIA 2) Quarta feira, 25 de janeiro

tarde /// chegada a Dubai, 15:00h (viagem Moscou 9:35h- Emirates Airlines 133)

Noite/// transfer + Acomodação= Hotel Aquamarine

Jantar no restaurante Elki Palki

DIA 3) Quinta feira, 26 de janeiro

Manhã /// 9:00h – saída para Praça Vermelha + GUM + Catedral de São Basílio
(até 14:00h) + Museu Pushkin (impressionistas e outros)

20:00h - Jantar

DIA 4) Sexta feira, 27 de janeiro

Manhã /// 9:00h saída para Galeria Tretyakov – modernos (construtivistas e outros)

Tarde /// 15:00h Museu Maiakovski

DIA 5) Sábado, 28 de janeiro

Manhã /// saída às 8:00h- Sightseeing pela cidade (4 horas) + Fundo do diamante

Tarde///14:30h Kremlin

Noite/// Boite Solianka

DIA 6) Domingo, 29 de janeiro

Manhã /// 9:00h saída para Parque Ismailov

Tarde/// Tour pelas estações de metrô

DIA 7) Segunda feira, 30 de janeiro

Manhã /// 10:00h- saída para Escola Strognov, visita às cátedras

Tarde/Noite/// teatro Stanislavski

DIA 8) Terça feira, 31 de janeiro

Manhã /// 10:00h – Saída para Galeria Tretyakov (russos)

DIA 9) Quarta feira, 01 de fevereiro

Manhã /// 9:00h – Museu Histórico

Tarde/// Almoço + Rua Arbat (Artesanato típico)

• Sugestões de atividades extras em Moscou:

patinação no gelo; concerto música clássica; Museu
das Artes Decorativas; Kolominsk.

DIA 10) Quinta feira, 02 de fevereiro

Manhã /// 9:00h – check-out + Viagem para San Petersburg

Tarde/// chegada 17:45h, acomodação + passeio pela Prospekt Nevsky

DIA 11) Sexta feira, 03 de fevereiro

Manhã /// 9:00h – Hermitage

DIA 12) Sábado, 04 de fevereiro

Manhã /// 9:00h – Museu de Arte Russa + St. Isaac + Palácio Iusupova

DIA 13) Domingo, 05 de fevereiro

Manhã /// 9:00h – Peterhof, casa de veraneio

DIA 14) Quarta feira, 08 de fevereiro

Noite/// 23:10h– saída para o Rio de Janeiro(Emirates Airlines 247)

Tarde/// 15:37h- Galeão

• Sugestões de atividades extras em Peter:

Museu das Artes Decorativas.

Um breve comentário apenas: enfrentamos nesta viagem temperaturas baixíssimas, chegando a 37 negativos...Mas, ainda assim, a viagem foi maravilhosa!

8ª EDIÇÃO, EUA: *New York*, Fevereiro 2013

Professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Liana Nigri

Nº alunos: 07

Foi com muito prazer que aqui, comecei uma parceria com minha ex-aluna Liana Nigri. Designer atuante, Liana mora em NY e conduziu o grupo junto comigo da melhor maneira possível. À medida em que íamos nos conhecendo melhor, a partir da intimidade que a convivência intensa proporciona, como sua professora, ia ficando cada vez mais orgulhosa da profissional em que ela se tornou. E, como parceira, só tenho a agradecer pelas incríveis contribuições que trouxe.

9ª edição, EUA - New York, Janeiro/Fevereiro 2014

Professores: Elizabeth Grandmasson Chaves e Liana Nigri

Nº alunos: 06

Esta edição da viagem que realizei no início de 2014 já teve uma participação muito mais madura da minha parte e um olhar bastante mais direcionado. Tratarei desta experiência em profundidade no capítulo a seguir.

4.8.5 Mais um recorte: difícil, mas necessário

Embora tenha começado meu mestrado no início de 2013, tudo o que vinha fazendo até ali era muito intuitivo e empírico. A viagem que fiz antes de minhas aulas começarem, em fevereiro de 2013, já recebeu de mim um olhar diferente. Mas, ainda assim, não sabia direito o que queria observar nem como fazê-lo. Entrevistei os alunos ao fim do programa, aproveitando uma viagem de trem que fizemos juntos, mantive comigo os cadernos de viagens que algumas alunas gentilmente me apresentaram, mas ainda não sabia exatamente que direção minha dissertação tomaria, como ou se os usaria.

À medida em que minhas aulas avançaram, passei a ler mais, a ver e conversar com colegas e professores e tudo foi se configurando melhor. Embora diante da riqueza impressionante dos cadernos, achei que o tema em si era tão rico que mereceria muito mais atenção. Não queria e nem poderia tratá-los com superficialidade.

Como pretendia explanar a experiência de forma mais ampla, não foi possível conciliar as duas coisas e tive que fazer uma escolha.

4.8.6 Diários gráficos

No entanto, é necessário abrir um espaço para falar, pelo menos um pouco, desse assunto. Eu mesma coleciono os cadernos que fiz em cada viagem, todos cheios de

informações e momentos memoráveis que tivemos. São mesmo verdadeiros diários que, longe de substituir os registros fotográficos, conseguem captar momentos em outras dimensões e transmitir esses dados de maneira especial.

Aproveito as reuniões que faço logo antes do embarque, onde o agente de viagens distribui os *vouchers* a todos, e, além de levar ao vivo alguns de meus cadernos usados nas edições passadas para mostrar, projeto um arquivo contendo alguns bons exemplos de cadernos de viagens ou sketch books para inspirá-los.

Ao mesmo tempo, entrego os cadernos que mando fazer exclusivamente para o grupo com o Cícero Pedrosa, nosso ex-aluno que montou uma marca de papelaria que leva seu nome. E, como também sou vítima do entusiasmo de ver páginas em branco esperando para serem escritas, desenhadas e compostas, compartilho desse mesmo sentimento que consigo ver nos olhos dos alunos, já super excitados com a proximidade da viagem.

De tanto falar em dicas, acabei construindo um pequeno texto, que costumo entregar ao grupo na última reunião que fazemos antes da partida. Reproduzo abaixo:

FINALIDADE DE UM CADERNO DE VIAGENS

Em geral, é comum que as pessoas montem um álbum com todas as fotos tiradas durante uma viagem. Mas, apesar dessa ser uma excelente forma de documentar uma experiência, este registro muitas vezes se torna incompleto e monótono. Um caderno de viagem pode ser um bom complemento, um registro de pensamentos particulares e do grupo, lembranças e experiências relacionadas com a viagem, e que funcionam para evitar que se percam certos detalhes (códigos do grupo, diálogos internos, impressões especiais, especificidades da cultura, minúcias compartilhadas, sensações, observações e etc...), além de ser uma forma especial de lembrar e mostrar depois.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DE UM BOM CADERNO DE VIAGEM:

- bom formato e orientação, leve, fácil de guardar, folhas e capa resistentes

ALGUMAS SUGESTÕES DE MATERIAL PARA O CADERNO DE VIAGEM:

- **algo do que se pode levar:**

-Canetas esferográficas de cores diferentes, lápis variados, canetas pilots coloridas, caneta marca-texto, corretor, Cola em bastão e cola plástica, Fitas adesivas, borracha, apontador, papéis decorados, pequena tesoura

- **algo do que se pode coletar:**

- revistas e/ou jornais (palavras, fotos, desenhos, texturas e etc...)

-folhetos, cartões de visita, bilhetes etc

ingressos, tickets de metrô, notas de compras, guardanapos, adesivos, pedaços de embalagens, adesivos e etc...

-Postais, fotos impressas

-Mapas, itinerários, e-mails...

-Pequenos objetos (Moedas, folhas, tags, fitas, cordas, etc...)

ALGUMAS SUGESTÕES DE “PAUTA“ PARA O CADERNO DE VIAGEM:

1. Registrar Metas e expectativas (antes e depois); **2.** Noções preconcebidas que se modificam **3.** Itinerário; **4.** Orçamento; **5.** Pensamentos pessoais e idéias que podem ser exploradas futuramente **6.** Observações, impressões; **7.** Atividades, histórias;

8. Listas (artistas, Designers, questões...) 9. Citações memoráveis, descrições de pessoas, lugares, obras...10. Sites e assuntos para pesquisar mais tarde

ALGUMAS DICAS PARA DESENVOLVER UM BOM CADERNO DE VIAGEM:

- O ideal é registrar as experiências enquanto acontecem ou logo que possível. Assim, as informações ainda estarão vivas e pulsantes, e isso traz “alma “para o projeto;
- Ter sempre à mão o caderno, ou pelo menos papel e caneta que podem ser transferidos ou colados no caderno principal depois;
- Todos os sentidos podem enriquecer as anotações - visão, audição, tato, olfato e paladar;
- Quando for adiar um registro no caderno, deixar espaço para cada dia ou programa... Ou, se preferir, anotar ao acaso, sem ordem cronológica. Ou, construir sua própria narrativa, a partir de definições e escolhas particulares;
- Não ser muito crítico consigo mesmo se acreditar que não saiba desenhar ou escrever bem... O que muitas vezes parece um erro pode ser o ponto de partida para um registro criativo e original. Gramática, pontuação e ortografia são importantes, mas não devem bloquear suas idéias naquele instante;
- Estabeleça conceitos e critérios que possam despertar futuros comentários, registros e intervenções;
- Seja criativo. Desenhe, escreva, descreva, cole, interfira no que está pronto...
- Troque de caderno com os amigos, peça que eles contribuam no seu e faça algo também no deles. Desenhos coletivos sempre funcionam muito bem.

Os cadernos de viagem são mesmo um dos pontos altos da experiência e merecem minimamente figurar aqui, ao menos como referência. A montagem fotográfica que fiz, demonstra alguns momentos deste objeto em uso e também partes de alguns dos resultados. Este universo é muitíssimo maior, mas, uma vez que não foi por este viés que construí minha dissertação, pelo menos vale aqui, o efeito ilustrativo.

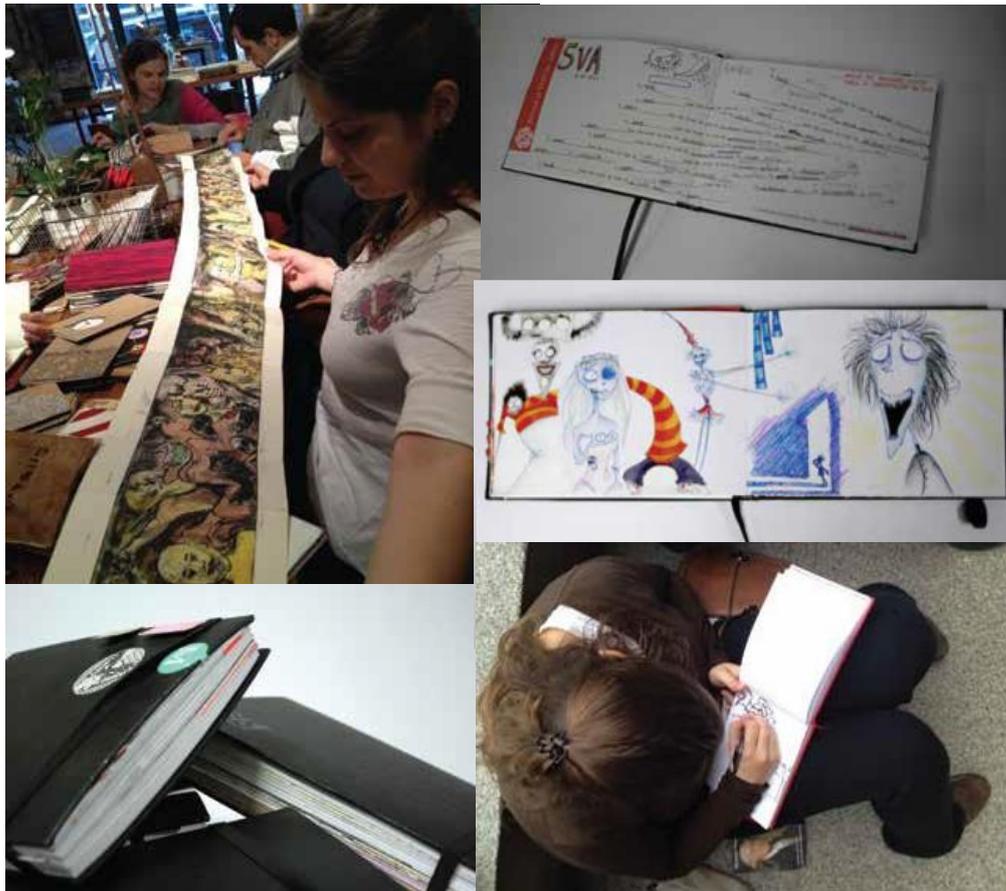


Figura 36: Alunos com alguns cadernos de viagens.

4.8.7

Comunicação da viagem e a divulgação das viagens

Gostaria de comentar e apresentar alguns exemplos de identidades visuais construídas para algumas edições da viagem. Como Designer no comando desta comunicação, escolhi atribuir a cada viagem uma identidade visual própria, sem que houvesse a preocupação de trabalhar com todas elas em conjunto, fato que está ocorrendo pela primeira vez aqui. O pensamento por trás disso fala sobre as

características únicas que cada viagem possui, independente de terem às vezes o mesmo destino.

Frequentemente empolgados por terem participado da edição anterior e, muitas vezes mantendo a proximidade comigo, muitas destas linguagens visuais foram criadas por alunos do curso ou estagiários do escritório modelo, que coordeno desde 2006. Depois de recebida a devida autorização da Vice Reitoria Comunitária, os cartazes, normalmente em formato A3, eram impressos e espalhados pelo campus, sempre próximos aos locais onde os alunos de Design frequentam. Ainda assim, alcançávamos algumas vezes alunos de outros cursos da universidade. A mesma imagem era aplicada a e-flyers disparados aos emails da lista de alunos do curso e colocada nas assinaturas do email Designnoexterior@gmail.com, criado especialmente para a comunicação com os alunos das viagens.

Alguns exemplos: 6 dos 10 cartazes criados:



Figura 37 Alguns cartazes com todos os destinos oferecidos até a 9ª edição do programa

É sempre muito bom poder contar com os recursos do Design gráfico para estabelecer uma comunicação de alto nível com o público alvo. Mais ainda quando se pretende divulgar um programa voltado para o próprio Design.

Como comentado anteriormente, a troca é uma das dimensões que mais me fascina no processo de ensino e aprendizagem. Durante estas vivências internas, elas ocorreram em vários níveis e foram tão ricas que merecem um capítulo especial.

5 As trocas

5.1 Com os professores

À medida em que minha investigação avançava, ia se configurando em mim, a enorme vontade de conversar melhor com meus parceiros, professores com quem dividi estas incríveis experiências do programa “Design no Exterior”.

Isto certamente me fez entender bastante sobre todo o processo quando temos agora, distanciamento suficiente da experiência para falar dela. Podem ser diferentes algumas vezes e em algumas outras semelhantes aos meus, mas, conhecer melhor seus pontos de vista sobre aquilo que vivemos juntos, praticamente trouxe completude à minha percepção.

Por incrível que pareça, nunca havia feito isso antes, ou pelo menos não de maneira formal e exclusiva. Quando viajamos juntos, tudo é sempre tão corrido e entrecortado. Antes da viagem, todos muito ocupados, e me incluo aqui, e quando nos encontramos, tratamos logo de resolver objetiva e pontualmente algumas questões que podem estar impedindo o avanço do processo de planejamento das viagens. Podemos comentar, vez ou outra, o quanto esta ou aquela atividade será interessante, mas há sempre muito a resolver e organizar.

Durante as viagens então, nem se fala. Andamos tanto, falamos tanto, temos o tempo tão escalonado em compromissos, que o que conseguimos normalmente é,

de vez em quando trocar alguma ideia sobre algo que aconteceu, ou que vimos, ou fizemos. Estes são os verbos da viagem: os da ação.

Sem dúvida alguma, estou experimentando um entendimento importante da experiência, a partir de toda esta imersão. De uns tempos para cá, o verbo tem sido pensar, como era de se esperar encontrar no mestrado. Abrir este tempo para observar com cuidado a experiência sob vários ângulos e dimensões. Estudar sobre educação, Design, olhar para programas similares, escutar os alunos e também os professores me trouxe uma visão ampla e sensível deste trabalho. Até aqui, obtive grande conhecimento tácito e empírico através de 18 anos como professora e 8 viagens anteriores. Mas, foi através desta 9ª edição do programa e desta dissertação, que a investigação mais profunda aconteceu.

5.2. As parcerias

Durante as viagens, ocorreu um fenômeno muito simples, onde cada parceria experimentada conduziu a um olhar diferente, a um modo especial de vivenciar os programas. A minha personalidade somada à daqueles que me acompanharam produziu um resultado diferente a cada edição, fruto daquela sinergia em particular. Acredito que este efeito não seja exclusivo da viagem, mas certamente se dá sempre que uma dupla de professores ministra em consenso alguma disciplina, ainda que em sala de aulas. O que há de novo aqui é entender que a experiência de fazer isso em viagem, potencializa as diferenças, resultando em um exercício bem delicado de respeito e flexibilidade, em nome da boa convivência e do trabalho em curso. Da mesma forma onde a convivência intensa impacta o grupo de alunos, também tem influência no relacionamento dos professores. Durante a viagem, na maior parte do tempo estamos vivenciando junto do grupo aquilo que planejamos antes, mas acontecem inúmeras situações onde precisamos decidir, deliberar e definir juntos sobre várias questões que se apresentam.

Privacidade é importante aqui, mas muitas vezes a comunicação não verbal, que cresce muito à medida em que nos conhecemos melhor, agiliza certos acordos que podem ser feitos de longe, quando não há espaço ou tempo para discussões. Um sinal ou um olhar pode nos colocar na direção certa bem rapidamente, deixando o assunto para ser discutido com calma mais tarde.

Aliás, a sensibilidade em “ler” o seu parceiro durante o tempo de programação ajuda muito. Em geral, depois da última atividade do dia, estamos exaustos, mas sempre que possível estaremos juntos não só para comentar sobre o dia que tivemos, mas também para definir as providências para o dia seguinte.

Existe mesmo um entendimento de que as viagens são capazes de aproximar e consolidar amizades, tanto quanto são de afastar de vez estas possibilidades. Tive muita sorte na escolha dos parceiros, professores a quem já tinha grande respeito e admiração, e com quem pude viver momentos certamente inesquecíveis. Algumas vezes, o que a viagem nos trouxe foi intimidade e cumplicidade, em outras o respeito ainda maior que o inicial, em face de um conhecimento melhor da pessoa. Mas, até aqui estamos falando sempre em um saldo muito positivo.

Gostaria de abrir espaço para citar a importante participação de minha ex-aluna Liana Nigri nas duas últimas edições do programa. Com mais de 10 anos de formada, Liana se tornou uma Designer muito requisitada, tendo se especializado em Design de estampas. Independente disso, teve importantes trabalhos realizados no campo da identidade visual e embalagens, atuando também como ilustradora e mais recentemente artista plástica. Liana e eu sempre mantivemos contato depois que ela deixou a PUC e acabou acontecendo esse nosso encontro de trabalho. Quando decidimos combinar nossa primeira viagem, uns 6 ou 7 meses antes. Liana estava se preparando para morar em NY. Ela foi, se estabeleceu e de lá foi me dando suporte para a montagem do programa. Embora o roteiro de NY estivesse bastante consolidado e muitos contatos já abertos por lá, a chegada de Liana trouxe importantes contribuições através de seus conhecimentos e ideias. Além disso, ela é uma pessoa de temperamento doce e agradável e fizemos uma bela dupla juntas.

Embora nunca tenha lecionado, Liana foi tão professora quanto eu durante nossas 2 temporadas. E, por isso teve também, o reconhecimento do grupo.

Muito atenta à todas as necessidades dos alunos e também a boas oportunidades para discussão, ela aprendeu rapidamente o espírito do programa. Infelizmente, para fins destas entrevistas que ora descrevo, não pude contar com a participação de Liana, pois ela ainda reside fora do Brasil. É claro que poderia ter feito as perguntas à distância, mas dentre 4 companheiros que tive nestas 9 experiências, poder conversar com 3 deles, acredito ser suficientemente representativo para minha pesquisa.

Muito embora tenhamos estabelecido, eu e Rita, 2 perguntas que seriam feitas e sobre as quais eles deveriam discorrer, na prática suas falas ficaram permeadas destas respostas todo o tempo. Também em muitos momentos, não consegui me manter no lugar de pesquisadora isenta e acabei entrando e participando um pouco destas conversas, ao mesmo tempo em que relembávamos, às vezes com prazer, algumas situações vividas.

Como gatilho, foram feitas as seguintes perguntas aos professores Luiza Novaes, Irina Aragão e Amador Perez, nesta ordem:

- 1) Você acha que a experiência destas viagens acadêmicas se diferenciam do sistema regular de ensino-aprendizagem em sala de aula? De que forma estas experiências impactaram a você como professor?

- 2) Você acredita que estas experiências sejam inovadoras e que têm potencial para se fixarem no cenário atual de ensino-aprendizagem?

Optei por levar para os apêndices (3) as entrevistas transcritas na íntegra e mantive no corpo desta dissertação as ênfases retiradas dos discursos, o diagrama visual que geraram e também algumas considerações posteriores, que faço depois de cada entrevista.

5.2.1. Professora Luiza Novaes

Gravação entrevista professora Luiza Novaes

Fizemos juntas as edições de 2006, 2007 e 2008 para Nova York

Em 19/11/14, na sala de reuniões do Laboratório de Pesquisa em Design, 7º andar

Mantendo a ideia da visualidade adotada anteriormente, passei a construir nova metodologia para representar o discurso da professora Luiza Novaes sobre as viagens de Design no Exterior PUC-Rio. As ênfases identificadas em sua fala foram distribuídas em relação ao tempo (antes/durante/depois), e demonstraram algumas interseções que foram ilustradas. Também em relação aos agentes (professores e alunos), os elementos foram dissolvidos em propostas, oportunidades e postura para os 2 grupos. O cenário que influenciava cada público foi também considerado.

Para Luiza, o potencial da viagem acontece na interseção entre seu planejamento e a realização propriamente dita do programa e seu impacto é de transformação. Os efeitos da viagem continuam latentes, perpassando toda a sua formação durante o curso de graduação e até mesmo para suas carreiras profissionais. Segundo ela também, os impactos desta experiência se manifestam nos dois agentes, alunos e professores, independentemente da questão hierárquica e de condução do programa. Ambos saem transformados desta vivência e E, atribui a questão da inovação ao pensamento que produz esta experiência, estendendo suas características para outras propostas que possam romper o espaço físico da sala de aula convencional, trazer entusiasmo para o grupo e estreitar a relação entre alunos e mestres.

Ênfases discurso Luiza

relação entre o planejamento e a viagem/fronteiras estão sendo rompidas irradiar este momento de ensino/formação/atitude participativa/oportunidade para o

próprio aluno se manifestar/volta pra sala de aula / aprender/ aprimorar/ identificar diferenças/ambiente/mistura, ponto de equilíbrio/ propósito acadêmico/tempo transformando conhecimento/ pensamento inovador que pode se concretizar em formatos diferentes comparando/valorização/observando/ dimensão de troca com os professores aproximação/deslocamento/universo novo/limites liberados/não tem essa consciência/sonho/pós-graduação/possível/ ver de perto.

5.2.2 Diagrama Luiza Novaes

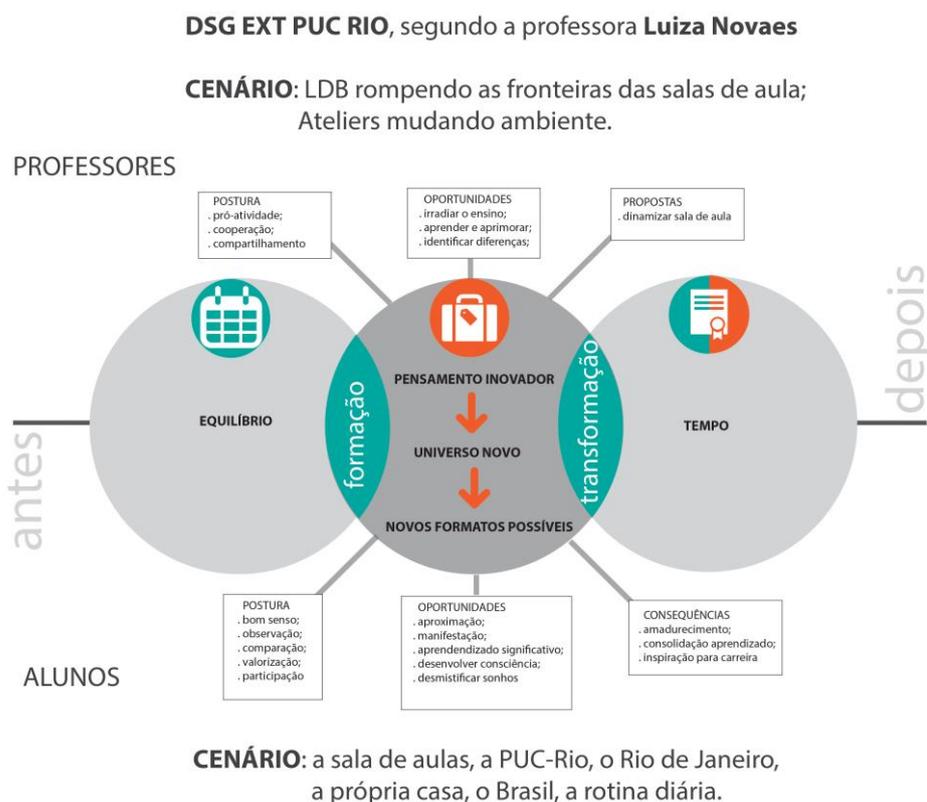


Figura 38: Diagrama meu sobre a entrevista com a professora Luia Novaes.

5.2.3 Professora Irina Aragão

Gravação entrevista professora IRINA ARAGÃO

Fizemos juntas a edição de 2012 para Rússia, Moscou e São Petersburgo
Em 27/11/14, na minha sala do Escritório Modelo de Design PUC-Rio

Ênfases discurso Irina

Autenticidade/ aura/ ambiente/ museografia/ descontração/ comportar Impacta professor/ emocionado emocionar/sala de aula/ o cara/ sequencia contexto/ sentido/ processo/ valoração, o significado, o sentido/arte e sociedade percepção, aceitação/sociedade se relaciona/maturidade e bagagem/fator tempo/ seleção/ maturidade/ presente/ emoção/ troca/ perguntas/ conhecimento aprendido/ vivenciar/ deslocamento / movimento/frio/menos passivos zoeira/distância/outra postura/ 14 horas pra você atravessar/preconceito ver de outra maneira/ oportunidades/não estão sensíveis/ improviso/ valorizar mais do que rotina/instigante/ desafio/ viagem/ objeto/ lado humano vínculos/ sagrado/de lazer/presença/importância de estar ali/criar uma cultura

5.2.4

Diagrama Irina Aragão

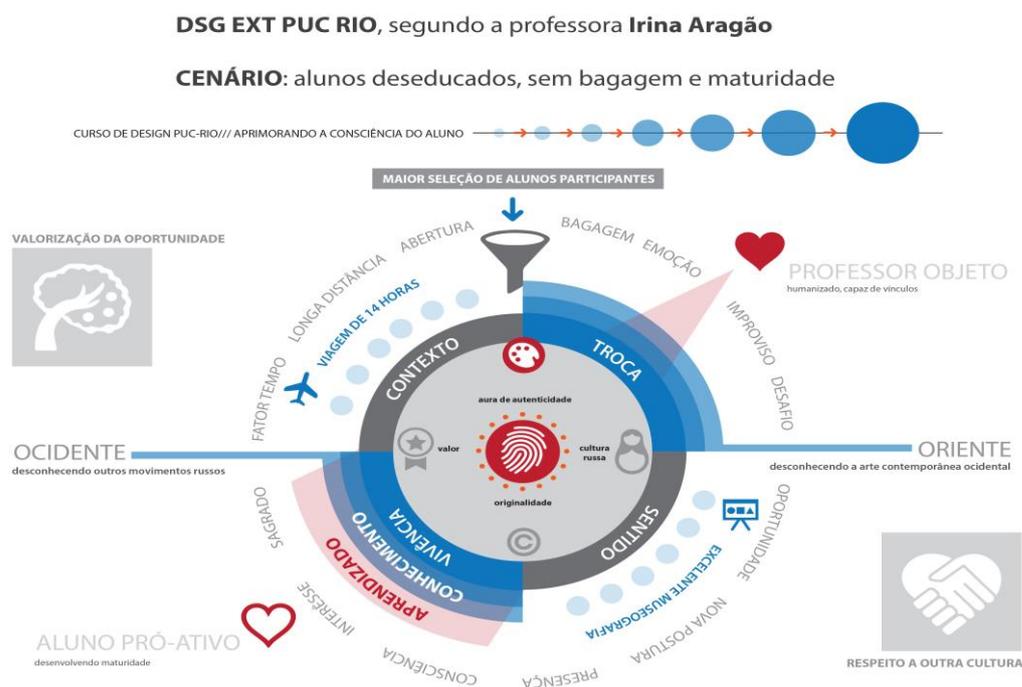


Figura 39: Diagrama meu sobre a entrevista da professora Irina Aragão

5.2.5

Professor Amador Perez

Gravação entrevista professor AMADOR PEREZ

Fizemos juntos 3 edições: de 2010 para New York, 2011 para Europa

(Londres e Paris) e julho de 2011 para New York Em 03/12/14, no Café da Livraria Travessa do Shopping Leblon

O curioso é que a última frase que ele falou definiu bastante da metodologia que precisei empregar para a construção do diagrama. Depois de 40 minutos de conversa, ele disse:

“ Pronto. Eu falo muito entrecortado. Eu vou e volto. Agora, te vira!”

É... Precisei me virar mesmo. Pensar sobre o que disse Amador, ou melhor, visualizar seu discurso, me levou a refletir sobre o que são as citações... São frases inteiras que expressam um pensamento de forma original e interessante, que merecem ser lembradas e que não devem ser cortadas.

Usar a metodologia adotada para trazer visualidade às outras entrevistas me colocou diante de uma dificuldade específica no caso do Amador.. As ênfases aqui não eram mais as palavras, e sim frases inteiras que não podiam ser editadas. E isto é tão interessante quanto observar a diferença entre cada um de nós. O que é possível em um caso não necessariamente o é em outro, o que nos leva a adaptar e flexibilizar todo o tempo. Até em relação à condução de todas estas edições da viagem “Design no exterior”, como já pude concluir anteriormente, cada viagem acaba se tornando bem diferente uma da outra, na medida em que depende do “tom” de sua condução. Embora eu fosse o elemento comum em todas as edições, ainda assim os resultados eram sempre diferentes, pois não importava apenas o destino e a programação planejada, nem mesmo a personalidade individual de cada professor, mas sempre da energia conjunta da dupla que as idealizou e conduziu.

Assim, também a metodologia teve que sofrer aqui alguns ajustes, de forma a traduzir visualmente o pensamento deste sensível artista plástico, colega, professor e amigo. Tentei extrair e isolar todos os destaques do seu discurso para então selecioná-los e agrupá-los em áreas afins para definir seu pensamento a respeito dos vários temas sobre os quais falou. Para cada tema, foi possível indicar algumas palavras-chave ou verbos que se sobressaíam nos conjuntos. Afinal, isto é Design

Ênfases discurso Amador

Palavras:

presente/ vontade/ sair do circuito/ além muros/ Artes & Design/ sonho/ art nouveau & darsh Design/ frio/ divertir/ cultura/ processo / relacionamento/ liberdade/ obrigatoriedade interna/ livros desenhados /reavaliar/memória/ acervo genial/ leitura de imagens/ dispersão/ reflexão/ maturidade/ experiência/ fundamental / democratizar/ artistas Designers/ coragem/ arte urbana/ graffiti / eleger / impulsionar / valor /

Conceitos:

Crítica e reflexão / campo afetivo, pessoal e profissional /dentro do Brasil, mais viável, economicamente= mais chance/ estímulo a novos planos/ cumpre o trabalho de educadores/ momentos transformadores / disponibilidade interna e de tempo/ afeto, olhar interessado e escuta/ reunião de 24 horas / olhar sem ser através da câmera/ estar presente/ visita às lojas específicas / comprar é fundamental/ leve, carinhosa, verdadeira / a cara e a coragem / filtro cultural/ ramificações e consequências dessa experiência / tipos humanos, comportamentos e solidões / um verdadeiro tesouro

Citações:

“ Foi emocionalmente cultural e culturalmente emocionante.”

Acho fundamental no ensino, relacionar os dois campos: o da arte e o do Design”todo o início desse processo veio dessa relação, é só lembrar do William Morris, que queria levar beleza para todos os lares.”

“Nova York eu acho sempre fundamental, porque é cosmopolita. A cidade da ponta, que indica o que está acontecendo no mundo, inclusive o que está acontecendo no velho mundo.”

Então, tudo isso foi um processo de amadurecimento, não só da nossa relação pessoal, mas também da nossa relação como profissionais da área do ensino.”

“...no sentido de conhecer melhor o aluno e sua estrutura familiar, através do reflexo da conduta dele durante a viagem...”

“E a gente driblando a dificuldade de não impedir o fluxo do próprio museu diante determinadas obras, enfim... apesar das dificuldades, nada disso impediu a gente.”

“Estou falando de coisas muito pontuais, mas que somadas revelam a importância deste projeto.”

“O Design foi criado também a partir de uma necessidade de se chegar ao belo, de se conviver com o belo.”

Artistas Designers. Você via sem saber o que era arte e o que era Design...”

Em Inhotim eu acho que podemos estabelecer conexões que vão trazer para nós professores e para cada aluno, uma possibilidade de enxergar a sua atuação como Designers em formação.”

“Imagine esta carga de informação, esta carga cultural, essa visão sobre Design e arte que ele está conduzindo, que ele está carregando, levando para a vida dele e para o trabalho dele. Ativo, como um Designer.”

“Que é uma grande experiência para nós inclusive e principalmente. E nunca é a mesma, vamos combinar. A experiência é sempre diversa.”

“Durante todo o trabalho a gente se aproxima e fica perto deles. A gente fica tão perto, que chega a criar uma coisa quase familiar.”

“...essa escuta que vem dos ouvidos, mas vem também da mente e do coração,”

“Momentos sérios, densos e profundos ou emoção mesmo na frente da obra.”

“Vivenciando, passando por, entrando por, vendo a tradição ao lado da modernidade, ou melhor, da contemporaneidade.”

“Eu acho uma experiência vital no que concerne à questão cultural, a questão específica do Design, a questão específica da arte.”

“À nível de experiência de vida, e isso eles levam para a vida toda e reflete certamente

na profissão, se eles cumprirem o ofício. Porque, mesmo que não cumpram, vai se refletir na educação dos próprios filhos, se os tiverem, lá na frente, entendeu? É a roda da vida, esse é o grande barato.”

“...mas os alunos trouxeram isso para minha vida. Uso isso na aula hoje,”

“Aquilo não é só Design ou arte, no melhor sentido. Aquilo é a fusão perfeita, aquilo é tudo.”

“Aquela entrada nossa dentro da obra do Richard Serra aquilo foi arrepiante.”

Ali, ninguém tinha idade, ninguém era professor ou aluno, éramos todos seres Humanos totalmente contaminados pela força da criação. Essa força não é só do Design, da arte ou da arquitetura. É tudo junto e misturado.”

“Isso vale milhares de pontos para quem está no processo de formação.”

“O Design está em tudo.”

É tudo e mais alguma coisa. Estou falando agora e estou revivendo tudo isso...Imagina essa meninada toda!”

“Que a viagem é o resultado final de um processo e vai inaugurar um outro processo, que é o objetivo do projeto.”

“Uma matéria, que cria uma possibilidade futura de extravasar, de expressar essa matéria, transformada através do filtro cultural de cada um, de transformar esta experiência em projeto. Em projetos pessoais, dentro e a partir do que é proposto pelo próprio currículo do Departamento. Essas são as ramificações e consequências dessa experiência.”

5.2.6

Diagrama discurso Amador Perez

5.3 Com os alunos

5.3.1 Grupo Focal com os Alunos Participantes

Grupo focal com representantes de todas as edições do programa

GRUPO FOCAL REALIZADO EM 17/09/2014

PUC-Rio, Laboratórios de Estudos em Design, 7º andar

Independente deste encontro poder trazer algumas respostas para minha dissertação, esta é uma situação interessante. Poder ter reunidos, a um só tempo alunos representantes de várias edições do programa já é um feito. Estamos vivendo um momento onde cada um tem a sua vida e seus compromissos, o trânsito pela cidade está bem dificultado por centenas de obras, e tudo isso me faz sentir muita gratidão pela pronta resposta dos alunos convidados. Acho que bem lá no fundo, sempre pensei em reunir todos eles em uma grande festa para que pudéssemos juntos lembrar do que vivemos naquelas viagens. Mas, acabou que este plano nunca teve a chance de ser levado adiante e, de alguma forma, sinto agora um pouco desta emoção. Sei que esta é uma ocasião de trabalho e que espero levar daqui alguns resultados, mas mesmo assim é um prazer estar com o grupo. Como já tenho dito anteriormente, essas viagens nos fazem ficar muito juntos por algum tempo e, os laços são mesmo inevitáveis.

5.3.2 Selecionando o grupo

Bem, foi preciso estabelecer alguns critérios para esta seleção. Olhei para a lista geral de alunos e o primeiro ponto foi assinalar aqueles com quem tenho ainda contato, ou sei que estão no Rio de Janeiro, ou sei que gostariam de participar. Em seguida, pensei também em distribuir por todas (ou quase todas) as edições da viagem “Design no Exterior”, e também pelo sexo. Acho que, como no curso de Design PUC-Rio, apesar de termos sempre levado mais meninas do que meninos, para o grupo focal, me preocupei em distribuir esta participação da forma mais harmoniosa possível. Representando o grupo de 2006, da primeira viagem, estavam Igor Benchimol e Luiz Guilherme Santos, o Big. Outro participante desta mesma viagem, com quem me encontrei recentemente e também tentou participar, mas foi impedido por uma reunião marcada no mesmo horário, foi Paulo Gustavo Italianni. Considerando que este grupo era de 5 alunos, ter 3 deles juntos seria uma participação maior que 50% do total... Nada mal. Temendo que o grupo ficasse muito grande, recorri a alguns alunos que haviam participado de mais de uma edição. Esse foi o caso dos irmãos Massotti. São três irmãos e todos alunos do curso de Design. Mariana, a Muitos desses alunos acabam desenvolvendo comigo uma relação mais estreita, muitos se tornaram estagiários do escritório modelo, coordenados por mim, ou aqueles que me procuram de vez em quando para contar o que andam fazendo, conversar um pouco ou buscar algum aconselhamento experiente. Desta forma, acredito ter conseguido montar um grupo que contemplasse todos estes quesitos mencionados. Eram ao todo, 13 alunos.

Representando o grupo de 2006, da primeira viagem, estavam Igor Benchimol e Luiz Guilherme Santos, o Big. Outro participante desta mesma

viagem, com quem me encontrei recentemente e também tentou participar, mas foi impedido por uma reunião marcada no mesmo horário, foi Paulo Gustavo Italianni. Considerando que este grupo era de 5 alunos, ter 3 deles juntos seria uma participação maior que 50% do total... Nada mal. Temendo que o grupo ficasse muito grande, recorri a alguns alunos que haviam participado de mais de uma edição. Esse foi o caso dos irmãos Massotti. São três irmãos e todos alunos do curso de Design. Mariana, a mais velha, Fernanda, a do meio, e o caçula André, participaram de viagens para Nova York, Paris, Londres e Rússia. As duas meninas estiveram neste encontro, já que André estava em viagem de intercâmbio e por este motivo não pode participar. O grupo de NY 2007 estava representado por Patricia Freire (Tucha) e Marcela Espirito Santo. Mario Martinho e Marina Siritto viajaram comigo e Amador em 2011 para a Europa e a ex-aluna Joana Garcia para a Rússia. Da penúltima viagem para NY, em 2014, estiveram Melissa Jordan, a Mel, e Ana Victoria Fett, a Vicky. Do último grupo, de 2015, recebemos Davison Coutinho e Mariana Santos.

Tive a ideia de preparar algumas atividade “quebra gelo” para integrá-los, transportá-los de volta no tempo e disparar a reunião. Inicialmente o encontro foi marcado com mais de 2 meses de antecedência, confirmado a cerca de 15 dias do evento e reconfirmado 2 dias antes. Meu primeiro contato com eles se deu pelo Facebook ou pelos telefones celulares e, perto do dia 17 de setembro criei um grupo no Watsaap e os mantive informados por ali. Na hora marcada, 18:00h, foram chegando pouco a pouco e os recebi com um pequeno lanche. Essa hora pode ser de intervalo entre refeições e gostaria que estivessem bem à vontade para o encontro, sem fome, sede ou nenhum outro desconforto. Recebê-los assim, foi também uma oportunidade para relaxar e colocá-los em contato. Também pelo Watsaap fui monitorando e acompanhando a chegada de todos. Cerca de 20 ou 30 minutos mais tarde, fomos nos organizando em volta da mesa que eu e minhas orientadoras preparamos. Também já estava instalada e ligada a câmera de filmagem, reservada no laboratório de fotografia um mês antes. Tudo pronto então, podemos começar.



Figura 41: Reunião de grupo focal com participantes de diferentes viagens, orientadoras presentes.

Instruída por minhas orientadoras, antes de mais nada, situei o grupo em relação ao meu trabalho. Embora já os tivesse informado no momento dos convites, achei interessante situar o contexto antes de começarmos a trabalhar. Dei as boas vindas ao capítulo 5 de minha dissertação. Havia preparado um “slide-show” com muitas fotos, naturalmente tomando o cuidado de selecionar todas as viagens que aqueles alunos fizeram, e na medida do possível também fotos em que eles aparecessem. Achei que desta forma conseguiria botar a todos no “clima” desejado e manter suas memórias acionadas para o que gostaríamos de conversar. Funcionou. À medida em que as fotos iam se apresentando, todos tinham um comentário a fazer como “Lembra?”, “Ah, isso foi demais!”, ou mesmo comentar alguma coisa com quem estava do lado enquanto davam boas risadas.

Apesar de muito envolvida com todo aquele clima que eu mesma criei, sob recomendação das orientadoras, fiquei bem calada, permitindo que a conversa fluísse entre eles, a partir de uma pergunta que disparou todo o processo: Qual a diferença de receber conteúdos ao vivo ou em sala de aula? No geral, o que obtivemos foram várias opiniões sobre diferentes aspectos da mesma experiência. Não houve um encadeamento de conclusões e sim um somatório de aspectos reportados, através do olhar de cada participante. Não aconteceram críticas especificamente, alguns trouxeram sugestões, mas todos os participantes abordaram aspectos que consideraram relevantes de suas experiências pessoais. Cada aspecto comentado por um, em geral desencadeava comentários semelhantes de outros participantes. Tipo: “comigo foi assim também!” ou “Nós também adoramos tal coisa...”. Pelo exposto, no lugar da simples reprodução da conversa gravada, preferi apontar as principais questões levantadas pelo grupo e transformá-las em um diagrama organizado em tópicos e com algumas citações deles em alguns casos.

5.3.3. O que ficou

A reunião transcorreu em grande harmonia e o grupo foi de condução fácil e tranquila. Houve grande espírito de confraternização embora muitos dos componentes nem se conhecessem.

No geral, percebo que o retorno foi bastante positivo. Foi realmente emocionante ver ali vários alunos queridos, alguns deles que participaram da primeira viagem, há 8 anos atrás. Cresceram, se graduaram e agora atuam no mercado profissional de Design. Outros ainda estão estudando, mas naquele encontro eles ficaram iguais.

Todos entusiasmados, relembro suas experiências, umas mais recentes do que outras, mas todas com grande significância em comum. Senti que o valor desta vivência é realmente grande, senti que ele aparentemente perdurará para sempre, marcando a todos como uma importante etapa de suas formações. E, como o ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla, me senti à vontade para me emocionar relembro o que vivemos juntos. Mas também, não pude evitar de sentir aquela adorável sensação de que tive relevante participação em suas formações como alunos e pessoas

A vida é realmente uma enorme troca e acho que este programa cria um cenário ideal para que o que se passa ali, seja guardado com muito carinho e admiração

5.3.4 Diagrama grupo focal

Me sinto também feliz e realizada como professora, entendendo que o programa que um dia era apenas um desejo em minha mente, se concretizou e já

pode me devolver efeitos e testemunhos vivos de sua importância. E, sem poder deixar de mencionar, como designer, visualizo novas e promissoras oportunidades a partir daqui. Como mencionado, e pela natureza dos resultados alcançados, segue diagrama que reúne pensamentos do grupo acerca de alguns pontos:



Figura 42: Diagrama meu sobre o grupo focal

6 Uma investigação

Design no Exterior, NY, 2014. Sem a menor dúvida, esta edição de número 9, foi a minha viagem mais registrada e documentada. Certamente em função da motivação que a investigação do mestrado me trouxe, desta vez construí um diário de viagem bastante completo. Me utilizei do caderno de viagem que foi confeccionado para o grupo e nele, além de desenhos e das composições visuais feitas com material gráfico coletado durante o programa, fiz também muitas anotações sobre tudo o que acontecia de relevante, a princípio, em qualquer aspecto.

Durante a viagem, meu entusiasmo em registrar era grande, por isso trabalhei sem filtros ou censura. Tudo o que acontecia, pensamentos que me ocorriam a partir dos fatos do dia a dia, observações sobre algum programa em especial, reflexões sobre a minha carreira docente ou mesmo curiosidades foram escritas e colecionadas dia após dia. Como resultado, um caderno de 144 páginas, totalmente completo. Esta foi a primeira vez que completei inteiramente um caderno durante uma só viagem.

6.1 Em busca de síntese

De volta ao Brasil, o primeiro trabalho foi transcrever todo aquele conteúdo para um programa de edição de texto, o que resultou em mais de 30 páginas A4. Ao mostrar este material para minhas orientadoras, inicialmente veio a sugestão de enxertar mais reflexões sobre a questão do ensino-aprendizagem, a cada vez que isto se mostrasse relevante

Isto feito, concluímos que o material estava detalhado demais e que deveria se apresentar como apêndice (1) de minha dissertação. Mas, ao mesmo tempo, era preciso achar uma forma de apresentar este conteúdo levantado, tão importante

para minhas conclusões seguintes. Rita me sugeriu neste ponto, construir uma tabela, onde os principais eventos de impacto acadêmico direto seriam registrados, livres dos detalhes que o diário continha.

Passei a trabalhar então na confecção de uma tabela que continha data, o dia do programa, o local onde se deu o fato a ser apresentado, a passagem particular daquele evento e o destaque/oportunidade pedagógica identificada naquela ocasião. Desta forma mais sintética, foi possível enriquecer a visualização e pude incluir fotos, que ilustram o que está sendo mencionado.

A questão aqui é que existem dias onde existem muitos destaques e, este novo material, ainda que editado pela relevância, ficou com 40 páginas. Gostaria de poder alcançar maior síntese.

Desta forma, comecei a pensar que também esta tabela deveria figurar como apêndice (2) de minha dissertação, para não sobrecarregar o original. No entanto, achei relevante demonstrar com o exemplo de um dia de viagem, conforme a imagem a seguir.

DESIGN NO EXTERIOR | NY 2014 | 22 jan a 04 fev

LOCAL	PASSAGEM	IMAGEM	DESTAQUE / OPORTUNIDADE PEDAGÓGICA
AEROPORTO TOM JOBIM	embasque		<p>FORMAÇÃO DO GRUPO Embora tenham se conhecido nas reuniões que fizemos para apresentar e preparar a viagem, é aqui que o grupo começa a se integrar ao compartilhar as mesmas expectativas.</p> <p>INSTANTES Propus a criação de um grupo no Instagram chamado designnoexterior2014, onde todos deveriam postar fotos que considerassem representativas da viagem.</p>
TRAJETO ENTRE AEROPORTO E HOTEL NYMA	transfer		<p>OBSERVAÇÃO O trânsito estava péssimo e/ou as pessoas estavam dirigindo com muita cautela por causa da neve e do gelo, mas o fato é que levamos 2 horas até o Hotel NYMA, que fica na 32st com a 6ª Av. Durante o trajeto, já pudemos vir observando detalhes da arquitetura, coerência formal e de material que há na cidade, vegetação, sinalização e mobiliário urbano, etc.</p>
HOTEL + RESTAURANTE PERTO	acomodação + almoço		<p>FRIO Chegamos cedo e recebemos apenas um quarto por enquanto, que ficou tomado pelo volume de nossas bagagens. Todos fizeram pequenos ajustes de figurino, como acrescentar camadas para se proteger do frio, trocar sapatos e usar o toliete.</p> <p>IDIOMA Percebi que uma das alunas não falava inglês; ela acreditou ter pedido um chesseburger e recebeu um omelete. Esse fato me botou refletindo sobre se falar inglês devesse ser um pré-requisito para as viagens. Já tivemos alunos que não falavam o idioma antes, tranquilamente suportados pelo grupo.</p>

DIA 0

DIA 1

DIA 1

Figura 43: Tabela sobre um dia de viagem

6.2 Surge uma metodologia

Neste ponto, depois de tanto manusear o material, ele já tinha o que me dizer e, decidi dirigir um novo olhar para o trabalho. O que se destacou em primeiro lugar, foram aquelas atividades ou definições que implicaram em desdobramentos futuros. Estas inclusive me levaram a fazer pequenas marcas na tabela, para que pudesse mais tarde voltar a elas sem demora. Mas, à medida em que estava preparando o trabalho, percebi que alguns outros padrões de observação também se repetiam, e que poderia mapear estas ocorrências para poder explorar e conhecer melhor aqueles resultados. Acabei percebendo que seria interessante também, trazer visualidade a estes dados, facilitando sua percepção e entendimento. Ainda de forma intuitiva, mas certamente encharcada por todo o relato da experiência, busquei enumerar os aspectos que serviriam para esta análise.

Me interessava a ocorrência de momentos onde a aprendizagem fosse significativa, estivesse potencializada por algum motivo, embora a aprendizagem em si estivesse dissolvida e presente em todo o tempo de programa. Da mesma forma, percebi que em vários momentos acontecem fatos que, em especial, colaboram para a formação e integração do grupo, e também, que este status contribui para um melhor aproveitamento do programa. Alguns fatos refletiam em atenção ao próximo planejamento, enquanto que outros apontavam para pequenos ajustes possíveis nas próximas edições. Ficaram também muito evidentes os momentos onde recebi reconhecimento e gratidão dos alunos, e não queria deixar de fora esta marca.

Outro aspecto observado nesta edição da viagem, foram algumas atividades novas, que estiveram pela primeira vez no programa e que mostraram o quanto puderam contribuir para o sucesso do mesmo. Por fim, impossível não mencionar as conexões que acontecem nesta rede onde alunos e ex-alunos se interligam entre si

e também comigo como ponto em comum entre eles e as oportunidades de ampliação que surgem a partir desta troca.

Mais uma vez observo minhas características aqui. É claro que acompanho desinteressadamente e com o maior carinho, alguns ex- alunos com quem tive mais afinidade, na mesma medida em que eles também se mantêm ligados à mim. Muitas atividades e visitas só foram possíveis a partir da contribuição destes ex- alunos, que agora protagonizam o cenário de Design contemporâneo, também no exterior. Acompanhar suas carreiras, além de muito prazeroso, traz benefícios diretos e abre muitas portas ao programa.

Foram exatamente meus interesses e observações que apontaram para as categorias a que cheguei e quando as enumerei, elas eram respectivamente:

- desdobramentos;
- aprendizagem;
- integração;
- planejamento;
- ajustes;
- afeto e reconhecimento;
- melhoramentos;
- conexões e acesso

Em seguida, aproveitei para desenhar e atribuir a cada uma das classes, alguns símbolos que pudessem facilitar ainda mais a visualização dos dados.

Ao olhar para as categorias mais detidamente, percebi o quanto elas eram complementares e ficou claro que uma parte delas seria da ordem da emoção, enquanto que outra, da ordem da razão. Automaticamente, atribuí cores frias e quentes a cada grupo. Assim, temos os seguintes marcadores:



Figura 44: Marcadores de Razão

Ao escolher as cores, entendi que este grupo das cores frias, poderia se subdividir em planejamento com desdobramento (verde), ambos inseridos em uma etapa anterior e articulada, e ajustes e melhoramentos (azul), marcando a observação de pontos críticos que se comprometem com futuros programas.



Figura 45: Marcadores de Emoção

Também aqui, as cores quentes se subdividem em dois sub-grupos, onde integração se associa à aprendizagem (laranja), na medida em que uma fortalece a outra e as conexões e acessos se aproximam dos indicadores de afeto e reconhecimento (vinho), uma vez que estas duas ocorrências dizem respeito ao relacionamento entre os professores e os alunos.

A observação prévia que posso fazer destes 2 grandes grupos (cada qual com seus 2 sub-grupos), é que os únicos que se aplicam a uma fase anterior à

viagem, seriam os quesitos planejamento e desdobramentos, mas, ainda assim eles também ocorrem espontaneamente durante o programa. Ainda no conjunto RAZÃO, os ajustes e melhoramentos podem até ocorrer na fase prévia, mas se dão principalmente ao tempo da experiência, como que numa validação dos 2 primeiros marcadores, planejamento e desdobramentos.

Automaticamente fui olhar para os 4 marcadores do conjunto EMOÇÃO a partir deste pensamento e percebi também que os dois primeiros, integração e aprendizagem se colocam como anteriores aos marcadores de conexões/aceessos e afeto/reconhecimento, pois os dois últimos ocorrem com mais importância a partir da consolidação da relação a professora e seus alunos.

Definida esta metodologia, usei como base a primeira tabela para construir uma outra, bem mais leve, onde estariam expostos os seguintes dados: dia, local/ evento (passagem), oportunidade e observação. Esta nova tabela, seria uma tradução bem rápida da anterior e naturalmente, complementar a ela. Os primeiros marcadores são iguais, para que se possa relacionar as informações, mas a presença dos símbolos demonstrando cada situação precisava ser acompanhada também de pequenas observações, que justificassem seu uso, identificando cada associação.

Ao correr todo o programa com este gabarito, foi possível chegar a uma solução bem clara da ocorrência de cada situação de análise.

6.2.1.

Tabela em símbolos do programa design no exterior 2014-NY

Nesta nova tabela aparecem os glifos e eles figuram entre as colunas de oportunidade e observação, exatamente demonstrando os motivos de cada um se aplicar a cada caso e circunstância em especial. A principal diferença aqui é a síntese, o que me possibilita reproduzi-la na íntegra no corpo da dissertação.

Ao examinar este novo trabalho, pude verificar que havia indicações bem mais claras e rápidas sobre alguns pontos relevantes da experiência. Vê-los juntos e consecutivos foi muito interessante e esclarecedor.

DIA	LOCAL	EVENTO	OPORTUNIDADE	OBSERVAÇÃO
14/01/14	PUC-RIO	última reunião	<ul style="list-style-type: none"> - instruções de viagem - mapas google 	<ul style="list-style-type: none"> - nem todos presentes - facilidade nos acessos
22/01/14	AEROPORTO TOM JOBIM	embarque	<ul style="list-style-type: none"> - formação do grupo - proposta instagram - problemas PF   	<ul style="list-style-type: none"> - nem todos usam smartphones - temas de próximas reuniões
23/01/14	trajeto entre aeroporto e hotel	trânsito intenso	<ul style="list-style-type: none"> - tempo livre 	<ul style="list-style-type: none"> - discussão sobre identidade da cidade
	restaurante	almoço	<ul style="list-style-type: none"> - aluna não fala inglês 	<ul style="list-style-type: none"> - temas de próximas reuniões
	Dia Art Foundation	visita	<ul style="list-style-type: none"> - sensibilização arte 	<ul style="list-style-type: none"> - idem demais áreas?
	MoMA	caminho (Love) MoMA legenda cegos	<ul style="list-style-type: none"> - alteração inesperada - enunciados prévios 	<ul style="list-style-type: none"> - espaço para programa não previsto - atividades "gatilho"
	Carmine's	jantar confraternização	<ul style="list-style-type: none"> - desenho coletivo - Laura Santiago no grupo  	<ul style="list-style-type: none"> - uso do caderno em conjunto - apresentação de ex-aluna do programa DSGEXT

Figura 46: Tabela 1 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY

DIA	LOCAL	EVENTO	OPORTUNIDADE	OBSERVAÇÃO
24/01/14	Saint Patrick Cathedral	visita	- apesar das obras 	- marcando a intenção mesmo com adversidades 
	MoMA PS1	visita	- encontro marcado - reunião no local   	- ex-aluno Daniel Bo/ + 1 olhar - debate após visita
	Times Square	tempo livre	- reforçando o coletivo 	- programas não previstos estreitando a convivência/ compras + jantar
25/01/14	Frick Collection	visita	- assinatura do grupo 	- percepção de corpo de grupo
	Mezzanino Hotel	1º encontro	- cadernos de viagem   	- aprendizagem e troca - atividades disparadoras
26/01/14	Work & Co	visita	- encontro ex-alunos 	- empatia e surpresa
	Jane's Carousel	caminhada	- reflexão sobre rede 	- entusiasmo inspirador
27/01/14	Saatchi & Saatchi	visita	- ex-aluno, novo mercado  	- visão ampliada

Figura 47: Tabela 2 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY

DIA	LOCAL	EVENTO	OPORTUNIDADE	OBSERVAÇÃO
28/01/14	Galerias Chelsea	tour arte guiado	- aprimoramento 	- especialista= sentido + profundo à visita - incluir atividade próximo programa
	Sleep no more	espetáculo interativo	- experiência intensa 	- ampliando a percepção
29/01/14	Estudio VikMuniz	visita	- próxima e reveladora - aprimoramento - conexões - ligação com o Brasil - acesso restrito    	- participação exclusiva - incluir atividade próximo programa - articulação entre atrações do programa - inspiração pessoal e profissional - aumento da rede - conexão para Davison
	Estudio JR	visita	 	
30/01/14	Blickart	compras	- reconhecimento  	- caminho certo - depoimento atetivo, garidão
	Mezzanino Hotel	palestra Solange Fabião	- encontro ex-alunos  	- reposicionar na grade
	TDC	palestra Roberto de Viq	- atividade inspiradora - sorteio de brindes     	- empatia ex-aluno, trajetória notável - articulação entre atrações do programa - conexão para Davison
	Mezzanino Hotel	2º grande encontro	- cadernos de viagem    	- aprendizagem e troca - atividades disparadoras

Figura 48: Tabela 3 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY

DIA	LOCAL	EVENTO	OPORTUNIDADE	OBSERVAÇÃO
30/01/14	Mezzanino Hotel	2º grande encontro	  <ul style="list-style-type: none"> - cadernos de viagem 	<ul style="list-style-type: none"> - envolvimento e entusiasmo - carinho e gratidão
31/01/14	Papelaria Staples	Caminho Met	  <ul style="list-style-type: none"> - alteração inesperada 	<ul style="list-style-type: none"> - espaço para programa não previsto
01/02/14	Metropolitan	visita	  <ul style="list-style-type: none"> - autonomia - conexão coletiva 	<ul style="list-style-type: none"> - desenhando junto - sentido de grupo
01/02/14	Brooklyn Museum	visita	  <ul style="list-style-type: none"> - encontro ex-alunos - superando expectativas 	<ul style="list-style-type: none"> - empatia, enriquecimento debate - ampliando sentido do design
02/02/14	DIA:Beacon	viagem	  <ul style="list-style-type: none"> - visita de grande impacto - cansaço generalizado 	<ul style="list-style-type: none"> - reunião no local - reflexão sobre tamanho viagem
03/02/14	WILLIAMSBURG Art Library	visita	   <ul style="list-style-type: none"> - alteração inesperada - curiosidade e pesquisa 	<ul style="list-style-type: none"> - lidando com as intempéries - acompanhando outros diários - entrando para os arquivos do Sketch Book Project
	Meat Ball	almoço	 <ul style="list-style-type: none"> - desenhos nos cadernos 	<ul style="list-style-type: none"> - inspiração forte e imediata
	Co-working space	visitas	  <ul style="list-style-type: none"> - depoimentos reais 	<ul style="list-style-type: none"> - coincidências e conexões - trajetórias profissionais cooperativas

Figura 49: Tabela 4 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY

DIA	LOCAL	EVENTO	OPORTUNIDADE	OBSERVAÇÃO
03/02/14	Oslo Café	encontro	- ex aluno Miwvi  	- construção de carreira nas artes - assertividade e adaptação
		encontro	- ex aluno Daniel Bó e esposa, Fló  	- apresentação de portfólio e bandeiras - criação independente e disputada
04/02/14	Parsons	visita	- desencontro - crítica ao serviço  	- atendimento atrasado e fraco - apoio e empenho integral de ex alunas
	Carmine's	almoço despedida	- confraternização - gratidão e reconhecimento  	- empatia, enriquecimento debate - ampliando sentido do design
	Aeroporto JFK	surpresa	- gratidão e reconhecimento 	- emoção e encorajamento
		foto despedida	- grupo formado  	- inclusão simbólica Isabella - reencontro acertado

Figura 50: Tabela 5 em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY

6.2.2 Respostas ilustradas

Ao visualizar, verifiquei os seguintes pontos em um total de 70 marcadores, em números absolutos

- planejamento: 02
- desdobramentos: 08
- melhoramentos: 02
- ajustes: 05
- afeto e reconhecimento: 07
- conexões, acesso: 09
- aprendizagem: 25
- integração: 12

Em números percentuais, temos:

- planejamento: 3%
- desdobramentos: 11%
- melhoramentos: 3%
- ajustes: 7%
- afeto e reconhecimento: 10%
- conexões, acesso: 13%
- aprendizagem: 36%
- integração: 17%

Em termos de composição do programa, podemos concluir que os marcadores relativos à razão, somam 24% do total, enquanto que aqueles relacionados à moção, chegam a impressionantes 76% !

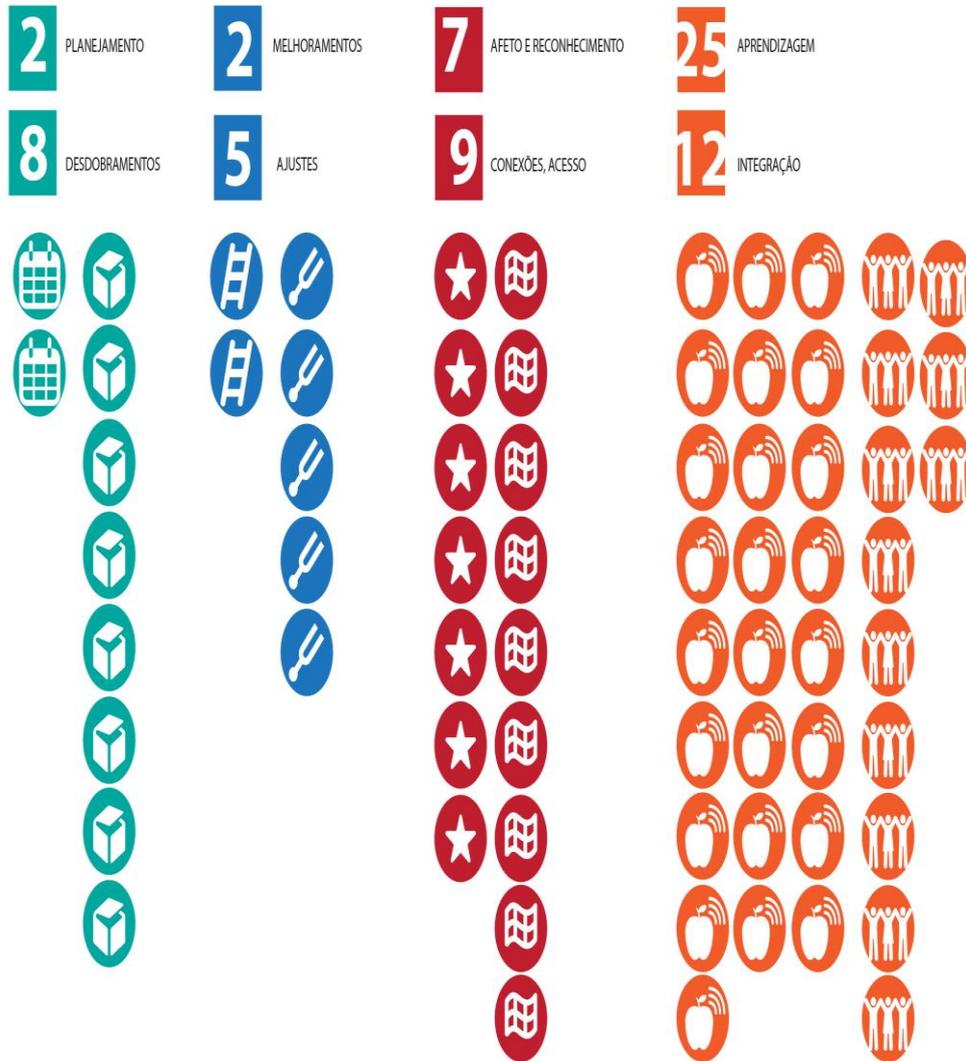


Figura 51: Tabela em símbolos do programa Design no Exterior 2014-NY

6.2.3. Visualizando a matemática

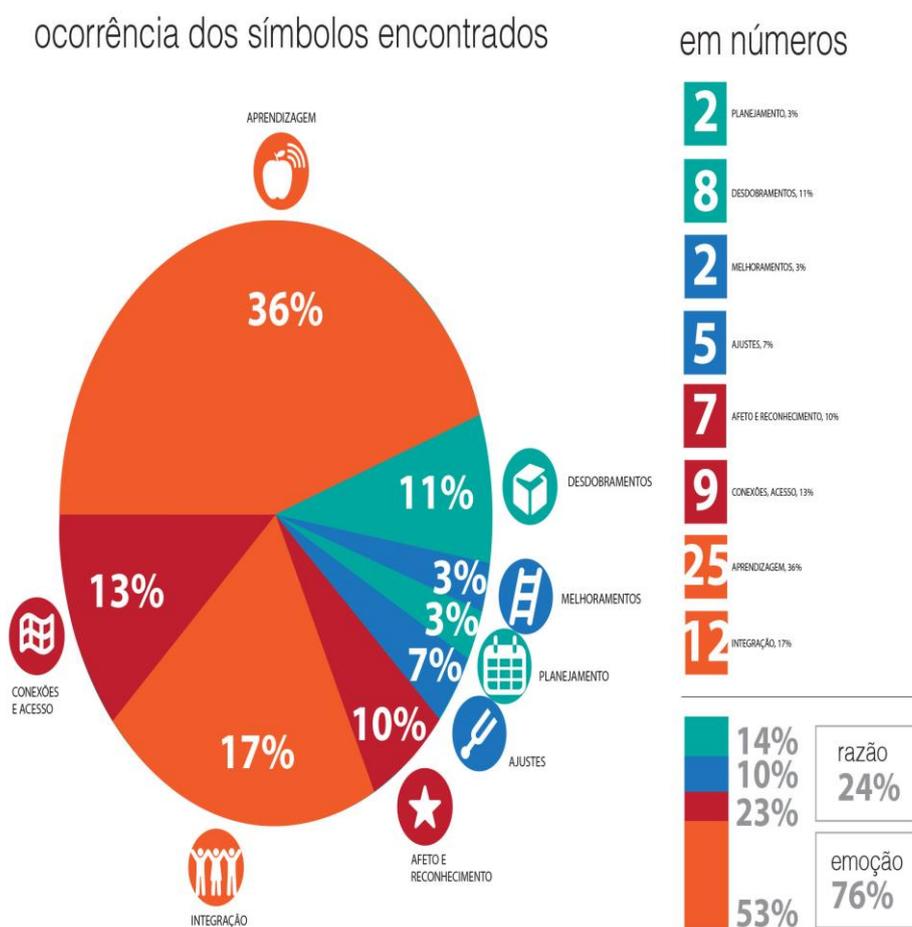


Figura 52: Gráfico da ocorrência dos números encontrados.

Diante destes números e no ímpeto de trazer cada vez mais visualidade aos resultados, procedi para colocá-los em um gráfico de pizza, onde suas cores e intensidades pudessem ser prontamente distinguidos.

Como Designer, não resisti ao impulso de construí algumas estampas com o conjunto de marcadores. Cada *rapport* (unidade mínima a ser repetida na estampa) traz consigo a relação real de ocorrência dos marcadores. E, desta vez, de uma forma mais abstrata e global, também fica nítida a participação das variáveis observadas no programa. Em qualquer dos agrupamentos fica visível a atmosfera apurada pela temperatura das cores

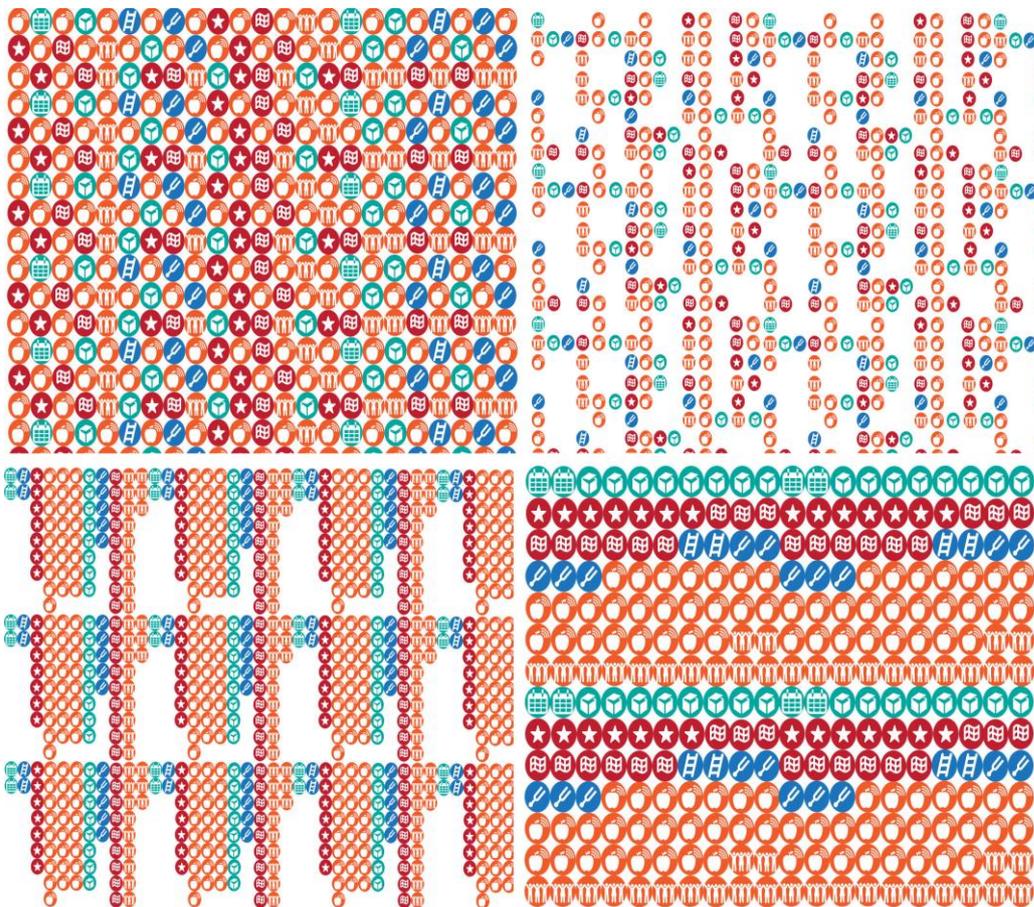


Figura 53: Estampas com o conjunto de marcadores

6.2.4. Desdobramento 1

Um passo seguinte foi o de mapear, segundo os mesmos parâmetros, todas as fotos que foram postadas pelos alunos no instagram “#Designnoexterior2014”, que criamos juntos ainda no aeroporto Tom Jobim, ao tempo do nosso embarque para NY.

Este foi o primeiro dos desdobramentos que o programa gerou. Mal podia esperar para ver como tinha sido o olhar do grupo sobre a nossa experiência. Durante a viagem, embora tivesse pleno acesso ao grupo, tomei o cuidado de não interferir em seus movimentos de postagem para não contaminar os resultados que poderia conhecer depois. Sabia que ali, cada um deles foi capaz de postar livremente aquilo que mais os interessou ou impressionou ou surpreendeu.

Ao organizar todo o material para exame, em um total de 36 fotos, percebi que deveria estabelecer mais uma categoria para a análise. Havia grande incidência de fotos alusivas a jogos e brincadeiras do grupo, e seria difícil enquadrar estes acontecimentos em alguma categoria anterior.

Desta forma, acrescentei a categoria piada interna, e atribuí a ela o seguinte símbolo:



Figura 54: Símbolo da categoria “Piada Interna.”

Este foi mais um desenho a receber uma cor quente, por se referir a uma relação bastante próxima e afetuosa entre os alunos. Das 2 quentes definidas anteriormente, optei por usar a cor vinho, que fazia parte do sub-grupo de marcadores mais adiantados, considerando que esta categoria só teve espaço para acontecer a partir da intimidade alcançada entre os alunos.

Isto feito, comecei a categorizar cada foto e incluí uma pequena legenda para marcar a situação em que se deu aquela passagem. Esta será mais uma tabela que deve figurar como outro apêndice (3) de meu trabalho. Segue um exemplo de uma página deste desdobramento



Figura 55: Exemplo do desdobramento.

Ao classificar todo o material postado pelo grupo, percebi que só foram encontrados ali, indicadores do grupo de EMOÇÃO. Entre as fotos que demonstravam integração- 20%, aprendizagem 47%, aquelas imagens que se relacionam a afeto e reconhecimento 8%, e as que se referiam às piadas internas do grupo, 25%.

Apesar do número alto de “brincadeiras”, percebi que praticamente a metade das fotos faziam referência à situações de encantamento dos alunos diante de momentos claros de aprendizado. Outra contagem também expressiva foi aquela correspondente à situações de integração e confraternização entre os alunos, que inclui as piadas internas.

6.2.5 Desdobramentos 2

A próxima etapa foi utilizar os mesmos critérios para avaliar os desdobramentos seguintes, que foram os Encontros e Eventos. (apêndice 4) Aqui, participamos juntos dos seguintes momentos:

- Jantar casa professora para o grupo= maio de 2014
- Aplicação de cartazes na Rocinha = maio de 2014
- Publicação evento PUC-Rio/ Rocinha, site fotografo JR= setembro de 2014
- Publicação evento PUC-Rio/ Rocinha, JB online = maio de 2014
- Publicação caderno da aluna Mariana Souza na Art Library/NY= agosto de 2014
- Palestra ex-aluna Liana Nigri, disciplina DSG 1301= maio de 2014
- Exposição ex-aluna Laura Santiago RJ= setembro de 2014
- Exposição ex-aluno Andre Castro NY= novembro de 2014

Abaixo, dois exemplos de páginas deste apêndice, a primeira mostrando uma das reportagens, feita por um dos alunos que é colunista do JB online, sobre os cartazes feitos das fotos do grupo pelo JR e colocados na Rocinha, e a outra mostrando alguns spreads do caderno que a aluna Mariana Souza fez e publicou no Sketch Book Project, da Art Library- Brooklyn.



Publicado em abril de 2014 <http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2014/04/26/designers-realizam-intervencao-na-rocinha/>

Figura 56: Reportagem no jornal do Brasil, publicado em 26 de março de 2014. <http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2014/04/26/designers-realizam-intervencao-na-rocinha>



Figura 57: Ampliação da capa, contra-capa e dois spreads.

Sob o mesmo olhar, nos 7 eventos, com um total de 25 marcadores novamente, todos do grupo da EMOÇÃO, temos em números absolutos:

- aprendizagem: 07
- integração: 05
- acessos e conexões: 07
- afeto e reconhecimento: 04
- piada interna: 02

Em números percentuais, temos:

- aprendizagem: 28%
- integração: 20%
- acessos e conexões: 28%
- afeto e reconhecimento: 16%
- piada interna: 8%

Também aqui, percebe-se que a aprendizagem não perdeu velocidade e continua, mas chama a atenção o número de conexões que estes desdobramentos consolidaram. Seja do grupo entre si, ou de um ou alguns elementos deste grupo com outros agentes de Design, direta ou indiretamente envolvidos no programa.

Apesar de todo o clima de descontração que pontuou os encontros, foi possível observar a seriedade e o comprometimento dos alunos com estas “extensões” da viagem. Os compromissos assumidos em nome do grupo tiveram grande receptividade e empenho em sua execução, significassem eles momentos de prazer e relaxamento ou mesmo trabalho duro de equipe.

6.2.6 Consolidação dos desdobramentos

Os dois resultados (Instagram + Eventos) foram planejados em uma mesma tabela e o efeito final apontou para 40% de destaque para aprendizagem, 0% para momentos de integração do grupo, 11% para afeto/reconhecimento e também para acesso/conexões, e por fim 18% para a categoria piada interna.

A conclusão aqui é a de que mesmo depois da experiência principal, o grupo já dispõe de entrosamento suficiente para que a aprendizagem possa fluir e predominar nos encontros posteriores, não importando o cenário. Nas ocasiões subsequentes em que aconteceram estas reuniões, houve espaço não apenas para uma confraternização carinhosa e informal, como também seguiram se desdobrando ainda em novas oportunidades.

consolidação desdobramentos

	APRENDIZAGEM	INTEGRAÇÃO	AFETO E RECONHECIMENTO	CONEXÕES E ACESSO	PIADA INTERNA	
%						
INSTAGRAM	33% 67%	17	7	3	/	9
36 ocorrências	47%	20%	8%	/	25%	
ENCONTROS E EVENTOS	52% 48%	7	5	4	7	2
25 ocorrências	28%	20%	16%	28%	8%	
TOTAL GERAL	40% 60%	24	12	7	7	11
61 ocorrências	40%	20%	11%	11%	18%	

Figura 58: Tabela de consolidação dos desdobramentos.

6.2.7 Resultados gerais

Considerando os desdobramentos como continuidade do programa, decidi olhar para o conjunto de indicadores para uma conclusão mais geral. Temos aqui então a soma dos marcadores de cada categoria somando-se o programa em si (tabela2), com seus desdobramentos (1+2):

	2% PLANEJAMENTO 	6% DESDOBRAMENTOS 	2% AJUSTES 	4% MELHORAMENTOS
18% INTEGRAÇÃO 	37% APRENDIZAGEM 	12% ACESSOS E CONEXÕES 	11% AFETO E RECONHECIMENTO 	8% PIADA INTERNA

Figura 59: Tabela de soma dos marcadores de cada categoria.

Consolidação tabelas DESIGN NO EXTERIOR | NY 2014



Figura 60: Consolidação geral das tabelas.

Esta consolidação aumentou ainda mais a participação dos indicadores do grupo EMOÇÃO nos resultados. Ao estabelecer um conjunto que incorporou além do programa seus desdobramentos, percebemos que o grupo preponderante de indicadores alcançou 86%, contra 14% do grupo RAZÃO.

Ainda que possa parecer um desequilíbrio, creio que esta percepção pode mudar como veremos nas considerações gerais

7 Considerações finais

Enquanto ponderava sobre tudo o que foi feito, resolvi mudar o nome do último capítulo de minha dissertação quando vi que não seria capaz de chegar apenas a uma conclusão a respeito.

Constatei também que pensar sobre estas experiências acaba acontecendo de uma forma bem mais ampla e praticamente interminável. Novas constatações podem ser testadas em programas futuros e seguir devolvendo novas impressões, que sempre servem para nortear as experiências seguintes.

Na verdade, tudo isso é um sistema vivo, que depende de seus elementos e conjunções para se configurar. Algumas aprendizagens posso acumular sob a forma de experiência, mas, uma vez que as variáveis nunca são as mesmas (professores, alunos, destinos, atividades, condução...), sempre haverá aspectos inesperados e cada viagem será sempre única..

Pelo exposto, acho que o processo investigativo inteiro me interessou bem mais e durante esse tempo consigo pensar em destacar algumas descobertas que fiz. Ainda que não estejam encadeadas e que representem alguns aspectos do que foi estudado, passo a enumerar algumas delas aqui:

7.1. Integração e aprendizagem

Um aspecto que acho importante comentar foi o que verifiquei em relação aos desdobramentos do programa. Pude concluir que, uma vez integrado, o grupo rende melhor e isso favorece o processo de ensino-aprendizagem.

Talvez isso me leve a experimentar encontros prévios com os alunos, antes das viagens, preparando antecipadamente esse terreno, para que a experiência em si

possa contar com esse entrosamento mais adiantado. Penso que isso possa potencializar os ganhos de ensino-aprendizagem.

Quando o grupo se conhece melhor, o fato de estarem juntos vivenciando algo novo, em uma cidade diferente, conta também com uma certa alegria coletiva, onde cada um aproveita a experiência por si mesmo e ainda pelo outro. Além de já terem muito em comum; o curso, a universidade e os interesses, quando passam a conhecer as preferências do colega dentro do campo (ilustração, fotografia, arte e etc.) e também as peculiaridades da personalidade do outro, os olhares se multiplicam e os “radares” passam a captar informação útil e endereçada por todos os lados. Assim, esta que poderia ser vista como uma preocupação antes exercida apenas pelo professor, ganha expressão e potência e todos passam a se interessar e sintonizar no que interessa aos colegas. Enriquecimento garantido.

7.2. Razão & Emoção

Com relação a estes marcadores, posso dizer que os resultados identificados na experiência e destacados pelas consolidações que fiz, sejam em conjunto, um grande estímulo à aprendizagem. Dentro deste ambiente de integração e companheirismo, incluindo a relação professor-aluno, a aprendizagem se converte em um fluxo natural, que se incorpora nas mínimas ações dentro de um cenário colaborativo e fértil, de inúmeros e inesperados estímulos.

Para este aluno, se o design era uma matéria que se podia encontrar apenas durante seu tempo letivo tradicional, através desta experiência, aparece colocada em momentos inusitados dentre as muitas horas de convívio diário, intenso e consecutivo.

A vivência diuturna dos aspectos específicos de design, seja considerando o problema, o público alvo, processo ou produto final, ao longo de exemplos cotidianos e reais, conduz à reflexão e favorece a compreensão e assimilação dos conteúdos. e princípios do campo.

Por outro lado, fica também evidente que este resultado advém do intervalo de observação da experiência. Durante a fase preparatória da viagem, quando se constrói o suporte necessário para que o programa transcorra em segurança e explorando ao máximo seu potencial, existe a preponderância dos indicadores do conjunto racional..

Na verdade, longe de serem opostos, é do equilíbrio entre estes fatores que se faz uma experiência desta extensão. Mas, essa não é uma conclusão que me cause estranhamento. Mas, vê-la nascida de todo este trabalho de observação e submetida a esta metodologia de visualidade que o próprio trabalho indicou, é muito esclarecedor. Para mim, ela explica e certifica o sucesso que estas vivências do programa “Design no Exterior” vem alcançando junto ao curso de Design da PUC-Rio e me encoraja a pensar sempre em novos desafios.

7.3 Visualizando opiniões

O desejo espontâneo que surgiu ao final de cada entrevista, de procurar representar o pensamento de diversos autores, de visualizar os discursos de cada professor, é o mesmo que ocorreu também em relação ao diário desta última viagem, objeto desta análise e dissertação.

Ao me preocupar com o leitor deste trabalho, facilitando e contribuindo para um melhor entendimento de cada informação, percebo o quanto o Design se infiltrou em minha vida, meu pensamento e maneira de me aproximar das questões que se me apresentam.

Nada disso foi planejado, simplesmente aconteceu da forma mais simples e natural possível. É assim que eu penso o tempo todo, não apenas quando estou projetando em Design. Classificar, organizar, sintetizar, hierarquizar, conduzir, facilitar,

ensinar, oferecer e levar em conta o outro (usuário, cliente, interlocutor, público alvo...) faz parte de minha natureza pessoal.

Será que a metodologia do Design se infiltrou em mim, ou será que essas características já eram minhas e foram elas que me fizeram me aproximar deste campo? Sei lá... tarde demais para saber ao certo.

O que sei é que sou Design. Eu e o Design somos um só.

7.4.

Designer professora ou professora de Design?

Outro aspecto que também se sobressaiu para mim é que a docência e o Design têm muito em comum. Ter como objetivo transmitir da melhor forma um determinado conteúdo para o outro é exatamente reproduzir o pensamento de Design.

Na sequência reflito: se eu e o Design nos fundimos em minha vida pessoal, o que dizer sobre meu exercício profissional como docente? Pois é, acho que não tem mesmo como escapar de tanto Design por todos os lados. E, se ele será sempre meu intermediário nas relações com diferentes públicos e questões, será que posso afirmar que Design é também relação?

Fico verdadeiramente feliz em conseguir aliar o pensamento sobre o Design, pelo viés do ensino neste campo, com um resultado que pôde também se materializar através do projeto em Design, mais precisamente na comunicação visual desta minha dissertação.

É como um ciclo onde o Design foi o centro da questão e também da solução.

7.5 Potencialidade

Este é um projeto que já nasceu com uma bela bagagem de possibilidades. Embora até o momento tenham sido exploradas apenas seis cidades, existem certamente inúmeros destinos que poderiam ser interessantes para novos programas. Tenho a intenção de continuar explorando estas capacidades, e penso em algumas dimensões:

Destinos dentro do próprio Brasil, como bem sugeriram alguns alunos presentes no grupo focal. Inhotim, por exemplo;

Oferecer receptivo para profissionais estrangeiros que tenham se tornado parceiros destes programas, com possibilidades de palestras, workshops ou programas específicos;

A interdisciplinaridade pode promover combinações interessantes para o intercâmbio entre áreas distintas e/ou afins;

Criar programas específicos de trabalho para nossos alunos no exterior, junto a fábricas, gráficas, escritórios, coletivos, galerias e etc...

Bem, estas são algumas das possibilidades. Espero ter bastante energia para embarcar nestas novas experiências!

7.6 Design para o futuro

Ao concluir os capítulos 2 e 3, percebi o quanto me impressionou a unanimidade entre o pensamento de vários autores ali representados. Rui Canário, Luiz Eduardo Wanderley, Julio Cesar Furtado colocam em xeque o futuro da escola e da educação nos moldes tradicionais. Em seguida, Gui Bonsiepe, Alain Findelli, Don Norman e Carlos Teixeira não poupam críticas ao ensino do Design, que, ao que percebem carece de uma séria e urgente revisão, com vistas ao futuro, que chega cada vez mais rápido.

Bem, nesse cenário de dupla instabilidade, a da educação e a da educação especificamente em Design e a julgar pelos tempos em que vivemos, onde diversas crises são deflagradas à nossa volta, temos pelo menos dois caminhos a escolher: ficar paralizados, inertes ou indiferentes a estas questões, diante de tanto trabalho a ser feito ou aproveitarmos estas oportunidades para operar de forma pró-ativa, coletiva e responsável em nosso ambiente. E, para nós designers, há sempre recurso para identificar novas frentes de atuação.

Gosto de pensar em o quanto as viagens me trazem a percepção de minha diminuta existência, diante do tamanho do mundo, da simultaneidade dos fatos e das imensas possibilidades que existem para serem exploradas. Mas, ao mesmo tempo, gosto também de pensar que o macro é feito pela soma dos micros e que tudo o que for feito em nossa ecologia pessoal, acaba impactando as camadas seguintes e assim sucessivamente.

Neste sentido, me vejo inserida em um movimento de reação e recuperação desta ecologia. Termino esta dissertação confiante de que tenho feito uma pequena parte nesta direção e desejando que estas experiências possam inspirar e contagiar os que por elas se interessarem.

E, por fim, como o Design só se realiza no outro, esta seria a melhor maneira de completar este ciclo e concretizar verdadeiramente o projeto ‘DESIGN NO EXTERIOR PUC-Rio, de forma multidimensional.

8 Referência Bibliográficas

< <http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/use-crise-criar-482738>.
aprendizagem e o papel do professor, Editora Mediação, Porto Alegre,
2008

Associados, Brasília, 3ª edição-1989

BAUER, Martin W e GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto,
imagem e som- um manual prático. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2ª
edição, 2000.

BERTONI, Cristopher; WOLFF, Fabiane. Transformar o ensino para
transformar os Designers para transformar a sociedade. IX SePesq-
Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação- Centro Universitário
Ritter dos Reis. Porto Alegre. 19-22.nov.2013. disponível em: <[http://
www.uniritter.edu.br](http://www.uniritter.edu.br) > acessado em 17/12/2013

BOMFIM, Gustavo Amarante. Sobre a possibilidade de uma teoria em
Design,

BONSIEPE, Gui. Reflections on a Manifesto for Design Education 2011.
In:

CANÁRIO, Rui. A escola tem futuro? Das promessas às incertezas, Editora Artmed, Porto Alegre, 2006

[change_17993.asp](#)> acessado em 01/12/2013

CROSS, Nigel. Designerly ways of Knowing. London: Springer, 2006.

em: <http://www.core77.com/blog/columns/why_Design_education_must_

Entrevista de Rui Canário, concedida a Paula Nadal, edição 002, junho 2009

Estudos em Design v.2-, n.2 (nov)- , 1994 – Rio de Janeiro: Associação de Ensino de Design no Brasil

FINDELI, Alain. Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical, methodological, and ethical discussion. Design Issues, v.17, n. 1, p. 5-17, 2001.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar Projetos de Pesquisa. Editora Atlas, São Paulo, SP - 5ª edição, 1987

Graphic Design Associations, 2011. P. 50-53

<http://thenounproject.com/>acessado em 12/12/2014

<http://www.inovacao.unicamp.br/destaques/brasil-perde-seis-posicoes-em-ranking-mundial-de-inovacao-e-e- apenas-o-64> > acessado em 27/10/2013

ICOGRADA Design Education Manifesto 2011. [S.I.]: International Council of Inovação Educacional no Brasil: Problemas e Perspectivas, Editora Autores Janeiro: PUC-Rio, 2003. (CD-ROM)

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida. Aprendendo aprendizagem. 3. Ed. Rio de Janeiro

NORMAN, Donald. Why Design Education Must Change. 2010. Disponível
PARLETT, M.; HAMILTON D. Avaliação iluminativa, uma nova abordagem no estudo de programas inovadores, 1972

SANTOS, Júlio Cesar Furtado dos. Aprendizagem significativa-modalidades de SCHON, Donald A. Educando o profissional reflexivo, um novo design para o ensino SCHON, Donald A. Educando o profissional reflexivo, um novo design para o ensino shtml>acessado em 06/11/2013

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A viagem a Paris de artistas brasileiros no final do século XIX, Tempo Social, revista de sociologia USP, v.17, n.1

TEIXEIRA, Carlos. The Entrepreneurial Design Curriculum: Design-based learning for knowledge-based economies. Design Studies, v.31, n.4, p. 411-418, 2010.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. - Parâmetros sociológicos da inovação, 1989: